

# Os dedos como extensão do pensamento – os usos das tecnologias por jovens de uma escola pública

Relatório de projeto

José António Costa Martins

Trabalho realizado sob a orientação de

Professora Doutora Maria Isabel Alves Rodrigues Pereira

Leiria, julho de 2014

Mestrado em Ciências da Educação – Utilização Pedagógica das Tecnologias de

Informação e Comunicação

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

À Guida, ao António e ao José

## AGRADECIMENTOS

Num trabalho como este onde nos cruzamos com muitas pessoas que acabaram por influenciar a realização deste mestrado, todos os agradecimentos podem ser poucos.

À minha orientadora Professora Doutora Isabel Pereira pela elevada competência na orientação e confiança depositada, pelo apoio e encorajamento incondicional que ajudou a tornar este trabalho uma válida e agradável experiência de aprendizagem.

Aos professores que me ajudaram a traçar esta caminhada.

À direção do meu agrupamento e aos meus colegas da escola que permitiram que este trabalho fosse realizado.

À minha colega Eunice que me ajudou a colocar as contas em dia.

Aos meus colegas de mestrado em geral, mas com especial carinho, aos que participaram comigo em trabalhos de grupo, Inês Marques, Margarida Almeida e João Baptista.

À minha colega de mestrado, Anabela Abreu, pelo incentivo, pelas críticas, opiniões e apoio demonstrado ao longo destes dois anos.

Ao António e ao José.

À minha esposa, pela disponibilidade incondicional e pelo apoio afetivo que sempre demonstrou.

## RESUMO

Num período onde a oferta mediática é diversificada e onde se verifica um fornecimento múltiplo de informação pela rede, é um foco de interesse perceber a forma como é organizada a utilização dos media na vida quotidiana dos jovens, tanto no tempo, como no espaço. Hoje é reconhecido o contributo dos media para novos tipos de socialização como o aprender sozinho, por influência dos pares e os filhos que ensinam pais e avós. Estes jovens nasceram rodeados por tecnologias digitais e móveis e são designados por “nativos digitais” pois têm capacidades inatas para o seu manuseamento. Também nos últimos anos temos vindo a assistir a um apetrechamento das escolas de meios tecnológicos e a uma proliferação da oferta de meios de comunicação cada vez mais acessíveis a todos. Este relatório de projeto, estuda a utilização dos media pela geração de alunos que frequenta uma escola pública de Ourém. Com base numa amostra de 674 alunos do 3º ciclo e do nível secundário, verificou-se que a maioria dos jovens não só premeia o computador e a ligação à internet como seu ambiente mediático, mas também atribui grande importância ao telemóvel. Adicionalmente deixou de existir um local privilegiado para os jovens acederem à informação digital utilizando os vários meios à sua disposição. O estudo revela que as SMS (*Short Message Service*) e as redes sociais destacam-se como os meios de comunicação mais utilizados pelos inquiridos. No tempo utilizado nas tecnologias para fins lúdicos ou trabalho, o telemóvel sobressai em relação aos outros meios, sendo também, em caso dos jovens terem de prescindir de uma delas, a tecnologia mais difícil de abdicar. Para estes jovens a leitura seria o mais fácil de deixar de fazer caso tivessem que optar. A socialização com os amigos utilizando quer o computador, quer o telemóvel é evidenciada neste estudo.

### **Palavras chave**

E-generation, Nativos Digitais, Plano Tecnológico, Sociedade da Informação, Tecnologia Educativa

## ABSTRACT

In a period where the media offer is diverse and where there is a multiple supply of information by the network, understanding the way young people organize the use of media in their everyday life, both in time and space, becomes highly interesting. Nowadays the contribution of the media to new types of socialization is recognized, namely learning by ourselves, by the influence of peers and also children who teach parents and grandparents. These young people were born surrounded by digital and mobile technologies, and are therefore called “digital natives” as they own innate skills to handle them.

Moreover, in recent years we have witnessed a supply of schools with technological media and an increase in media offering increasingly accessible to all.

This project report studies the use of media by the generation of students who attend a public school in Ourém. Based on a sample of 674 students who attend high school, we could conclude that most young people not only elect the computer and the internet connection as their media environment, but also attach great importance to their mobile. Additionally there is no longer a privileged place for young people to access digital information using several means at their disposal. This study also showed that SMS (*Short Message Service*) and Social Networks stand out as the most used media by the respondents. As for the time spent using technologies for entertainment or work purposes, the mobile stands out in relation to other means, being also the hardest one to be without whenever they have to choose. Likewise, for these young people reading would be the easiest to stop doing. Socializing with friends using either the computer or the phone is evidenced in this study.

### Key Words

E-generation, Digital Natives, Technological Plan, Information Society, Educational Technology

# ÍNDICE GERAL

Agradecimentos .....	iii
Resumo .....	iv
Abstract.....	v
Índice Geral .....	vi
Índice de Figuras .....	viii
Índice de Tabelas .....	ix
Abreviaturas.....	x
Capítulo 1 – Introdução .....	1
1.1 Contextualização.....	2
1.2 Objetivos.....	5
1.3 Questões de investigação .....	6
1.4 Estrutura do trabalho .....	7
Capítulo 2 - Enquadramento teórico.....	8
2.1 Plano tecnológico .....	9
2.2 Plano tecnológico da educação.....	14
2.2.1 Tecnologia .....	17
2.2.2 Formação .....	18
2.2.3 Conteúdos .....	18
2.3 Tecnologias educativas.....	22
2.4 Tecnologias emergentes .....	25
2.5 Formação de professores .....	27
2.6 Conteúdo.....	32
Capítulo 3 - Metodologia.....	37
3.1 Procedimentos .....	38

Capítulo 4 - Apresentação dos dados e discussão dos resultados.....	40
4.1 Caraterização da amostra.....	40
4.2 Caraterização pessoal e académica.....	41
4.3 Caracterização socioeconómica.....	42
4.4 Caraterização do parque tecnológico dos alunos.....	43
4.4.1 Quais os media que utilizam na comunicação?.....	43
4.4.2 Onde e quando utilizam os media à sua disposição?.....	45
4.4.3 Que informação e como a “consomem”.....	51
Capítulo 5 – Conclusões finais, limitações ao estudo e trabalho futuro.....	72
5.1 Considerações finais.....	72
5.2 Limitações do estudo.....	75
5.3 Trabalho Futuro.....	76
Bibliografia.....	77
Anexos.....	1
Anexo 1.....	2
Anexo 2.....	9
Anexo 3.....	10

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1- Eixos de ação do Plano Tecnológico .....	9
Figura 2- Exemplos de algumas medidas integradas no eixo de ação Conhecimento (“Plano Tecnológico: Uma estratégia de crescimento com base no Conhecimento, Tecnologia e Inovação”, 2005).....	10
Figura 3- Exemplos de algumas medidas integradas no eixo de ação Tecnologia (Unidade de coordenação do plano tecnológico, 2005) .....	11
Figura 4- Exemplos de algumas medidas integradas no eixo de ação Inovação (“Plano Tecnológico: Uma estratégia de crescimento com base no Conhecimento, Tecnologia e Inovação”, 2005) .....	12
Figura 5-Distribuição das medidas por objetivo (Gabinete do Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico, 2009) .....	13
Figura 6- Limitações à modernização do ensino (Ministério da Educação, 2008b) .....	15
Figura 7- Objetivos nacionais para a modernização da educação (Ministério da Educação, 2008b) .....	17
Figura 8-Níveis de Formação .....	29
Figura 9 - Pilares em que deve assentar a preparação dos professores para o uso das TIC (adaptado de Costa et al., 2008, p.247) .....	30
Figura 10- Modelo TPACK (Koehler, 2011) .....	31
Figura 11- Projeto Mais-Escola.pt (Ministério da Educação, 2008, p.31) .....	33
Figura 12- Universo- População Alvo – Amostra .....	40



## ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1- Projetos a implementar no eixo Tecnologia (Ministério da Educação, 2008, p.18).....	17
Tabela 2- Projetos a implementar no eixo Formação (Ministério da Educação, 2008, p.37).....	18
Tabela 3- Projetos a implementar no eixo Conteúdos (Ministério da Educação, 2008, p.30).....	19
Tabela 4- Escalão etário – sexo (%) .....	41
Tabela 5- Área de Estudos- Ano de Escolaridade(%) .....	42
Tabela 6- Computadores portáteis e fixos existentes no agregado familiar (%) .....	43
Tabela 7- Utilização do telemóvel e tipologia (%).....	44
Tabela 8- Locais de acesso à internet por parte dos inquiridos (%) .....	46
Tabela 9- Local de acesso ao computador em casa (%) .....	47
Tabela 10- Acesso à internet nos diferentes períodos do dia .....	48
Tabela 11- Período de utilização versus escalão etário (%) .....	49
Tabela 12- Período de utilização versus sexo (%).....	50
Tabela 13- Conteúdos acedidos pelos inquiridos (%) .....	51
Tabela 14- Comunicação através da internet (%).....	52
Tabela 15- Utilização da internet – Lazer e Trabalho/Estudo (%) .....	55
Tabela 16-Plataformas utilizadas como suporte para as aulas (%) .....	57
Tabela 17- Tempo utilizado (%).....	58
Tabela 18- Comunicação com o telemóvel (%) .....	59
Tabela 19- Máximo de operações no telemóvel por sexo e por dia .....	61
Tabela 20- Outras funcionalidades do telemóvel e frequência de utilização (%) .....	63
Tabela 21- Comunicação com telemóvel – Destinatários (%) .....	65
Tabela 22- O media mais difícil de deixar de utilizar (%) .....	66
Tabela 23- O media mais fácil de deixar de utilizar (%).....	67
Tabela 24-O impacto no quotidiano dos jovens com a utilização dos videojogos (%)..	68
Tabela 25- O impacto da internet no quotidiano dos jovens (%) .....	70

## ABREVIATURAS

**AECT** Association for Educational Communications and Technology

**MINERVA** Meios informáticos No Ensino: Racionalização, Valorização, Atualização

**EBSO** Escola Básica e Secundária de Ourém

**PT** Plano Tecnológico

**PTE** Plano Tecnológico da Educação

**SI** Sociedade de Informação

**TE** Tecnologia Educativa

**TIC** Tecnologia de Informação e Comunicação

**TPACK** Technological Pedagogical Content Knowledge

**UCPT** Unidade de Coordenação do Plano Tecnológico

**UE** União Europeia

**CEPCEP-UCP** Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa –  
Universidade Católica Portuguesa

## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

Como professor na área das novas tecnologias e com responsabilidades na direção do agrupamento, senti necessidade de perceber que geração de alunos frequenta a escola, relativamente à utilização dos media. Observando alunos e professores em atividades que utilizam as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) considerou-se relevante perceber qual o caminho que a instituição deve seguir e como deve estar preparada para acompanhar as necessidades educativas dos alunos e professores, realizando um estudo sobre a utilização das novas tecnologias.

Partiu-se do pressuposto de que o tema a investigar é pertinente, não se tratando apenas de uma moda falar de TIC ou de informática. A realidade mostra que as TIC têm uma aplicação generalizada em toda a nossa vida e, no caso do ensino, é importante entender se essa aplicação está a ser a mais correta. Ferreira (2006), citando Beckman (1997), refere que quem normalmente fala em aplicar as novas tecnologias ao ensino, talvez nunca tenha reparado que o ensino também é uma tecnologia e há que ter cuidado na mistura destas duas tecnologias.

Uma tecnologia pode, através do seu potencial e implantação, sobrepor-se à outra e no caso do ensino, este deve ser orientado por métodos pedagógicos e não tecnológicos (Ferreira, 2006). É importante verificar de que modo as novas tecnologias estão a afetar o ensino e para além das questões desta investigação, às quais se procurará responder, muitas outras poderão surgir e servir de trampolim para novas investigações. Como refere Carmo & Ferreira (2008) o trabalho de investigação é semelhante a uma corrida de estafetas, cada investigador, através da revisão bibliográfica, procura encontrar o que já foi investigado sobre um determinado tema, a partir daí acrescenta mais qualquer coisa e o ciclo repete-se gerando conhecimento e ciência. O que se investiga e partilha, por vezes pode parecer que tem uma importância relativa, mas talvez alguém aproveite o trabalho realizado para novas ideias e descobertas.

*“Quando a imagem de Nelson Mandela nos pode ser mais familiar do que a do vizinho que mora na porta ao lado da nossa, é porque qualquer coisa mudou na nossa vida corrente”* (Giddens, 2006, p.23).

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

Nos dias de hoje a escola extrapolou as salas de aula e os muros que a cercam. Os alunos estão a fazer a sua educação dentro e fora da escola, em casa, em bibliotecas, em cybercafés e em outros locais com acesso à informação, onde podem decidir o que querem aprender, quando e como querem aprender. A criança e o jovem que se encontram na escola, já não apresentam um comportamento típico das gerações dos seus pais, quanto ao método de estudo. São essas as crianças e jovens que conseguem realizar várias tarefas ao mesmo tempo e ainda conseguem bons resultados na escola. Os alunos de hoje leem e escrevem como nunca, mas isso restringe-se às novas tecnologias, pressionar o botão é mais simples e rápido do que escrever com a caneta ou mudar de página num livro.

A Escola tentou acompanhar as alterações sociais, económicas e tecnológicas da sociedade, na tentativa de preparar profissionais para o mercado de trabalho, criando *um ensino mais adequado às exigências do mundo do trabalho*, onde alunos e professores têm que se adaptar *às exigências de um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia* (Coelho & Haguenauer, 2004, p.3).

Num texto publicado em 2001, Prensky aludia ao fosso geracional como dimensão da "fratura digital" que se tem vindo a converter num dos mais expressivos campos de desigualdade social nas nossas sociedades. Segundo o autor, em contraposição aos "imigrantes do digital", que seriam os adultos que cresceram na cultura analógica, os "nativos do digital", que passaram as suas vidas rodeados de computadores, telemóveis e consolas de jogos, têm modos de pensar e de processar a informação profundamente distintos. Para Henry Jenkins, citado por Pereira (2011), não será correto etiquetar toda uma geração como se fosse uma categoria homogénea, como se os tais "nativos", pelo facto de o serem, não carecessem da formação para a abordagem crítica das tecnologias ou, mais simplesmente, da literacia digital.

Em todo o caso, a hipótese de Prensky, ainda que limitada e criticável, coloca um problema que os educadores e as instituições educativas não deveriam ignorar. O autor

coloca a questão como se ela fosse um problema de linguagem ou de 'língua': *"os formadores imigrantes do digital, que falam uma língua obsoleta (a da era pré-digital) esforçam-se por ensinar uma população que fala uma língua inteiramente nova"*. Saberemos ver o alcance desta metáfora linguística? (Pinto, 2008)

A forma de comunicação entre eles está a mudar, não só o meio mas também a própria “escrita”. Alguns alunos conseguem expressar-se melhor e com mais facilidade através de um dispositivo tecnológico, enquanto outros se expressam melhor em sala de aula, com o professor em aulas expositivas. O uso desse meio tecnológico pode contribuir para alunos inibidos, que não tenham facilidade em expressar-se e participar em discussões, pesquisar e partilhar no meio digital, com resultados mais favoráveis.

Nos últimos anos, tem havido um esforço no sentido de equipar as escolas com meios que permitam uma utilização generalizada das TIC. Também se tem incentivado o desenvolvimento de competências por parte dos professores no âmbito das TIC, com a respetiva certificação e com a promoção de formação que se consubstanciou através da publicação da Portaria n.º 731/2009 de 7 de Julho, que regula o Sistema de Formação e Certificação de Competências TIC. Apesar de todas estas situações, assiste-se, nas nossas escolas, a uma fraca integração das TIC no processo de ensino/aprendizagem.

Tim Berners-Lee, co-criador da World Wide Web (WWW) previu, em 2007, que, no futuro, a Web vai parecer que está em todo o lado, nos computadores fixos ou portáteis e nos dispositivos móveis. As novas tecnologias estão a criar oportunidades de ensino que desafiam as instituições educativas tradicionais. São radicais as alterações do nosso dia-a-dia, mesmo que por vezes não tenhamos consciência delas. A modernização do ensino terá que passar pela propagação das novas tecnologias aos atuais contextos educativos e às características da sua população escolar. A escola terá de se adaptar rapidamente, de forma consciente e refletida, às novas realidades.

Aos jovens é exigido, hoje em dia, desde muito novos, que estejam sempre em contacto, e perante um problema que não possibilita saber onde se encontram, instala-se a preocupação entre familiares e amigos. Estas gerações têm necessidade de estar em permanente contacto, algo que é confundido com uma dependência, mas que acaba por ser uma mediação tecnológica da mais antiga necessidade humana: comunicar.

Atualmente as TIC são uma realidade que faz parte integrante da vida da sociedade. A escola tem um papel fundamental na promoção do acesso às tecnologias, de modo a que estas ferramentas facilitem a concretização de aprendizagens.

*O desafio imposto à escola por esta nova sociedade é imenso; o que se lhe pede é que seja capaz de desenvolver nos estudantes competências para participar e interagir num mundo global, altamente competitivo que valoriza o ser-se flexível, criativo, capaz de encontrar soluções inovadoras para os problemas de amanhã, ou seja, a capacidade de compreendermos que a aprendizagem não é um processo estático mas algo que deve acontecer ao longo de toda a vida (C. Coutinho & Lisboa, 2011, p.5).*

A escolarização levou as pessoas a identificar a aprendizagem com a escola, porém esta identificação está a diluir-se, muito por causa da evolução tecnológica ocorrida. No entanto, nalgumas situações parece que vamos mudando mais os equipamentos do que muitos dos procedimentos (Moura, 2011). É importante que professor e aluno aprendam a seleccionar a informação apropriada, verificando e identificando a sua proveniência, quem a criou, divulgou e qual a finalidade da mesma.

Torna-se necessário relacionar teoria e prática para que possamos perceber nos mais diversos meios das tecnologias, a importância de avançarmos enquanto educadores e educandos. Dessa forma, o uso da tecnologia vem proporcionar a todos uma nova forma de pensar e de transformar neste novo mundo globalizado. A Escola não pode estar desfasada desta nova realidade. Ela tem que se adaptar à sociedade.

## 1.2 OBJETIVOS

A sociedade atual está numa mudança vertiginosa, exigindo de todos um constante acompanhamento e adaptação. No que diz respeito à educação, por mais atualizados que estejamos em relação às metodologias, recursos, conteúdos e meios tecnológicos somos confrontados com a necessidade de nos adaptarmos a novos modelos, implicando, assim, a reformulação de alguns métodos de ensino tradicionais.

Como refere Pinto (2008), as gerações mais jovens fizeram ou fazem, cada vez mais, a experiência de crescer sem irmãos e em quadros familiares distantes do modelo-padrão; nascem e desenvolvem-se rodeados de uma agressiva máquina de marketing e publicidade que os formata, a bem ou a mal, na alienação consumista; conhecem desde cedo a esquizofrenia do sistema dominante, que prega a paz, a justiça e a fraternidade nas declarações e documentos solenes, mas pratica a mais descabelada competição. No meio de tudo isto, como expressão e agente deste mundo, os media, particularmente a televisão, os jogos, a música digitalizada e a internet, converteram-se em ambiente de respiração e socialização. Conhecer melhor esta geração, tomar consciência daquilo que emerge como expressão de um novo paradigma cultural não pode ser remetido para o folclore da irrelevância pedagógica. É uma exigência humanizadora da educação, da qual todos temos a aprender.

A ideia de investigação pressupõe que existam problemas, o objetivo da investigação exige que eles sejam formulados (Grawtitz, 1986). É a identificação de um problema que dá origem à investigação subsequente. A formulação do problema é, por isso, um ponto fundamental da investigação. Define-se aquilo que se pretende estudar. Formula-se um problema que seja exequível de ser investigado, pertinente e que tenha interesse e relevância, valor teórico, significado prático e amplitude crítica (Tuckman, 2005).

Com esta investigação pretende-se conhecer os hábitos dos alunos em relação à utilização dos media dentro e fora da Escola Básica e Secundária de Ourém (EBSO). Conhecer a utilização e a atitude, face às novas tecnologias e plataformas subjacentes, dos alunos que frequentam o 3º ciclo do ensino básico, do secundário e do profissional, analisando discrepâncias ou semelhanças em relação a estudos feitos anteriormente a nível nacional .

### 1.3 QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Atendendo ao enquadramento e persecução do objeto de investigação proposto, a orientação da presente investigação baseou-se na seguinte questão central de investigação:

**Como se caracteriza a utilização dos media na geração de alunos que frequenta a Escola Básica e Secundária de Ourém?**

Neste contexto, colocaram-se ainda outras questões relacionadas:

1. Quais os media que os alunos utilizam na comunicação?
2. Onde e quando utilizam os media que têm à disposição?
3. Que informação e como a “consomem”?

A obtenção de respostas ao leque de questões enunciadas baseou-se num trabalho de recolha de dados através de um inquérito realizado na Escola Básica e Secundária de Ourém a alunos do 7º ao 12º ano de escolaridade e equivalentes. Depois de recolhidos, os dados foram analisados, estruturados e tratados com o apoio do programa SPSS (versão 20), o qual visou a análise e cruzamento dos dados referentes às diferentes variáveis em estudo.



#### 1.4 ESTRUTURA DO TRABALHO

O presente trabalho é constituído por 5 capítulos : a introdução, o enquadramento teórico, a metodologia, a apresentação dos dados e a discussão dos resultados e por último as conclusões do estudo.

No Capítulo 1 (Introdução), após a contextualização do estudo e a devida justificação da sua realização, apresentam-se os objetivos de investigação, enunciam-se questões de investigação e refere-se a estrutura da investigação.

O Capítulo 2 procura contextualizar o trabalho no plano teórico, apresentando a revisão da literatura subjacente ao presente estudo: plano tecnológico, tecnologia educativa, tecnologias emergentes e formação de professores.

No Capítulo 3 são apresentadas e justificadas as opções metodológicas adotadas. Apresenta-se o processo de construção do questionário utilizado na recolha de dados e a fundamentação das categorias de análise. Referem-se ainda os procedimentos adotados para a recolha e tratamento dos dados.

A apresentação dos dados e a discussão dos resultados são efetuadas no Capítulo 4.

No último capítulo são apresentadas as conclusões e as limitações do trabalho, bem como sugestões para investigações futuras.

Por fim, apresenta-se a bibliografia seguida dos anexos.

## CAPÍTULO 2 - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*“Os dedos passaram a ser a extensão do pensamento e o contacto direto com as máquinas e dispositivos. A resposta tátil e instantânea após alguma ação é uma experiência que encanta desde os mais jovens até aos idosos”*(Castro, 2013, p.1).

Nos dias de hoje não basta ter uma escola nova e tecnologias de última geração. Deve-se perceber quem está à nossa frente, perceber como comunicam, quando comunicam e o que querem comunicar. Atualmente, nas nossas escolas, é o professor que escolhe as tecnologias que usa e decide como as utiliza, não dando importância às práticas digitais que os alunos têm em contextos fora do domínio escolar.

O professor perdeu a exclusividade do saber, uma vez que são muitos os sítios disponíveis com informação a que os alunos podem aceder. A quantidade de informação aumenta a um elevado ritmo, cada dia que passa, tornando-se a sua gestão cada vez mais complicada (Picoito & Almeida, 2007, citado por Martins, 2012), competindo à escola formar alunos que consigam olhar para a informação disponível com um espírito crítico.

Os jovens que hoje frequentam as nossas escolas nasceram e viveram toda a sua vida numa realidade embebida na linguagem digital de computadores, jogos de vídeo e Bluetooth Internet, sendo designados por (Prensky, 2011) como “nativos digitais”. A comunicação digital tornou-se tão frequente e natural como a comunicação face-a-face, e a onnipresença da tecnologia e das formas digitais de comunicação nas vidas dos jovens leva alguns autores a falarem de “vidas digitais” (Green & Hanon, 2007, citados por Ferreira & Tomé, 2010).

Na senda de Prensky, outros autores defendem a necessidade absoluta da escola ir ao encontro desta “geração digital”, apontando para o facto destes estudantes (que nasceram entre 1980 e 1994): (1) aprenderem de modo diferente; (2) serem proficientes em “multitasking”; (3) dependerem da tecnologia para aceder à informação e interagir com outros; (4) viverem completamente mergulhados na tecnologia (Ferreira & Tomé, 2010).

A finalidade dos sistemas educacionais em pleno século XXI, será pois tentar garantir a primazia da construção do conhecimento, numa sociedade onde o fluxo de informação é vasto e abundante, e em que o papel do professor não deve ser mais o de um mero transmissor de conhecimento, mas o de um mediador da aprendizagem. Uma aprendizagem que não acontece necessariamente nas instituições escolares mas, pelo contrário, ultrapassa os muros da escola, podendo efetuar-se nos mais diversos contextos informais por meio de conexões na rede global.

*Não queremos apregoar a extinção da escola, pois ela será sempre uma instituição de ponta na produção e institucionalização do conhecimento, mas alertar para que precisa estar aberta por forma a entender os novos contextos em que pode ser estimulada a construção colaborativa do saber* (Illich, 1985; Siemens, 2003 citados por Coutinho & Lisbôa, 2011, p. 10).

## 2.1 PLANO TECNOLÓGICO

Não é a primeira vez que as tecnologias da comunicação introduzem mudanças sociais, basta pensar no próprio alfabeto. Por isso, não se poderá dizer que com a introdução do digital tudo é novo. Simplesmente, o rápido crescimento das tecnologias trouxe um tema relevante: a literacia digital, ou a sua ausência, como fator possível de divisão entre os que podem manusear os novos media e os que não podem (Cantoni & Tardini, 2008, citados por Pereira, 2011). O Plano Tecnológico (PT) foi pensado e implementado pelo governo para qualificar os portugueses para a sociedade do conhecimento. Este Plano pretendeu promover o desenvolvimento e reforçar a competitividade do país através de uma agenda de iniciativas que se categorizam em 3 eixos de ação (Figura 1)

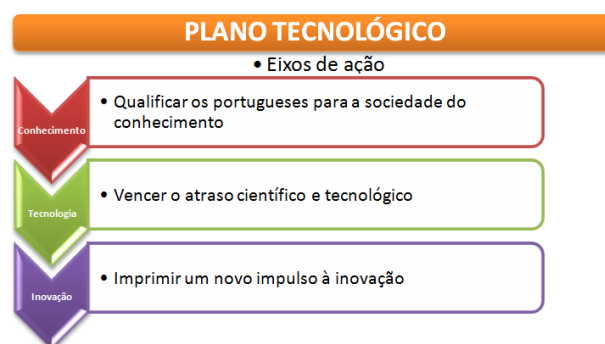


Figura 1- Eixos de ação do Plano Tecnológico

Através do Eixo 1- *Conhecimento*, pretendia-se “elevar os níveis educativos médios”, “fomentar a aprendizagem ao longo da vida” e “mobilizar os portugueses para a sociedade de informação”. A Figura 2 mostra algumas medidas estruturais com as quais se pretendia melhorar a qualificação dos portugueses e mobilizá-los para a Sociedade de Conhecimento, permitindo melhorar a capacidade de inovação dos portugueses e contribuir para aumentar a produtividade da economia do país, tornando-a mais competitiva no mercado externo.

ELEVAR OS NÍVEIS EDUCATIVOS MÉDIOS	FOMENTAR A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA	MOBILIZAR OS PORTUGUESES PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E DO CONHECIMENTO
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lançamento de um Ensino Básico de elevada qualidade</li> <li>• Criação de centros de competências em I&amp;D na área TIC, nomeadamente ao nível do desenvolvimento de software e gestão de redes</li> <li>• Modelo de Financiamento das Escolas Tecnológicas</li> <li>• Expansão da formação pós-secundária, incluindo Cursos de Especialização Tecnológica, envolvendo as instituições de ensino superior</li> <li>• Estimular novos processos de ensino/aprendizagem no ensino superior, implementando o Processo de Bolonha</li> <li>• Vale Ensino Ciência e Tecnologia</li> <li>• Promoção de actividades de estímulo à capacidade de inovar e empreender</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciativa Novas Oportunidade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Generalização da Utilização e Oferta da Banda Larga</li> <li>• Facilitar a utilização de computadores em casa por estudantes</li> <li>• Ligação à Internet em banda larga de todas as escolas do País e abertura das escolas a ambientes de trabalho virtuais</li> <li>• Captação de Quadros Qualificados para Inovação</li> <li>• Criar uma oferta pública de Internet de Cidadania</li> <li>• Iniciativa teletrabalho</li> <li>• Implementar e operar, como rede pública com circuitos próprios, a dorsal da RCTS (Rede Ciência Tecnologia e Sociedade)</li> <li>• Desenvolver uma política de segurança informática</li> <li>• Fórum para a Sociedade da Informação</li> </ul>

Figura 2- Exemplos de algumas medidas integradas no eixo de ação Conhecimento (“Plano Tecnológico: Uma estratégia de crescimento com base no Conhecimento, Tecnologia e Inovação”, 2005)

Com o Plano Tecnológico da Educação (PTE), aprovado em 2007, o XVII Governo pretendia, em três anos, “colocar Portugal entre os cinco países europeus mais avançados ao nível da modernização tecnológica do ensino”. No âmbito desta política pública, surgiram os programas do Ministério da Educação (e.escolas, e-professores, e-escolinhas e e-oportunidades), tendo sido distribuídos com estas medidas cerca de dois milhões de computadores portáteis, muitos deles com acesso a internet de banda larga.

Estas iniciativas permitiram massificar a aquisição de portáteis, quer por parte de alunos, quer de professores provenientes de diferentes graus de ensino, revelando a

preocupação do governo em integrar as TIC no ensino e contribuindo para uma igualdade de oportunidades.

Avaliando os valores mais recentes (2008/2009) relativos a cada um dos indicadores, percebe-se que o objetivo estratégico “mobilizar os portugueses para a sociedade de informação e comunicação” é aquele que apresenta os valores mais próximos das metas estabelecidas para o ano 2010 devido aos programas promovidos pelo Ministério da Educação. Os resultados obtidos para “elevar os níveis educativos médios” apresentam algum progresso mas estão aquém da média europeia (Gabinete do Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico, 2009). No entanto, o indicador “diplomados em ciência e tecnologia por 1000 habitantes” apresentou um acentuado aumento, atingindo 20,7%, contra 13,9% da UE. Em relação ao indicador “formação ao longo da vida”, atingiu 5,3% da população entre os 25 e 64 anos, muito inferior aos 12,5% da meta e aos 9,5% da UE. Segundo dados do PTE, este plano permitiu triplicar o número de computadores ligados à internet nas escolas que dispunham, por essa altura, de um computador por cada cinco alunos, de um quadro interativo por cada três salas de aula e de um videoprojetor por cada sala.

Os objetivos do PT referentes ao Eixo 2- Tecnologia (Figura 3), estão associados à solidificação da cultura científica.

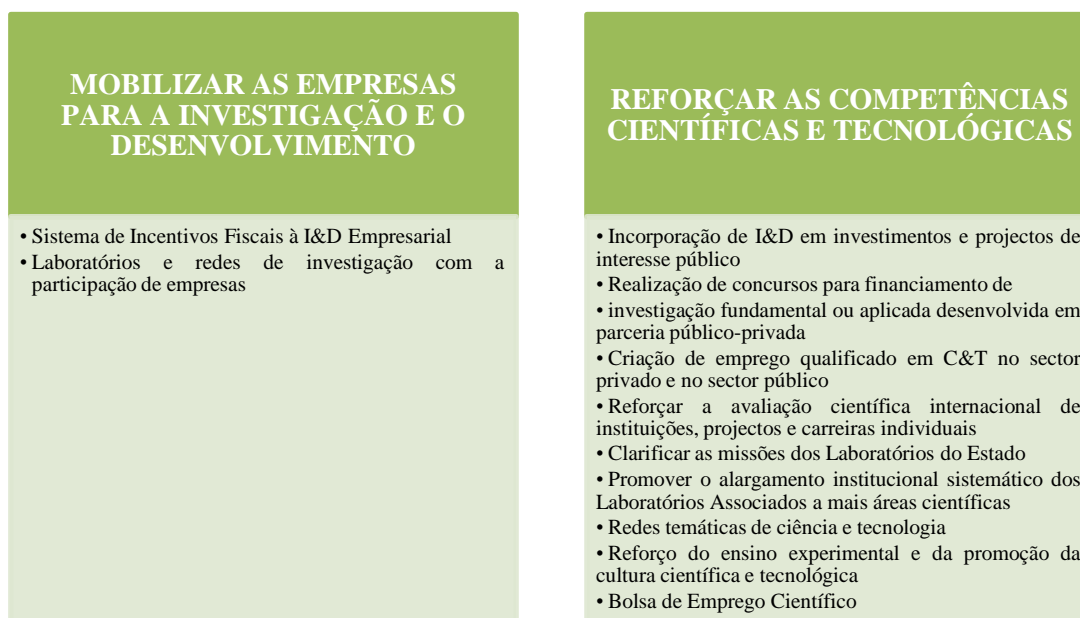


Figura 3- Exemplos de algumas medidas integradas no eixo de ação Tecnologia (Unidade de coordenação do plano tecnológico, 2005)

Esta investigação científica e tecnológica é encarada como um dos pilares para uma nova sociedade, mais justa, desenvolvida e com um elevado nível de qualidade de vida, tendo como objetivos centrais a aceleração do desenvolvimento científico e tecnológico, o aumento das respectivas competências, a aposta na criação de emprego qualificado e indução de I&D na empresas (Plano Tecnológico da Educação em Portugal.pdf, n.d.) (Unidade de coordenação do plano tecnológico, 2005, p.25).

De uma maneira geral, as metas estabelecidas para 2010 foram atingidas ou até mesmo superadas. Embora os valores de alguns indicadores ainda se situem abaixo dos valores da UE, merecem destaque positivo os seguintes indicadores de impacto: “Investigadores por 1000 empregados” e “Investigadores (ETI) por permilagem da população ativa”, em que Portugal ultrapassou as metas estabelecidas para 2010 e os valores da UE.

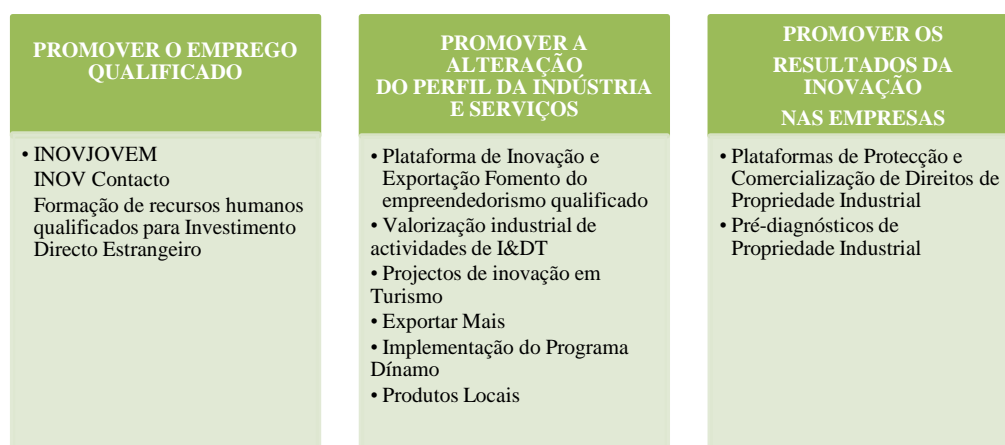


Figura 4- Exemplos de algumas medidas integradas no eixo de ação Inovação (“Plano Tecnológico: Uma estratégia de crescimento com base no Conhecimento, Tecnologia e Inovação”, 2005)

Com o Eixo 3- Inovação (Imprimir um novo impulso à inovação), pretende-se adaptar os tecidos produtivos aos desafios da globalização, promovendo o emprego qualificado e a alteração do perfil da indústria e serviços, ao mesmo tempo que se promove os resultados da inovação nas empresas (Figura 4).

Apesar dos resultados significativos apresentados pelos indicadores referentes ao objetivo estratégico “Promover os resultados da inovação nas empresas”, as metas estabelecidas para o eixo Inovação, apresentam alguns valores que ficam aquém das metas estabelecidas para 2010 ou dos valores da UE, especialmente nas respeitantes à

alteração do perfil das indústrias e dos serviços, com vista ao aumento da produtividade e competitividade.

As medidas executadas relativas a cada um dos eixos do PT, apresentam-se distribuídas conforme consta no gráfico da figura 5.

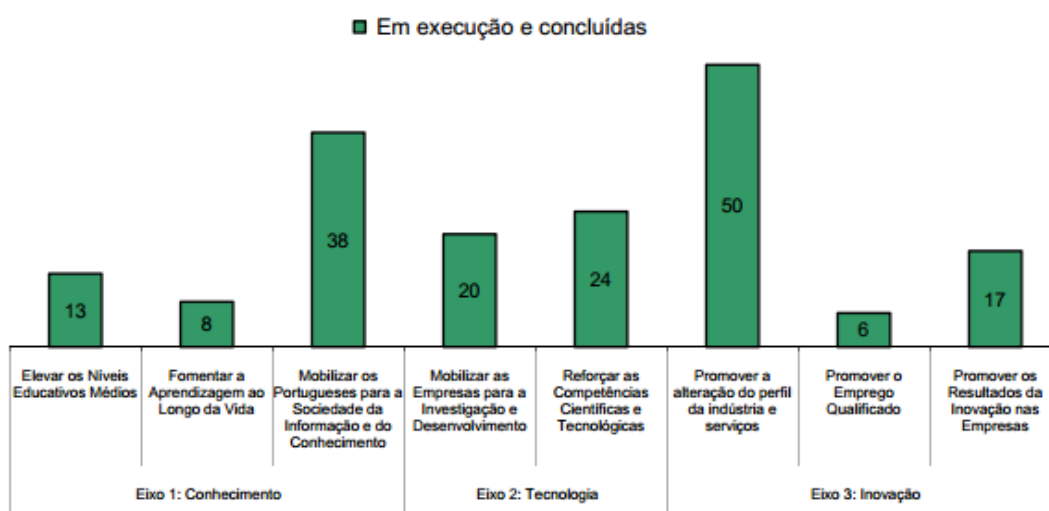


Figura 5-Distribuição das medidas por objetivo (Gabinete do Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico, 2009)

Das 176 medidas que fazem parte do PT, os eixos Conhecimento, Tecnologia e Inovação apresentam 59, 44, 73, respetivamente.

O objetivo estratégico “Promover a alteração do perfil da indústria e serviços” é aquele que apresenta mais medidas, no entanto, é também o que está mais afastado dos valores propostos como meta para 2010.

O objetivo estratégico “Mobilizar os portugueses para a sociedade da informação e do conhecimento”, apresenta o segundo maior número de medidas, na tentativa de generalizar o acesso às TIC. Como resposta a este desafio, destaca-se a iniciativa “Ligar Portugal” (2005-2010), um dos vetores do PT, tendo como objetivos gerais, “*promover uma cidadania moderna, garantir a competitividade do mercado nacional de telecomunicações, assegurar a transparência da Administração Pública, promover a utilização crescente das TIC pelo tecido empresarial, assegurar o*

*desenvolvimento de novas empresas de base tecnológica, estimular o desenvolvimento científico e tecnológico*”(J. D. Coelho, 2007, p.284).

Em março de 2010, foi lançada a estratégia Europa 2020 – ‘Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo’, 2020, que “define as grandes linhas para a saída da crise e prepara a economia da UE para os desafios da próxima década”, através da qual se pretende atingir “*bons níveis de emprego, de produtividade e de coesão social e construir uma economia hipocarbónica*”, devendo ser implementado através de ações concretas aos níveis da UE e dos estados-membros (ICP-Anacom, 2010). Uma das sete iniciativas emblemáticas da estratégia Europa 2020, designada por ‘*Agenda Digital para a Europa*’, visa definir o importante papel que a utilização das TIC terá de desempenhar.

Na Comunicação da Comissão (ICP-Anacom, 2010), ‘*Uma Agenda Digital para a Europa*’, refere-se que os estados-membros devem “pôr em prática, até 2011, políticas de longo prazo em matéria de competências digitais e de literacia digital” por se considerar que a Europa “padece de uma escassez crescente de qualificações profissionais em matéria de TIC e de um défice de literacia digital”. Apesar das ações anteriores, a literacia digital continua a ser um ponto crítico e, por isso, um tema central da estratégia europeia e que deve ter repercussões nos estados-membros.

Em setembro de 2010 o governo anunciou a Agenda Digital 2015, iniciativa enquadrada no Plano Tecnológico (PT), em paralelo com a Estratégia Europa 2020 e a Agenda Digital Europeia, como um programa de ação que *traduz uma aposta determinada na melhoria dos serviços prestados às pessoas e aos agentes económicos* (MEID, 2010). A Agenda Digital 2015 apresenta cinco linhas prioritárias: (i) Redes de Nova Geração; (ii) Melhor Governação; (iii) *Educação de Excelência*; (iv) Saúde de Proximidade e (v) Mobilidade Inteligente, para as quais foram estabelecidas metas e apresentadas medidas, tendo em conta os novos desafios da economia internacional.

## 2.2 PLANO TECNOLÓGICO DA EDUCAÇÃO

Os sistemas de ensino em toda a Europa, desde a escola até à universidade, estão cada vez mais dependentes de tecnologia avançada nas salas de aula, consideram (Livingstone & Das, 2010).



Nas escolas, há alguns anos atrás, convivía-se com um certo ambiente letárgico, não existindo as infraestruturas tecnológicas fundamentais que permitissem fazer frente aos desafios impostos pela sociedade da informação. O sistema educativo, para responder aos desafios da sociedade de informação de forma a permitir que os jovens adquirissem novas competências, ao mesmo tempo que pretendia que a maioria das pessoas tivessem acesso aos meios de interação com a sociedade de informação, fez com que sucessivos governos incluíssem nos seus programas a criação de planos, equipas, medidas e estratégias que permitissem a integração e dinamização educativa das TIC no processo ensino/aprendizagem e, ainda, combatessem a info-exclusão. São exemplos dessa preocupação governativa o projeto MINERVA, o programa Nónio Século XXI (Programa de Tecnologias de Informação e Comunicação) e a Equipa de Recursos e Tecnologias Educativas/Plano Tecnológico da Educação - ERTE/PTE.

O PTE, aprovado em 2007 pela Resolução do Conselho de Ministros nº137/2007, de 18 de Setembro, estrutura-se em três eixos de ação: Tecnologia, Formação e Conteúdos.

Tecnologia	Formação	Conteúdos
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Parque de computadores insuficiente e desatualizado</li> <li>• Reduzida dotação do equipamento de apoio</li> <li>• Banda larga com velocidades reduzidas e abrangência limitada</li> <li>• Redes de área local não estruturadas e ineficientes</li> <li>• Preocupação crescente com segurança nas escolas</li> <li>• Apoio técnico insuficiente</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formação de docentes pouco centrada na utilização das TIC no ensino;</li> <li>• Ausência de certificação de competências TIC</li> <li>• Insuficientes competências para garantir apoio técnico</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Escassez de conteúdos digitais e aplicações pedagógicas</li> <li>• Plataformas colaborativas com utilização e funcionalidades limitadas</li> <li>• Gestão da escola pouco informatizada</li> <li>• Reduzida utilização de e-mail como canal de comunicação</li> </ul>

Figura 6- Limitações à modernização do ensino (Ministério da Educação, 2008b)

Foi realizado um estudo que pretendeu identificar os principais obstáculos à modernização tecnológica, de forma a criar projetos que dessem resposta aos fatores que inibem a utilização de tecnologia no ensino em Portugal. Este estudo identificou debilidades nos três eixos de atuação do PTE (Figura 6).

Ao nível das Tecnologias, identificou-se a necessidade de melhorar a conectividade dos estabelecimentos de ensino e modernizar os equipamentos. No pilar da Formação reconheceu-se que os docentes necessitavam de formação e de certificação de competências em TIC. Em relação ao nível dos Conteúdos, reconheceu-se a importância de explorar o potencial das plataformas virtuais de conhecimento e aprendizagem, importantes quer para a produção quer para a utilização de conteúdos.

O PTE pretendia colocar Portugal, até ao ano 2010, entre os cinco países europeus mais avançados na modernização tecnológica do ensino, estabelecendo objetivos a cumprir até final deste período (Figura 7). Esta adaptação às novas tecnologias iria permitir estabelecer uma *integração das TIC nos processos de ensino e de aprendizagem e nos sistemas de gestão da escola*, tratando-se de uma *condição para a escola do futuro e para o sucesso das novas gerações de Portugueses* (Ministério da Educação, 2008, p.3).

Na tentativa de recuperar o atraso tecnológico verificado na educação e colocar Portugal entre os cinco melhores países da Europa, definiram-se objetivos para o período 2007-2010 (ver figura 7), de forma a que se verificasse, no final deste período:

- O rácio de dois alunos por computador;
- Acesso à Internet em banda larga de alta velocidade de pelo menos 48 Mbps em todas as escolas;
- Em pelo menos 25 % das aulas, docentes e alunos utilizam TIC;
- Que 100% dos alunos e professores disponham de endereço eletrónico, permitindo massificar a utilização deste meio de comunicação;
- 90% dos docentes com as competências TIC certificadas;
- 50% dos alunos com certificação em TIC.

## Objetivos do Ministério da Educação

- Garantir o apetrechamento informático das escolas
- Apoiar o desenvolvimento de conteúdos
- Apostar na formação de professores em TIC
- Promover a generalização de portefólios de atividades em suporte digital
- Fomentar o desenvolvimento e uso das TIC por cidadãos com necessidades especiais
- Reforçar a divulgação de boas práticas e do sistema de monitorização de progressos
- Promover *open source*, reforçar a privacidade, a segurança e a fiabilidade dos sistemas TIC

Figura 7- Objetivos nacionais para a modernização da educação (Ministério da Educação, 2008b)

### 2.2.1 TECNOLOGIA

Ao nível das *Tecnologias*, o PTE propõe a implementação de medidas que permitam dar respostas às insuficientes infraestruturas de TIC e, por outro lado, criação de apoio técnico para fazer gestão e manutenção destas infraestruturas (Tabela 1).

Tabela 1- Projetos a implementar no eixo Tecnologia (Ministério da Educação, 2008, p.18)

Eixo de atuação	Tecnologia	
Áreas de intervenção	Computadores	Cartões de aluno
	Equipamento de apoio Conetividade	Sistemas de segurança eletrónicos
	Redes de área local	Apoio técnico às escolas
Projetos	<b>Projetos-chave</b>	
	Kit tecnológico Escola	
	Internet de Banda Larga de Alta Velocidade	
	Internet nas Salas de Aula	
	Cartão eletrónico do aluno	
	Videovigilância	
	<b>Outros Projetos</b>	
	Centro de Apoio Tecnológico às Escolas	

### 2.2.2 FORMAÇÃO

Este eixo de intervenção é complementar dos outros dois, no entanto, o seu *deficit de competências em TIC é apontado como uma das principais barreiras à utilização da tecnologia nas escolas em Portugal* (Ministério da Educação, 2008, p.36).

Tabela 2- Projetos a implementar no eixo Formação (Ministério da Educação, 2008, p.37)

Eixo de atuação	Formação
Áreas de intervenção	Formação de docentes e não docentes Certificação de competências de docentes e alunos Utilização de TIC nos processos de ensino e de aprendizagem
Projetos	<b>Projetos-chave</b>
	Formação e certificação de competências TIC-Formação PRO Avaliação eletrónica
	<b>Outros Projetos</b>
	Integração das TIC nos métodos de ensino e aprendizagem Literacia em Aplicações <i>Open Source</i>

### 2.2.3 CONTEÚDOS

Com a introdução das TIC no ensino, não se pretende que se continue num sistema de ensino baseado na transmissão de conhecimentos, utilizando-as apenas como suporte de comunicação. Com as TIC podem-se implementar novas formas de trabalho no processo ensino/aprendizagem, permitindo experiências de aprendizagem mais criativas e diversificadas e promove-se uma aprendizagem independente e permanente de acordo com as necessidades dos sujeitos (Sunkel, 2010).

Quanto mais integradas estiverem as TIC no projeto educativo e pedagógico da escola, mais consequentes poderão ser os resultados (Silva, 2001). Assim, é necessário que se integrem as TIC nas atividades curriculares do dia-a-dia das escolas, promovendo o trabalho colaborativo e a interação entre alunos, professores e família (Magalhães, 2007 citado por J. D. Coelho, 2007) de forma a aceder ao saber.

No eixo “Conteúdos” as medidas propostas pelo PTE pretendem criar conteúdos e aplicações digitais, aumentar a utilização de plataformas colaborativas e criar novas

funcionalidades, visto que estes *favorecem o recurso a métodos de ensino mais interativos e construtivistas* (Ministério da Educação, 2008, p.29).

Neste eixo de atuação foram propostos os seguintes projetos:

Tabela 3- Projetos a implementar no eixo Conteúdos (Ministério da Educação, 2008, p.30)

Eixo de atuação	Conteúdos	
Áreas de intervenção	Produção e partilha de conteúdos	Informatização de manuais escolares
	Produção e partilha de aplicações de gestão	Software <i>open-source</i>
	Certificação de conteúdos de aplicações	
Projetos	<b>Projetos-chave</b>	
	Mais-Escola.pt	
	Escola Simplex	
	<b>Outros Projetos</b>	
	Manuais escolares eletrónicos	
	Plataforma de comunicação eletrónica integrada	

Para se perceberem as transformações que ocorreram devido à implementação de algumas medidas do PTE, podem-se analisar alguns dados de estudos e relatórios, referentes a iniciativas governamentais. O conjunto das e-iniciativas abrangia, em outubro de 2009, 851,7 mil indivíduos, dos quais 470,0 mil (55,2%) estavam envolvidos na e-escola, 89,6 mil (10,5%) na e-professor e 292,1 (34,3%) na e-oportunidades (ICP-Anacom, 2010).

Para além destas iniciativas, houve a intervenção da Parque Escolar para a modernização das infraestruturas em 332 escolas até 2015, realizadas em cinco fases (Fase 0 a Fase 5) (Parque Escolar, 2014). Atualmente sabemos que este programa foi aplicado em 181 escolas e estão a decorrer obras em 37 no ano de 2014 referentes à fase 3 e que tinham sido suspensas (Petronilho, 2014). A modernização das escolas englobou, além de novos espaços físicos, o apetrechamento das salas de aulas com computadores, quadros interativos e ligação fibra ótica para acesso à internet.

Relativamente à forma como os alunos utilizam as tecnologias disponibilizadas pelos diferentes programas nas escolas e em casa, já é possível contar com alguma pesquisa, ainda que escassa, de âmbito nacional (Almeida et al., 2008; Cardoso, Espanha, Lapa, & Araújo, 2009; 2009; Ponte e Malho, 2008, citados por Ponte, 2011). Apesar de diferenças na metodologia utilizada e das pequenas variações nas idades, é possível comparar os resultados com estudos efetuados anteriormente (Livingstone et al., 2011, citado por Ponte, 2011), e considerar a evolução no tempo.

No inquérito presencial aplicado em 2008, apura-se que cerca de 54,9% dos jovens têm acesso à internet em casa e cerca de metade dos inquiridos (49,3%) afirmam que costumam aceder à internet na escola. A nível nacional, os dados demonstram que a escola é um local com importância para o desenvolvimento e promoção da info-literacia de setores da população juvenil que não têm acesso à internet em casa, nem têm hipótese de o obter. Se o acesso à internet se faz em casa, o quarto do filho passou a ser o “conclave privado”, onde se realiza cada vez mais todo um conjunto de práticas ligadas aos média, uma tendência acentuada pelo tempo. Em 2006, 43,6% das crianças e jovens com acesso à internet respondiam que o computador mais usado estava no seu quarto (ou de um irmão); em 2010, resultados do EUKids Online colocam Portugal como um dos países onde mais crianças e adolescentes acedem à internet a partir dos quartos (66,9%, para uma média europeia de 48%). O acesso em casa de amigos/familiares duplicou, passando de 20,3% em 2006 para 48,2% em 2010 (média europeia: 51%). Verifica-se assim uma notória privatização do uso da internet nos lares, que vai no seguimento da explosão da posse de computadores portáteis pessoais (7,9% em 2006; 65,2% em 2010). ***Aqui poderemos apontar o programa e.escolas como um dos grandes responsáveis?*** De acordo com os dados do relatório do e-iniciativas (ICP-Anacom, 2010), houve uma grande adesão por parte dos alunos ao programa e-escolas e e-oportunidades.

A diferença entre gerações no acesso e uso da internet é outra das características diferenciadoras de Portugal no panorama europeu. Não só as crianças acedem mais à internet do que o progenitor entrevistado (78% e 66%, respetivamente), como a usam com maior frequência: 53% usam-na todos os dias ou quase, para um valor de 33% entre os pais.

O domínio e o manejo das novas tecnologias e dos novos media, a escolha entre múltiplas ofertas é algo com que os jovens têm crescido, faz parte das suas práticas diárias e está a introduzir-se na racionalidade prática dos jovens. Por outras palavras, esta socialização no sistema mediático contemporâneo tem permitido a aquisição intuitiva por parte dos jovens de novas competências, como se pode demonstrar pela maior facilidade de explorar a interligação entre várias realidades mediáticas e métodos de operar vários meios simultaneamente. Assim sendo, comer, ouvir música, ver televisão ou navegar na internet não são práticas que se impõem entre si ou em relação a outras atividades. São antes práticas que se justapõem em regime de multi-tarefa com outras atividades quotidianas ou mais estritamente mediáticas. De facto, 33,8% dos jovens respondentes afirmam que ouvem música ou rádio enquanto utiliza a internet e 30,7% admite que come enquanto navega na rede. Além disso, 28,5% estuda ou faz os trabalhos de casa enquanto usa a internet, 17,7% vê televisão e a mesma percentagem fala ao telefone/telemóvel ou envia mensagens SMS ao mesmo tempo que navega na rede. Apenas 12,3% afirmam que não fazem nada ao mesmo tempo que utilizam a internet (Cardoso et al., 2009).

Em 2009 foi elaborado o relatório “Avaliação Plano TIC” na EBSO, com base em dados recolhidos através de questionários aplicados a professores, funcionários e alunos. Apesar de 94,34% dos professores, no total de 78 respondentes, considerarem que as TIC proporcionam aos alunos o acesso a um leque maior de conteúdos e recursos de aprendizagem e de 67,92% apontarem as TIC como fator de motivação para aprendizagem, 75,47% dos professores consideraram a falta de computadores em número suficiente para os alunos uma barreira para a sua utilização em sala de aula. Outros obstáculos apontados foram a internet ser deficiente ou inexistente (71,70%) e a remodelação da escola pela Parque Escolar (49,06%). Relativamente aos alunos, do total de 156 respondentes, 41,51% não fazia qualquer acesso a recursos na plataforma moodle; a maioria dos alunos (58,49%) não colaborava com colegas de turma através de email e/ou fóruns de discussão online. Comparando com o estudo realizado por Cardoso et al.(2009), 24,3% afirmam que costuma enviar e receber emails várias vezes ao dia e 17% afirmam que recebem ou enviam cerca de um email por dia. Além disso, 19,2% afirmam que o fazem 2 ou 3 vezes por semana e 8,2% cerca de uma vez por semana. Porém, cerca de 21,1% afirmam que nunca recebem ou enviam emails. Curiosamente, há uma maior percentagem de rapazes do que raparigas a referir que nunca recebe ou

envia emails. À medida que a idade dos inquiridos aumenta, maior é a tendência para que o envio/receção de emails seja mais frequente.

A grande maioria dos alunos da EBSO (84,91%) refere nunca ter utilizado ferramentas de conferência de vídeo (por ex. Skype) para atividades de aprendizagem. No estudo realizado por Cardoso et al.(2009), também a grande maioria dos inquiridos (87,7%) não telefona através da internet, isto é, não utiliza serviços de Voice over IP (VoIP), que poderão constituir uma alternativa ao telefone. No entanto, a utilização de serviços de VoIP tende a aumentar com a idade. As chamadas de vídeo pela internet são igualmente pouco usuais entre os jovens inquiridos, visto que 77,1% dos inquiridos declaram que nunca utilizam esse serviço.

Nas diversas medidas implementadas pelos sucessivos programas encontra-se em comum o apetrechamento das escolas em equipamentos e a formação de professores (Coutinho, 2011).

### 2.3 TECNOLOGIAS EDUCATIVAS

Os três pilares da sociedade da informação e do conhecimento são a tecnologia, a formação e os conteúdos. A Escola tenta acompanhar as alterações sociais, económicas e tecnológicas da sociedade, na tentativa de preparar profissionais para o mercado de trabalho, criando *um ensino mais adequado às exigências do mundo do trabalho*, onde alunos e professores têm que se adaptar *às exigências de um mundo cada vez mais dominado pela tecnologia* (C. U. F. Coelho & Haguenaur, 2004, p.3).

A evolução da sociedade de informação e do conhecimento cria novos desafios ao sistema educativo. Sucessivos governos tomaram medidas como as que atrás se referiram, criaram projetos e programas, no sentido de responder a desafios desta sociedade que emerge. A Tecnologia Educativa tem vindo a destacar-se nas Ciências da Educação.

Em 2004, o Conselho de Administração da AECT (Association for Educational Communications and Technology) aprovou a definição de tecnologia educativa (TE): *é o estudo e a prática ética de facilitar a aprendizagem e melhorar o desempenho através*



*da criação, uso e gestão de processos tecnológicos e recursos apropriados* (“What is AECT?,” n.d.).

O campo de ação da TE está *na preparação de uma conceção tecnológica do ensino, apoiada em conhecimentos científicos do processo do ensino/aprendizagem, proporcionando ao professor uma capacidade de reflexão crítica sobre os modelos de ensino aprendizagem frente às necessidades educativas da escola atual* (Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação, 2002, p.267).

Tendo em conta as exigências da Sociedade de Informação (SI), ao professor é solicitado que oriente aprendizagens e desenvolva nos seus alunos competências na construção individual e coletiva do conhecimento, e que ensine a “aprender a aprender”. Na procura de uma *personalização* do processo de ensino/aprendizagem, espera-se que os professores *integrem diferentes recursos didáticos, conteúdos dinâmicos e interativos, onde se diversifiquem os canais de comunicação e as formas de trabalhar e onde os alunos disponham de margem para escolherem os itinerários, atividades e formas que estejam mais de acordo com o estilo de aprendizagem* (Goulão, 2011, p.79). Ao professor são exigidas novas competências, sem abdicar das anteriores e ao aluno é exigido que desenvolva *a sua autonomia, o sentido crítico e o trabalho colaborativo* (idem, p. 14), construindo individualmente e/ou colaborativamente o seu saber apoiado nas tecnologias.

Pretendendo-se que a SI seja uma sociedade para todos, cabe à escola democratizar o acesso às novas tecnologias, permitindo que esta funcione como um pilar da inclusão digital dos alunos portugueses, incentivando por essa via, a difusão das TIC junto das famílias portuguesas (Ministério da Educação, 2008b).

Retomando o conceito de literacia tecnológica, podem-se levantar algumas questões:

- a) Que conhecimentos e competências deveriam os alunos adquirir na escola, desde o pré-escolar até ao final do ensino secundário?
- b) Como organizar e sequenciar a aprendizagem destes conhecimentos e competências, desenvolvendo um currículo em espiral?

c) Devem estes conhecimentos, se competências, ser integrados nos currículos das disciplinas já existentes, será preciso criar disciplinas autônomas (sobretudo a partir do 2º ciclo do ensino básico) ou devem usar-se estas duas estratégias em simultâneo?

Não existem respostas inequívocas para estas questões. Os alunos passaram de meros consumidores ou pesquisadores de informação para produtores e geradores de novos conteúdos, obrigando assim a uma adaptação do papel do professor na sala de aula.

Na sociedade atual temos que repensar os currículos de todas as disciplinas, tendo em conta a evolução tecnológica, a apetência dos jovens para a utilização das novas tecnologias, as boas condições que a maioria das escolas públicas tem e o meio social em que estão inseridas.

Para que se verifiquem efeitos positivos das tecnologias educativas no desempenho dos alunos é necessários que os professores as usem: *a) como novos formalismos para tratar e representar a informação; b) para apoiar os alunos a construir conhecimento significativo; c) para desenvolver projetos, integrando (e não acrescentando) criativamente as novas tecnologias no currículo* (Miranda, 2007, p.44).

O papel das tecnologias da educação é romper um pouco com a resistência, automatizar os processos administrativos, proporcionar novas formas de comunicação, manter conhecimentos atualizados, tornar os processos dos docentes mais interativos e participativos e criar novos espaços para a utilização dos recursos colocados à nossa disposição atualmente nas escolas.

A escola que hoje convive com as novas tecnologias já viveu séculos sem elas e viverá muitos outros com tecnologias que ainda serão inventadas. As tecnologias mudam, a escola adapta-se a elas e utiliza-as. A sua integração na vida escolar e no currículo deve ser progressiva, acompanhando a prática pedagógica.

## 2.4 TECNOLOGIAS EMERGENTES

Atualmente, nalgumas escolas, as infraestruturas tecnológicas estão criadas e o sistema educativo recorre frequentemente à utilização das TIC para a comunicação entre os pares. Verifica-se, em alguns casos, que os procedimentos utilizados com recurso às TIC são desapropriados e, por vezes, não existe rentabilização dos equipamentos tecnológicos disponibilizados pelo PTE. Todos os dias emergem novas tecnologias e aplicações *cloud computing* que, eventualmente, poderão ser utilizadas na área da educação e que podem constituir novas propostas no sistema de comunicação educacional.

O termo *cloud computing* é relativamente recente mas se pensarmos em serviços de *webmail* como *Gmail*, discos virtuais na Internet, sites de armazenamento e a partilha de fotos ou vídeos como *Flickr* e *YouTube*, que contém, de certa forma, o conceito de *cloud computing*, observamos que a ideia não é necessariamente nova. Estes serviços não são executados no computador do utilizador, podem ser acedidos em qualquer lugar, não é necessário instalar a aplicação nem é obrigatório pagar a licença do software. De acordo com Mansur, Gomes, Lopes & Biazus (2010) a “nuvem” é um conceito recente, representando um novo modelo relativamente à infraestrutura, armazenamento e processamento de dados.

Todos os dias o sistema educativo é confrontado com tecnologias tão populares como a Internet e emergem aplicações *cloud computing*, que permitem a comunicação e interação à distância e o acesso a diferentes tipos de informação. Apesar de estarem muitas vezes disponíveis nas escolas, tais recursos nem sempre são utilizados como instrumentos de aprendizagem, sendo necessário procurar diferentes contextos de aprendizagem que conduzam ao aumento da motivação para o conhecimento, de forma a responder às necessidades impostas pela SI.

No Horizon Report (NMC, 2013) são apontadas seis tecnologias com possibilidade de utilização no ensino, aprendizagem e investigação criativa ao longo de três horizontes. O horizonte de curto prazo, assume a probabilidade de entrada em uso geral nas instituições de ensino superior dentro dos próximos doze meses, o horizonte de médio prazo, dentro de dois a três anos, e o longo prazo, dentro de quatro a cinco anos. No horizonte de curto prazo, ou seja, dentro dos próximos doze meses, cursos *online*

abertos de massa (MOOCs) e computação em *tablet* serão os mais adotados no ensino superior.

Para o segundo horizonte de adoção, dentro de dois ou três anos, esperam-se ver adoções generalizadas de duas tecnologias, cujo interesse tem vindo a aumentar no ensino superior: jogo e gameficação e a análise de aprendizagem.

No horizonte de longo prazo, fixado em quatro a cinco anos, estarão em expansão as impressões em 3D e tecnologia trajável. De acordo com algumas notícias, carros elétricos *wireless*, materiais que se autorregeneram, impressoras que nos dão objetos a partir de uma ordem no computador. Sim, tudo isto está a ser desenvolvido ou testado e, segundo o Conselho da Agenda Global para as Tecnologias Emergentes, do Fórum Económico Mundial, faz parte das dez tendências tecnológicas mais promissoras para 2014. São tecnologias que fizeram avanços importantes e estão perto de poderem ser usadas em larga escala (“As dez tecnologias mais promissoras em 2013”, 2013).

Importante também é o conceito como conteúdo aberto, dados e recursos abertos, juntamente com noções de transparência e fácil acesso aos dados e às informações estão a ser tidos em conta. Muitas vezes vista como apenas “livre”, defensores da educação aberta estão a trabalhar no sentido de uma visão comum que define “aberta” como livre, copiável, que pode ser alterada, e sem quaisquer barreiras ao acesso ou interação.

Expressões como “Sociedade das Comunicações Moveis” (Castells 2004, citado por Cardoso, Gomes, Espanha & Araújo, 2007), “Cultura do Telemóvel” (Goggin, 2006), “Thumb Culture” (Glotz, Bertschi & Locke, 2005), “Mobile Age” (Sharples, Taylor & Vavoula, 2005) aludem ao aparecimento de um novo paradigma social que as tecnologias móveis vieram trazer ao quotidiano. Estas tecnologias emergentes estão a transformar os hábitos das pessoas, a forma como se ensina, aprende e trabalha.

Qualquer discussão sobre a adoção da tecnologia também deve considerar as limitações e desafios importantes como a falta de recursos humanos necessários e os meios financeiros para as escolas e instituições a adotarem. Há escolas que ainda estão localizados dentro de edifícios que simplesmente não foram projetados para proporcionar a transparência de frequência de rádio que as tecnologias sem fio exigem, e assim se encontram fora de muitas opções tecnológicas em potencial.

As restrições organizacionais individuais são provavelmente os fatores mais importantes em qualquer decisão de adotar ou não, uma determinada tecnologia emergente assim como os currículos a lecionar.

## 2.5 FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Uma questão que é fundamental colocar por todos quantos se interessam ou têm responsabilidades na educação, relaciona-se com o modo como a escola tem equacionado o seu papel neste cenário de mudança vertiginoso e de desenvolvimento tecnológico, e a eficácia com que tem sido capaz de o fazer.

Nas diversas medidas implementadas pelos sucessivos programas encontra-se em comum o apetrechamento das escolas em equipamentos e a formação de professores (Coutinho, 2011). A Escola tem que acompanhar o desenvolvimento da sociedade, preparando os alunos para as exigências do mercado de trabalho, criando-lhes novas competências. Os professores terão que ser capazes de preparar os alunos para a procura e seleção da informação, reelaborando-a no sentido de atingirem o conhecimento, não se limitando a serem meros recetores.

Que papel pode desempenhar o professor no processo educativo e, mais concretamente, que tipo de preparação é necessário adquirir para usar as tecnologias regularmente nas suas práticas letivas?

Segundo Goulão (2011, p.9), *o docente, mais que transmitir conhecimentos, deve guiar o processo de aprendizagem do aluno por forma a desenvolver as suas capacidades, nomeadamente de aprender a aprender, da sua autoaprendizagem e da sua autonomia.* Ao professor são exigidas novas competências, sem abdicar das anteriores, e ao aluno é exigido que desenvolva *a sua autonomia, o sentido crítico e o trabalho colaborativo* (idem, p. 14), construindo individualmente e/ou colaborativamente o seu saber apoiado nas tecnologias.

O uso das tecnologias móveis abre muitas possibilidades mas, sem ações de formação sólidas, muitos professores tendem, após a empolgação inicial, a um uso mais básico como repositório de informações e publicação de materiais enquanto os alunos as utilizam de inúmeras formas e como redes de entretenimento, jogos, vídeos e conversa online.

*A chegada das tecnologias móveis à sala de aula traz tensões, novas possibilidades e grandes desafios. As próprias palavras “tecnologias móveis” mostram a contradição de utilizá-las em um espaço fixo como a sala de aula: elas são feitas para movimentar-se, para levá-las para qualquer lugar, utilizá-las a qualquer hora e de muitas formas (Moran, 2011).*

O desenvolvimento profissional dos professores deve ter em conta o porquê, para quê e como usar as tecnologias em contexto educativo, além de terem uma atitude positiva perante as mudanças constantes nos meios de acesso à informação.

Desde os anos 80 que sucessivos projetos foram criados para dar formação aos docentes na área das tecnologias educativas. É imprescindível que qualquer proposta de formação de professores tenha presente o *modelo de ensino e de professor assumidos como válidos num sistema educativo* (Costa, Peralta & Viseu, 2008).

O projeto MINERVA, que funcionou entre 1985 e 1994, integrava a formação de professores para a utilização de *software* utilitário (processadores de texto, folhas de cálculo, bases de dados, desenho assistido por computador, edição eletrónica), sempre na perspetiva de que os computadores poderiam constituir novas ferramentas ao serviço do ensino e da aprendizagem. Para dar resposta às tarefas e novas responsabilidades solicitadas aos professores, teve que haver uma forte aposta na sua formação de forma a poder ocorrer uma efetiva transformação do ensino.

O PRODEP (Programa Operacional de Desenvolvimento Educativo para Portugal), contempla a *Formação de professores – FOCO*, o apoio à formação contínua de professores, por forma a facilitar o acesso e a utilização das tecnologias de informação e a desenvolver as competências pedagógicas e culturais para um nível ótimo de desempenho do processo de ensino-aprendizagem (Despacho n.º 299/ME/92 de 22 Outubro). O Programa Nónio- Séclo XXI, em articulação com o Programa FOCO, promoveu a acreditação de ações de formação para docentes.

Um dos eixos de atuação do PTE referidos atrás assenta na formação, onde várias medidas foram propostas para permitir dar resposta ao *deficit* de competências que constitui uma barreira à utilização das tecnologias nas escolas. O projeto “Competências TIC” é um dos desafios do PTE, pretendendo constituir uma estratégia que permita capacitar os professores para a inovação das suas práticas pedagógicas com recurso às

TIC (Costa, Peralta & Viseu, 2008). A Portaria n.º 731/2009 de 7 de Julho, regulamenta o Programa de Formação e Certificação em Competências TIC para os docentes. Os objetivos deste programa são: (i) generalizar a formação e a certificação de competências TIC na comunidade educativa, (ii) promover a utilização das TIC nos processos de ensino/aprendizagem e na gestão escolar. O programa de Formação e Certificação de Competências TIC é modular, sequencial e disciplinarmente orientado, estruturando-se em 3 níveis (Ministério da Educação, 2008), conforme registado na Figura 8.



Figura 8-Níveis de Formação

Dados divulgados no website do PTE, até 2011, 44 000 docentes foram certificados em competências digitais (nível 1) e 44 956 frequentaram um curso de competências pedagógicas e profissionais, ou seja, 30% dos docentes.

No decorrer da formação de professores, presencial e/ou a distância, a interação entre todos os elementos participantes permite a criação de um importante espaço de reflexão e de colaboração na construção de novos conhecimentos e competências. Neste processo colaborativo, os professores contribuem para atingir os objetivos pretendidos consoante as suas capacidades e competências. *Aqueles que sabem algo ensinam àqueles que não sabem, e todos eles aprendem coisas novas à medida que trabalham juntos, em relação à realização de tarefas específicas em relação a outros e em relação a eles mesmos* (Costa et al., 2008, p.220). Seja qual for o sistema de formação de professores adotado, este permitirá conhecer novos métodos de ensino com as TIC e partir de um princípio de partilha de experiências entre pares e no sentido colaborativo.

De acordo com Costa et al. (2008) grande parte da formação de professores continua centrada na aprendizagem de ferramentas e não na integração na atividade curricular . Torna-se fundamental que a formação seja *estruturada de forma a levar os professores a reconhecerem os benefícios que o uso do computador pode trazer para a aprendizagem e à tomada de consciência da sua importância enquanto ferramenta de trabalho intelectual, como condição de mudança das suas práticas* (Costa et al., 2008, p.240) .

Os mesmos autores propõem um modelo de formação assente em 3 pilares - Visão, Atitudes e Prática - em que a sua interdependência exige uma estrutura de reflexão e de partilha (Figura 9).

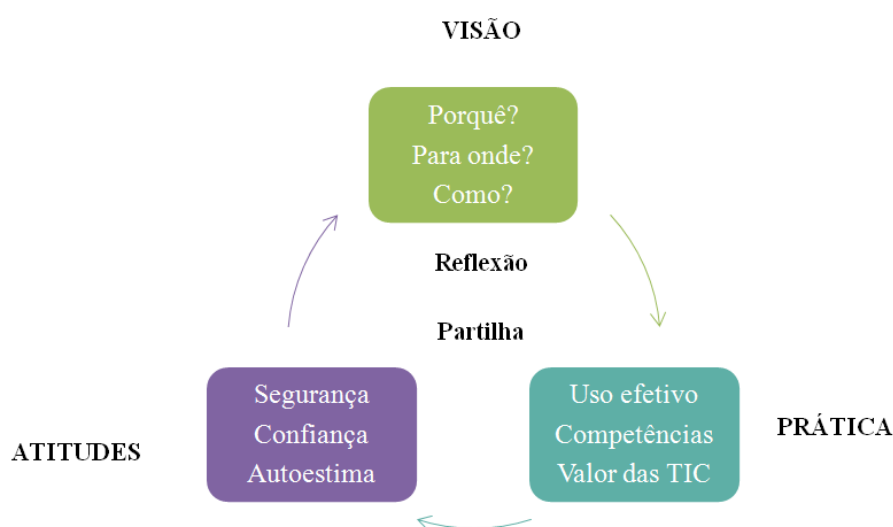


Figura 9 - Pilares em que deve assentar a preparação dos professores para o uso das TIC (adaptado de Costa et al., 2008, p.247)

No plano Visão, cada professor constrói o seu próprio “rationale”, colocando-se as questões: porquê, para quê e como usar as tecnologias. O professor decide as atividades que pretende realizar com os seus alunos, recorrendo às tecnologias, e concretiza-as. Interage com os colegas e formador, partilhando sucessos e/ou procurando a resolução de problemas. Por fim, reflete sobre os resultados, mais ou menos bem conseguidos, retirando daí conclusões que levam a uma melhoria das suas práticas (Costa et al., 2008).

Na opinião de Mishra & Koehler (2008), o TPACK (*Technological Pedagogical Content Knowledge*), referencial teórico muito recente e pouco divulgado no nosso país,



vem revolucionar a compreensão que hoje temos da forma como se processa o desenvolvimento profissional de um professor competente em TIC, na sua área curricular, sendo a base de um ensino eficaz com as tecnologias e condição para uma eficiente inserção das TIC nas atividades curriculares. O TPACK é o resultado da interseção do conhecimento de um professor a três níveis: conhecimento dos conteúdos curriculares, dos métodos pedagógicos e das competências a nível tecnológico.

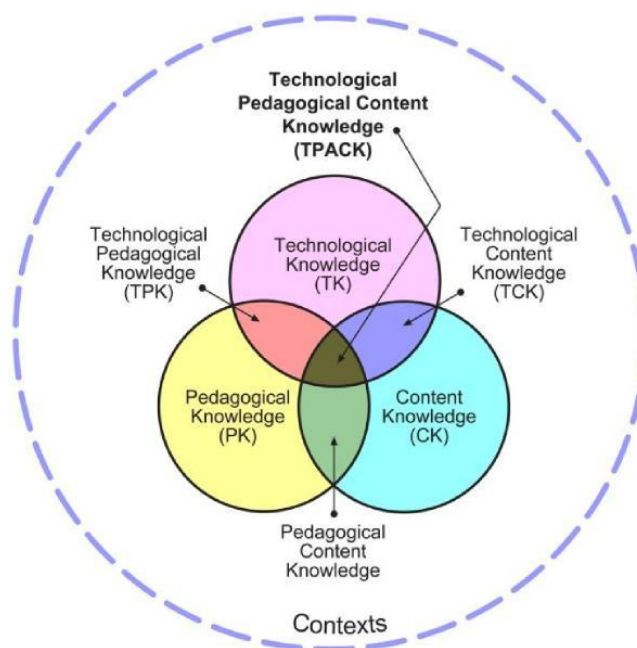


Figura 10- Modelo TPACK (Koehler, 2011)

O seu domínio exige, por parte do professor, uma compreensão das técnicas pedagógicas, que possibilitam que as tecnologias sejam usadas em prol da construção do saber pelo aluno e não como um apoio ao professor para ensinar. Nesse sentido, a formação deve ser direcionada para o desenvolvimento do TPACK de uma forma gradual, começando com tecnologias mais simples e que os professores já conhecem (e para as quais já podem ter desenvolvido competências), rumo a aplicações cada vez mais complexas. O que se pretende é que o professor seja capaz de tomar decisões fundamentadas no desenho das suas atividades de ensino com as tecnologias o que, segundo Cox (2008) citado por Coutinho (2011), pressupõe: a) saber usar as tecnologias; b) numa dada área curricular, c) integrada numa estratégia pedagógica específica d) num determinado contexto educativo, e) para promover a construção do conhecimento do aluno, relativo a um determinado conteúdo/tópico programático e/ou para contribuir para a consecução de um objetivo educacional previamente identificado.

Com estas medidas e com a evolução das novas tecnologias, passamos rapidamente dos media tradicionais aos media participativos, obrigando os intervenientes a uma constante adaptação e atualização do conhecimento.

Apesar das elevadas expetativas sobre a utilização das TIC em contexto educativo, o seu grau de penetração efetivo na atividade curricular continua reduzido para os meios que atualmente estão disponíveis nas escolas portuguesas. Se num primeiro momento isso pode depender de uma atitude favorável dos professores à utilização das novas TIC no processo de ensino e de aprendizagem, num segundo momento a questão fulcral parece ser a de saber como fazê-lo de forma adequada e em estreita relação com as práticas educativas desses mesmos professores que coloca uma questão de formação e de desenvolvimento. Um modelo de trabalho que respondesse ao duplo desafio de ajudar os professores a construírem uma visão do potencial das tecnologias na aprendizagem (porquê? para quê? e como usar as tecnologias?) e, por via da criação de oportunidades de uso concreto e devidamente apoiado, contribuir de forma efetiva para a mudança de atitude dos professores face às tecnologias e no consequente reforço da autoestima e confiança na sua utilização em contexto de ensino e aprendizagem, pode ser um modelo de formação.

## 2.6 CONTEÚDO

Os conteúdos e as aplicações são essenciais para a alteração das práticas pedagógicas, *ao favorecer o recurso a métodos de ensino mais interativos e construtivistas, contribuindo para criar uma cultura de aprendizagem ao longo da vida* (Ministério da Educação, 2008, p.29). Para que as escolas consigam acompanhar o desenvolvimento da Sociedade de Informação e do Conhecimento, não basta equipá-las com equipamentos informáticos e com internet, é necessário que existam ferramentas para criação de materiais pedagógicos e de conteúdos que se adequem à mudança de métodos de ensino/aprendizagem exigidas por uma alteração de mentalidade de práticas docentes. Os conteúdos devem acompanhar também as necessidades dos alunos e fazer uma adaptação ao modo como os alunos procuram a informação.

O projeto “Mais-Escola.pt” (Figura 11), incluído no eixo de atuação do PTE - Conteúdos, pretende disponibilizar ferramentas em suporte digital, online ou em software de apoio a uma prática educativa que se pretende inovadora e para a qual

necessita de ferramentas e de *materiais pedagógicos e conteúdos adequados* (Ministério da Educação, 2008, p.31).

Conceito	Objetivos
<ul style="list-style-type: none"><li>• Criar portal da Escola com funcionalidades de partilha de conteúdos, ensino a distância e comunicação (plataforma de e-learning)</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Aumentar a distribuição, produção e utilização de conteúdos pedagógicos em suporte informático</li><li>• Encorajar o desenvolvimento de portefólio digital do aluno</li><li>• Complementar os métodos de ensino convencionais e fomentar práticas de ensino interativas e de aprendizagem contínua</li></ul>

Figura 11- Projeto Mais-Escola.pt (Ministério da Educação, 2008, p.31)

Outra preocupação do PTE neste eixo de atuação, diz respeito ao aumento das funcionalidades da plataforma colaborativa de maior penetração no nosso país (Moodle) e à necessidade de generalização da sua utilização. As plataformas de aprendizagem promovem e reforçam as interações entre todos (professor e alunos), permitindo a partilha de conhecimentos e estimulando os alunos a *processar a informação autonomamente e de modo significativo* (Goulão, 2011, p. 74), ou seja, a autoaprendizagem, inserindo-se no conceito de educação ao longo da vida. Estas plataformas permitem uma *aprendizagem personalizada, em conformidade com a necessidade, a disponibilidade e o ritmo do indivíduo, (...) metodologia que permite derrubar barreiras temporais e espaciais (anytime, anywhere)* (Gonçalves 2007, citado por Martins, 2012), respeitando o ritmo individual dos alunos e estimulando o trabalho colaborativo, protagonizando uma nova forma de ensinar e de aprender.

Neste contexto, a Web veio permitir publicar ou aceder, com facilidade, à informação *online*, tornando possível a todos o acesso à informação. Numa primeira fase, na Web 1.0, o utilizador não podia alterar ou recriar os conteúdos que lhe eram disponibilizados por outros. O grande avanço ocorre com o aparecimento das funcionalidades da Web 2.0, que passam a permitir a interação, ao mesmo tempo que o utilizador se pode tornar, também, produtor dos seus conteúdos. A Web passa a ser *encarada como uma plataforma*, onde escrever *online* se tornou *estimulante para os professores e para os alunos. (...) O ambiente de trabalho deixa de estar no computador pessoal do professor e passa a estar online, sempre acessível, a partir de qualquer lugar do planeta com*

*acesso à Internet* (A.Carvalho, 2008, p. 8). Os recursos disponibilizados na Web 2.0 são de fácil utilização e permitem o enriquecimento das práticas educativas, como, por exemplo, o trabalho colaborativo ou a criação de comunidades de prática. As comunidades de prática são de primordial importância para os professores, no sentido de permitirem que estes partilhem experiências, informações, planos de aula e recursos construídos para a sua atividade docente.

Os professores podem usar a internet para desenvolver a sua atividade docente de variadas formas. A internet é uma fonte de recursos para o desenvolvimento pessoal, isto é, os professores podem aprofundar e alargar o conhecimento relativo à sua área através da consulta de sítios da web ou da pesquisa de artigos. Pode também ser um recurso para os professores planearem atividades para implementar na sala de aula. Podem, por exemplo, pesquisar sítios web que possam cativar os alunos para a realização de atividades significativas. Assim, não dispendem tempo a criar atividades de raiz quando existe um número bastante considerável de atividades interativas disponíveis online.

Finalmente, a internet pode ser usada como um recurso que disponibiliza aos alunos um conjunto de sítios web previamente selecionados pelos professores tendo em conta os objetivos didáticos a atingir e as necessidades educativas particulares de grupos de alunos.

O aparecimento da internet, e particularmente da Web 2.0, permitiu que a divulgação de conteúdos multimédia deixasse de ser exclusivamente *offline*, através de unidades de armazenamento digital, passando a ter uma divulgação online, possibilitando a interação a um número de pessoas significativamente superior. Esses conteúdos são constantemente atualizados, crescendo diariamente. A possibilidade de aceder autonomamente a partir de qualquer lugar, em qualquer dia e hora, representa uma mais-valia para a aprendizagem, quer para produtores, quer para consumidores desses conteúdos.

O grande desafio atualmente consiste em ser capaz de gerir estas toneladas de conteúdo, realizando pesquisas e recolhas rápidas e eficazes. Esta recolha é uma necessidade constante na educação, quer por parte dos alunos, quer por parte dos docentes. Apesar da renovação escolar e da disponibilização de mais computadores na rede de escolas

públicas, essas ferramentas digitais de acesso não têm vindo a ser utilizadas de um modo proveitoso. A integração dessas tecnologias no processo educativo surge para além de uma possibilidade, como uma obrigação. Tal como os professores são encorajados a integrar as TIC na sua prática docente, assim se espera que os alunos saibam utilizá-las como fonte de conhecimento complementar aos saberes adquiridos nas aulas propriamente ditas.

Atualmente, a designada Web 3.0 serve-se de software que vai aprendendo com o conteúdo que apanha na internet, que analisa a popularidade desse conteúdo e chega a conclusões. A diferença entre a Web 2.0 e a Web 3 é a possibilidade de obter uma lista de respostas e uma solução concreta e personalizada para uma pergunta. É a diferença entre a sintaxe e a semântica. *“A Web semântica é uma extensão da atual Internet na qual é dado significado à informação, permitindo que computadores e pessoas trabalhem melhor em cooperação”*, foi assim que Tim Berners-Lee, o próprio inventor da Web, a definiu (Ribeiro, 2009).

António Nóvoa , doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Genebra acredita que a escola que hoje nós conhecemos vai desaparecer e não está muito longe de acontecer, responsabilizando os atuais professores por esse processo de transição. Ele afirma que *“debaixo dos nossos olhos e perante uma certa indiferença da nossa parte, estão acontecendo três revoluções”* (Santos, 2014). Segundo ele, a primeira delas é a revolução na aprendizagem, que será impulsionada pela tecnologia que tem potencial para colocar nas mãos dos professores as ferramentas com as quais podem concretizar o ideal pedagógico como a individualização do ensino, diferenciação pedagógica e autonomia dos alunos na aprendizagem. A segunda revolução está relacionada com a sala de aula em que o modelo de sala de aula que foi criado em 1867 e não responde mais às nossas necessidades, será substituído nos próximos anos por espaços partilhados entre professores a trabalhar em conjunto em projetos escolares diferentes dos atuais. Finalmente, a terceira revolução está relacionada com o que ele designou de cidade educadora, segundo o autor *“Chegou o tempo de pensar a educação para além da escola, de compreender todas as dimensões educativas que existem na cidade, na sociedade”*. Para ele, a escola como edifício está com os dias contados e deve-se entender o potencial da comunidade educativa para ajudar na construção do conhecimento dos alunos.

O aspeto físico das escolas, que foi e está a ser alterado através da intervenção da Parque Escolar, as condições de acesso às novas tecnologias proporcionadas pela implementação do PTE e as tecnologias emergentes levam a pensar que os primeiros passos estão dados para esta transição. Ter-se-á que refletir na formação de professores e nos conteúdos.

## CAPÍTULO 3 - METODOLOGIA

O presente relatório dá a conhecer a investigação realizada na EBSO e teve como principal objetivo caracterizar as tecnologias e os meios de comunicação utilizados, quotidianamente por indivíduos, matriculados do 7.º ao 12.º ano de escolaridade, no que respeita à sua relação com as tecnologias e os meios de comunicação. Foi utilizado o método quantitativo de recolha de dados, com recurso à aplicação de um inquérito por questionário.

De uma forma geral o objetivo dos questionários é recolher informação sobre indivíduos, atitudes, crenças e intenções dos participantes. Um questionário

*consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, (...)uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimento ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores* (Quivy & Campenhoudt, 2008, p.188).

O inquérito por questionário é um instrumento de recolha de informação que, segundo Pardal e Correia (1995), constitui a técnica de recolha de dados mais utilizada no âmbito da investigação em ciências sociais. É uma técnica adequada ao estudo de grandes conjuntos de indivíduos e garante, em princípio, o anonimato, condição necessária para a autenticidade das respostas, apresentando contudo importantes limitações quanto ao grau de profundidade da informação recolhida.

Pode apresentar uma ou várias modalidades de questões: abertas, fechadas ou de escolha múltipla. Segundo Freixo (2010) quanto ao conteúdo podem-se distinguir questões sobre factos e ainda questões de opinião, que se debruçam sobre opiniões, atitudes e preferências, devendo o investigador assegurar que os sujeitos compreendem bem as questões e que estas permitam chegar à informação desejada.

Escolheu-se o inquérito por questionário pois considera-se que este instrumento de recolha de dados se adequa aos objetivos deste estudo e tem sido utilizado em estudos semelhantes, como, por exemplo, o estudo realizado pelo CIES-ISCTE, *E-generation, Crianças e jovens: A relação com as Tecnologias e os Meios de Comunicação*, que foi inspirador para o nosso trabalho. Adicionalmente, optou-se pelo questionário *online*

para tirar partido das virtualidades da internet, por forma a chegar a mais alunos, de forma rápida e gratuita, já que o público-alvo deste estudo tem fácil acesso à internet na escola.

O questionário (Anexo 1) foi estruturado em quatro partes: a primeira parte, relativa aos dados pessoais, caracterizou os inquiridos quanto à situação pessoal, escolar e socioeconómica. Colocaram-se apenas questões básicas que permitissem descrever a amostra e que se considerou que poderiam ser pertinentes ter em conta na análise dos dados, de modo a que os inquiridos se sentissem confortáveis a responder ao questionário. Importava que os inquiridos se focassem nas questões relacionadas com o objeto de estudo, da forma mais honesta e fiel possível. A segunda parte do questionário incidiu sobre o uso da internet por parte dos alunos, tanto em contexto escolar, como em contexto social. Na terceira parte foram colocadas questões acerca do telemóvel, nomeadamente quanto à sua usabilidade por parte dos inquiridos, nas vertentes escolar e social. Na quarta parte, pretendeu-se perceber a valorização que os sujeitos fazem das novas tecnologias e qual o peso dos media no quotidiano de cada um.

### 3.1 PROCEDIMENTOS

Recorreu-se à ferramenta *google drive* para a elaboração do questionário *online*, tendo como base o questionário realizado pelo Obercom (Observatório da Comunicação) e adaptado pela GfK Metris. O questionário foi preenchido pelos alunos entre os dias 28 de outubro e 13 de dezembro de 2013.

A parte inicial do questionário *online* incluía uma nota introdutória, explicando o objetivo da pesquisa e a importância da resposta, de forma a sensibilizar os alunos para o seu preenchimento. O texto introdutório referia ainda não existir respostas certas ou erradas e que a informação fornecida era anónima. Indicou-se também um tempo médio de resposta ao questionário de cerca de vinte minutos. Algumas questões eram de carácter obrigatório, não sendo possível submeter o questionário sem essas questões estarem respondidas.

Neste questionário utilizaram-se perguntas fechadas, dicotómicas, de escolha múltipla e perguntas abertas para a obtenção de valores quantitativos; foi ainda usada a escala de Likert de sete pontos (1- discordo totalmente a 7- concordo totalmente). Nas respostas a este tipo de questões os sujeitos exprimem a sua aprovação ou rejeição relativamente a



uma afirmação sobre uma atitude, crença ou um juízo de valor, exprimindo as suas percepções acerca do objeto de estudo (Tuckman, 2005).

O questionário aplicado foi objeto de alguns aperfeiçoamentos, recorrendo-se para o efeito a um pré teste junto de 23 alunos de uma turma do ensino profissional de outra escola. Sofreu algumas adaptações até chegar ao modelo final, de modo a assegurar a relevância, clareza e compreensão das perguntas aplicadas (Hill & Hill, 2005). O questionário foi anónimo e foram cumpridas todas as formalidades relativas à privacidade dos dados. Conforme sugere Freixo (2010) devem ser salvaguardadas as condições éticas subjacentes a uma investigação deste tipo. Para o efeito foi solicitado à direção do agrupamento a autorização para que a investigação pudesse ser realizada (Anexo 2).

Os dados recolhidos automaticamente na folha de cálculo do *google drive* foram exportados para a folha de cálculo do excel onde foi feita uma primeira validação. Posteriormente os resultados foram analisados em software estatístico SPSS 20.0 (*Statistical Package for Social Sciences*).

## CAPÍTULO 4 - APRESENTAÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 CARATERIZAÇÃO DA AMOSTRA

O universo é constituído por 756 jovens com idades compreendidas entre os 12 e os 21 anos de idade, residentes no concelho de Ourém, matriculados do 7º ao 12º ano de escolaridade (incluindo os cursos profissionais e de educação e formação) na EBSO.

Foram validadas 664 respostas, das 671 que responderam ao questionário no prazo dado para o efeito. Os motivos que sustentaram a eliminação das 7 respostas aos questionários prenderam-se tanto com a invariabilidade das respostas, como com a incoerência das mesmas.

Não foi possível inquirir a totalidade do universo da população alvo (756 alunos do 3.º ciclo e ensino secundário/profissional da EBSO) por questões pontuais de incompatibilidade entre as atividades letivas e a calendarização da recolha de dados em duas turmas, bem como por faltas esporádicas de alunos no momento de recolha dos dados na turma. Ainda assim, foi possível aplicar o questionário a 88% desse universo (664 respostas válidas) - Figura 12.

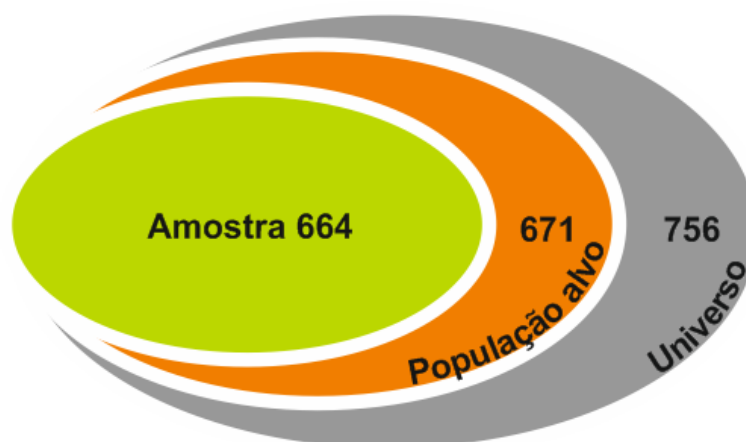


Figura 12- Universo- População Alvo – Amostra

## 4.2 CARATERIZAÇÃO PESSOAL E ACADÉMICA

Relativamente ao género, constatou-se que os rapazes totalizam 45,3% e as raparigas 54,7% da amostra (Tabela 4).

Tabela 4- Escalão etário – sexo (%)

Escalão etário	Sexo		%
	Masculino	Feminino	Total
12-13 anos	10,8	8,3	9,0
14-15 anos	40,9	40,8	40,8
16-17 anos	41,2	42,7	42,0
18-19 anos	6,6	7,4	7,1
20-21 anos	1,3	0,8	1,1
<b>Total</b>	<b>45,3</b>	<b>54,7</b>	<b>100,0</b>

Relativamente ao escalão etário e de acordo com a tabela 4 pode-se considerar a amostra repartida por quatro grandes faixas etárias: alunos com idade 12 ou 13 anos (9%), com 14 ou 15 anos (40,8%), com 16 ou 17 anos (42%) e com idade maior ou igual a 18 anos (8,2%).

Fazendo a leitura dos dados relativos ao ano de escolaridade que os inquiridos frequentam (tabela 5), verifica-se que 8,4% dos alunos frequenta o 7.º ano (dos quais 86% tem 12 ou 13 anos), 6,6% o 8.º ano (dos quais 80% tem 13 ou 14 anos), 13,1% o 9.º ano (tendo 80% 14 ou 15 anos), 33% o 10.º ano (com 70% dos alunos também no escalão etário dos 14/15 anos), 21,2% o 11.º ano (dos quais 89% tem 16 ou 17 anos) e 17,6% o 12.º ano (com as idades de 16 ou 17 anos a predominarem com o valor de 67%, sendo significativa a percentagem de alunos com 18 ou 19 anos – 27%).

Assim, verifica-se que a maioria dos inquiridos frequenta o ensino secundário, o que se compreende facilmente tendo em conta que a EBSO é a única escola secundária pública do concelho de Ourém.

Tabela 5- Área de Estudos- Ano de Escolaridade(%)

Ano de escolaridade	Área de estudo (%)							Total
	3º Ciclo regular	Curso de Formação e Educação	Línguas e Humanidades	Ciências e Tecnologias	Ciências Sócioeconómicas	Curso Profissional	Artes Visuais	
7º Ano (ou equivalente)	8,4							8,4
8º Ano (ou equivalente)	6,6							6,6
9º Ano (ou equivalente)	9,3	3,8						13,1
10º Ano (ou equivalente)			2,1	13,7	3,3	7,7	6,2	33,0
11º Ano (ou equivalente)			0,2	10,2	2,3	4,5	4,1	21,2
12º Ano (ou equivalente)			3,0	7,1		7,5		17,6
<b>Total</b>	24,4	3,8	5,3	31,0	5,6	19,7	10,2	100,0

Dos alunos que frequentam a EBSO, mais de metade (52,1%) encontra-se no ensino secundário, no ensino regular, 28,2% está no 3.º ciclo (regular e Curso de formação e Educação) e 19,7% frequentam a via profissional sendo que, dos alunos que frequentam o ensino pós básico, cerca de 72,5% optou pelos cursos científico-humanísticos e os restantes 27,5% pelos cursos profissionais.

#### 4.3 CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA

A grande maioria dos inquiridos apresenta uma situação familiar aparentemente regular: 83,1% vivem com o pai, a mãe e, eventualmente, o(s) irmão(s), sendo que alguns(11,7%) vivem só com o pai e a mãe por serem filhos únicos. As famílias mais numerosas (de alunos com 2 ou mais irmãos) são uma minoria: apenas 27,4% dos inquiridos têm mais que 1 irmão.

Ainda se encontra uma percentagem relativamente elevada de pais e mães com uma escolaridade bastante reduzida, uma vez que: 14,6% dos pais e 10,7% das mães não têm o equivalente ao 1.º ciclo; mais de metade dos pais (64,5%) e das mães (57,1%) têm, no máximo, o 9.º ano de escolaridade; 12,2% dos pais e 24,8% das mães têm um curso superior.

Apesar de possuírem, de um modo geral, menos escolaridade que as mães, a taxa de empregabilidade dos pais situa-se nos 87,8% e das mães nos 78,9% e, paralelamente, a taxa de desemprego das mães (17,9%) é mais preocupante que dos pais (7,4%). Registam-se percentagens muito baixas com ambos os pais desempregados (0,02%) ou reformados.

## 4.4 CARATERIZAÇÃO DO PARQUE TECNOLÓGICO DOS ALUNOS

### 4.4.1 QUAIS OS MEDIA QUE UTILIZAM NA COMUNICAÇÃO?

Nesta secção caracteriza-se o “parque tecnológico”, fixos ou móveis, que os alunos têm ao dispor para trabalhar e para comunicar com os seus pares.

Um primeiro passo para a autonomia digital do aluno é poder dispor de computador de modo a que tenha, antes de mais, acesso a uma aplicação/ferramenta e, se possível, que seja um computador próprio para que possa organizar os tempos e formas de utilização.

Procurou-se saber qual o número de computadores portáteis e fixos que existem no agregado familiar dos inquiridos. A tabela 6 apresenta os resultados obtidos.

Tabela 6- Computadores portáteis e fixos existentes no agregado familiar (%)

	<b>Portátil</b>	<b>Fixo</b>
Nenhum	8,3	35,7
Um	41,3	55,7
Dois	31,0	6,0
Três	14,0	1,7
Mais de 3	5,4	0,9
<b>Total</b>	100,0	100,0

Analisando os dados, constata-se que cerca de 35,7% dos inquiridos não possuem computador fixo e 8,3% não têm portátil. Apenas 0,5 % dos inquiridos não possuem qualquer tipo de computador. Mais de 50,4% dos alunos possuem pelo menos dois ou mais computadores portáteis, o que contrasta com os valores relacionados com os computadores fixos (8,6 % têm pelo menos 2 ou mais). De acordo com os dados do estudo Cardoso et al., (2009), intitulado E-generation 2008, 25% dos inquiridos (jovens dos 8 aos 18 anos) não possuíam computador e apenas 28,1% refere ter dois ou mais computadores em casa. Comparando com os dados da CEPCEP-UCP ,Observatório do PTE de 2010, só 7% dos alunos não tinha qualquer tipo de computador. Assim, os resultados parecem refletir o sucesso da implementação do programa e-iniciativas que começou a ser implementado em 2009 pois, em 2010, 56% dos alunos referiam que a aquisição do computador foi através do programa e-escolas.

Vários outros dispositivos possibilitam acesso a funcionalidades da internet, bem como comunicar com os amigos e, por isso, foi realizado um conjunto de questões sobre a utilização do telemóvel, dispositivo que atualmente faz parte do quotidiano da grande maioria dos agentes da educação.

Os dados da tabela 7 refletem a relação dos inquiridos com o telemóvel, verificando-se que apenas 1,8% não possui telemóvel. Dos inquiridos que têm telemóvel 92,3% é com assinatura e 5,9% com carregamento. Os dados do estudo de Cardoso et al., (2009) indicam que 15,8% dos inquiridos não tinha telemóvel; 83,6% possuíam telemóvel com carregamento e 0,7% possuía telemóvel com assinatura. Comparando os dados constata-se que houve uma inversão na tipologia dos custos associados ao telemóvel. De realçar que 81,1 % dos inquiridos indica que existem 3 ou mais telemóveis em funcionamento na sua casa.

Tabela 7- Utilização do telemóvel e tipologia (%)

<b>Telemóvel</b>	
	<b>%</b>
Não	1,81
Sim, com carregamento	5,87
Sim, com assinatura	92,32
Total	100,0

A idade média com que os inquiridos obtiveram o seu primeiro telemóvel foi de 9,71 anos, não diferindo muito dos 10,3 anos obtidos no estudo de Cardoso et al., (2009). Uma pequena minoria de 3% afirma que foi o próprio a comprar o seu primeiro telemóvel. Os pais foram os principais compradores do primeiro telemóvel: 42,9% diz que foi o pai, 34,8% a mãe, 11% indica que foi outro familiar e 2,1% que foi um irmão ou irmã. Estes dados não sofreram alterações significativas em relação ao estudo de Cardoso et al., (2009), relativo à caracterização da *E-Generation* de 2008, o que reflete que os jovens apesar de reclamarem maior autonomia existencial não deixam de ser economicamente dependentes dos pais. Apenas 8,4 % dos inquiridos suporta os custos da utilização do telemóvel sendo que, entre estes, 67,9% dos inquiridos com idade superior a 16 anos dizem suportar os custos em comparação com apenas 32,1% dos 10 aos 15 anos. Mais de metade dos inquiridos (55,6%) contem-se nos gastos e declara que gasta menos de 3 euros em telemóvel por semana, em comparação com 16,6% que

afirma gastar entre 3 a 6 euros por semana. Existem ainda 10,2 % gasta entre 7 a 12 euros por semana e somente 0,8 % refere gastar mais de 13 euros por semana.

Tendo em consideração os dados apresentados, verifica-se que a maioria dos jovens não só premeia o computador e a ligação à internet como o seu ambiente mediático, acontecendo o mesmo com o telemóvel. Ainda não estamos num cenário em que cada membro do agregado familiar tem o seu próprio computador e o seu próprio telemóvel, contudo, a médio-prazo isso poderá acontecer.

#### *4.4.2 ONDE E QUANDO UTILIZAM OS MEDIA À SUA DISPOSIÇÃO?*

Com estes dados pretende-se conhecer onde e como os inquiridos utilizam os meios tecnológicos que têm à sua disposição para aceder à informação. Pretendeu-se também perceber qual o local que os inquiridos elegiam como o mais adequado para a sua prática tecnológica e qual o horário mais usual, quer durante a semana quer ao fim-de-semana. Um princípio fundamental na disseminação da internet é proporcionar o acesso a quem o queira, por isso se inquiriram os alunos no sentido de apurar onde fazem esse acesso, verificando se dependem da escola, se possuem acesso em casa, ou outra qualquer situação que possa vir a ser integrada no processo educativo.

Para os inquiridos que têm internet, as principais formas de ligação nas suas casas são: 61,6 % por Cabo/*Wireless*, 9,5% por ADSL, 23% por operador móvel e 3,8% não têm internet, valor que não difere muito do obtido no estudo realizado pela Universidade Católica Portuguesa (2010), acerca do PTE, em que só 3% dos alunos não tinham acesso à internet. Um dos dados a realçar nesse estudo é que 43% dos inquiridos referem não ter acesso à internet nas escolas, enquanto que, comparando com os dados obtidos na EBSO em 2013, 69,1% dos inquiridos refere que utiliza a internet na escola. Estes dados refletem as melhorias feitas pelo PTE no parque informático e nas orientações do acesso à internet. Recorde-se que em 2010 estavam a finalizar a maior parte das obras da Parque Escolar e a ser implementado o PTE que veio permitir um acesso generalizado à internet nas escolas, quer por cabo, quer por *wireless*.

Salienta-se que 0,3% dos alunos com computador não possuem qualquer tipo de ligação à internet, havendo um decréscimo face aos dados do estudo de Cardoso et al., (2009), que refere que, em 2008, 25,4% dos alunos não tinham acesso à internet.

Analisando a tabela 8, verificamos que os inquiridos elegem a casa e a escola como os locais onde acedem mais à internet (66,9%). Apenas 2,6% referem que só têm acesso à internet na escola. Dos inquiridos, 25,8 % referem que apenas acedem à internet a partir de casa, o que indicia que muitos inquiridos não acedem à internet em horário letivo.

Tabela 8- Locais de acesso à internet por parte dos inquiridos (%)

Não utilizo	0,6
Em casa e na escola	66,9
Em casa	25,8
Na Escola	2,6
Outro	4,2
Total	100,0

Comparando com o estudo *E-Generation* 2008, de Cardoso et al., (2009), em que os inquiridos (49,3%) elegiam a escola como um local com uma importância estratégica quanto ao desenvolvimento e promoção da info-literacia de setores juvenis que não têm acesso à internet em casa, atualmente não se coloca esse problema pois, como atrás foi referido, só 3,8 % não têm esse acesso. Enquanto em 2008 os jovens (28,8 %) referiam outros locais de acesso como, casa de amigos, cybercafés, acesso móvel, juntas de freguesia ou câmaras e bibliotecas, na EBSO só 4,2 % refere outros locais para aceder à internet. O acesso em espaço público tem vindo a generalizar-se nos países da OCDE, primeiro equipando os locais de informação e consulta públicos (bibliotecas, centros culturais, cybercafés, etc.) para depois se evoluir para uma disponibilização do serviço prestado ao público (*hot spots*, p.e.) existindo milhões de locais de acesso público na UE proporcionados por cafés, restaurantes, hotéis, postos de turismo, administração local, entre outros. Esses espaços poderão ter interesse em ser conhecidos porque abrem toda uma outra possibilidade de trabalho extra escolar e extra doméstico muito relevante, por exemplo para a realização de trabalhos de grupo.

Na utilização da internet, a maior parte dos inquiridos (54,8 %) avalia-se como tendo um nível médio, seguido de 21,2 % com um nível avançado e 12,5 % como principiantes. Quanto à questão de quem os ensinou no manuseamento da ferramenta, os inquiridos (66,3%) dizem que aprenderam sozinhos, seguindo-se a ajuda dos irmãos (14,6%) e dos professores (5,9%). Assim, para a grande maioria a aprendizagem efetua-se em regime de



autodidata, tal como no estudo de Cardoso et al., (2009). Uma percentagem muito grande de inquiridos (91,9 %) referem que têm instalado um sistema de proteção quando navega na internet, seguido de 5,1% que diz não sabe/ não responde e 3% que refere não utilizar qualquer sistema de proteção. Quando utilizam a internet, os inquiridos maioritariamente (81,5 %), respondem que o fazem sozinhos, 7,8 % refere que faz com os amigos e 5% com irmãos. A prática da utilização da internet é normalmente individualizada. Quando utilizam acompanhados, normalmente fazem-no com amigos ou amigas. A presença da família não se faz sentir tanto, porém alguma percentagem inclui os irmãos e pais na partilha.

As ofertas de pacotes que incluem televisão, telefone e internet ajudou a que a população, em geral, tenha acesso à internet em casa. O apetrechamento das escolas através do PTE em laboratórios de informática e pontos de acesso *wireless* permitiu o acesso livre, o que veio ajudar a combater a info-literacia e a que as pessoas não tenham que se deslocar a outros locais públicos para ter acesso à informação.

O acesso em casa, realizado pelos inquiridos, está refletido na tabela 9. Não há um espaço privilegiado em casa para o uso do computador, pois 43,8 % dos inquiridos referem que é portátil, o que, provavelmente, significa que não têm um local definido. Mesmo assim, 29,4 % referem que o quarto é o seu local privilegiado para utilizar o computador. Contrastando com os dados de 2008 de Cardoso et al., (2009), em que 48,2% dos inquiridos afirmavam que utilizam o computador no quarto, nos dados obtidos na EBSO a tendência é para que não exista um local fixo.

Tabela 9- Local de acesso ao computador em casa (%)

Local de acesso ao computador	
NS/NR	0,9
Quarto	29,4
Quarto de familiar	3,3
Sala de estar	17,6
É portátil	43,8
Outra (escritório, etc.)	5,0
Total	100,0

Dos 43,8% de inquiridos que responderam “portátil” como local de acesso ao computador, 60,8 % são do sexo feminino e 39,2% do sexo masculino (anexo 3) e só 6,5% dos inquiridos tem idade igual ou inferior a 13 anos. De salientar que 29,4 % dos inquiridos elege o quarto como um local privilegiado de acesso, o que significa que

gostam da sua independência, mas 17,6% partilham o seu acesso num local comum da casa, provavelmente dando razão a quem já lhe chama a “lareira eletrónica” dos nossos dias.

Tabela 10- Acesso à internet nos diferentes períodos do dia

	Seg-Sex	Sab-Dom
de manhã	4,7	9,9
de tarde até 20 h	36,9	29,2
das 20 h às 22 h	40,5	12,3
das 22 h às 24 h	4,1	9,0
depois das 24 h	0,5	1,1
o dia todo	13,4	38,4
Total	100,0	100,0

Quanto aos períodos do dia passados na internet, durante a semana, e de acordo com os dados da tabela 10, verifica-se que o período em que mais inquiridos (40,5%) navegam na internet é das 20 às 22 horas e à tarde até às 20 horas (36,9%). Comparando com os dados de 2008 de Cardoso et al., (2009), há uma inversão em relação ao período em que utilizam mais, pois na altura 47,6% dos inquiridos acediam à tarde, até às 20 horas, o que leva a deduzir que à época, seria a escola o local privilegiado para aceder à internet. Somente 4,7% navega habitualmente de manhã e 4,1 % afirma que utiliza habitualmente a internet das 22 horas até à meia-noite. Nestes períodos, em relação aos dados de 2008 há um pequeno decréscimo de inquiridos a usar a internet. Apenas uma pequeníssima parte (0,5 %) dos jovens afirmam que navega habitualmente depois da meia-noite e 13,3% admitem navegar na rede o dia todo, valor que sobe em relação a 2008, pois nessa altura só 1,3% admitia navegar na rede o dia todo. Este dado também vem reforçar a ideia de que o investimento no apetrechamento das escolas, através do PTE, veio melhorar e aumentar substancialmente o uso da internet em qualquer lugar e a qualquer hora.

No fim-de-semana, os dados alteram-se um pouco, pois a percentagem de inquiridos que admite navegar o dia inteiro passa a 38,4% e decresce substancialmente no período das 20 h às 22 h ( de 40,5% para 12,3%), sendo estas as principais diferenças a relatar.

Cruzando os dados com a variável escalão etário conforme a tabela 11, e a partir dos dados da tabela 10, encontram-se alguns perfis de utilização da internet relativamente aos períodos do dia.

Durante a semana só um dado é relevante no que diz à utilização da internet, pois nenhum inquirido, até aos 15 anos, admitiu que usava a internet depois das 24 horas. Os restantes dados não parecem revelar uma grande diferença de utilização entre escalões etários. Durante o fim-de-semana já há um perfil de utilização diferente, quer em relação aos escalões etários, quer em relação ao período. Analisando os dados, verifica-se que ao longo do dia, os inquiridos mais novos, até aos 15 anos, começam por fazer uma maior utilização (60,7%) do que os que têm mais de 16 anos (39,3%), acabando por se inverter essa situação ao fim do dia, depois das 24 h, em que os inquiridos a aceder à internet são 28,6%, até aos 15 anos, e 71,4% com mais de 16 anos.

Tabela 11- Período de utilização versus escalão etário (%)

	Utilização de Seg-Sex		Utilização ao fim-de-semana	
	até aos 15 anos	16 ou mais anos	até aos 15 anos	16 ou mais anos
de manhã	45,2	54,8	60,7	39,3
de tarde até 20 h	57,5	42,5	58,3	41,7
das 20 h às 22 h	46,5	53,5	48,8	51,2
das 22 h às 24 h	55,1	44,9	43,4	56,6
depois das 24 h	0,0	100,0	28,6	71,4
o dia todo	49,8	50,2	43,1	56,9

Refletindo sobre estes dados pode-se concluir que os pais têm uma preocupação com a utilização da internet pelos inquiridos com menos de 16 anos durante a semana, uma vez que coincide com o período de aulas. A utilização regular ao longo do dia e durante a semana por todos os inquiridos deve refletir a prática da utilização da internet na escola e a possibilidade que o estabelecimento escolar dá a esses alunos para a sua utilização. No resto do dia reflete a proliferação da internet pelos lares portugueses, como já foi referido, e que permite uma utilização regular.

Cruzando os dados obtidos na tabela 10 com a variável sexo, encontram-se alguns perfis de utilização da internet em função dos períodos do dia e que constam da tabela 12. Os dados revelam uma distribuição uniforme ao longo da semana, relativamente à utilização da internet ao longo dos períodos do dia pelos dois sexos, excetuando o acesso o sexo feminino, que não acedem depois das 24 horas. Durante a semana

também se verifica que a utilização da internet se vai alterando ao longo do dia por parte dos inquiridos. O sexo feminino utiliza maioritariamente durante o período da manhã (61,3%- feminino, 38,7% - masculino) até às 22 horas, havendo uma inversão a partir desse período a favor do sexo masculino (44,4% - feminino, 55,4 % - masculino).

Tabela 12- Período de utilização versus sexo (%)

	Utilização de Seg-Sex		Utilização ao fim-de-semana	
	Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
de manhã	38,7%	61,3%	37,9%	62,1%
de tarde até 20 h	41,6%	58,4%	42,8%	57,2%
das 20 h às 22 h	43,5%	56,5%	39,0%	61,0%
das 22 h às 24 h	55,6%	44,4%	41,7%	58,3%
depois das 24 h	100,0%	0,0%	57,1%	42,9%
o dia todo	58,4%	41,6%	51,8%	48,2%

Ao fim-de-semana há uma continuidade na tendência mencionada anteriormente, mas com uma diferença na utilização da internet por parte do sexo feminino no período depois das 24 h (42,9%).

Após a análise dos dados resultantes do cruzamento entre o acesso à internet com a variável área de estudos, verifica-se que, no período da manhã, há um maior acesso feito por parte dos inquiridos que frequentam os cursos profissionais e educação e formação (45,2 %). O 3º ciclo, com 38,7 %, aparece logo a seguir e com 16,1 % vêm os inquiridos que frequentam as restantes áreas científicas. Estes dados demonstram que é neste período que os inquiridos destas áreas (cursos profissionais, cursos de formação e educação e o 3º ciclo) têm as suas disciplinas da área técnica e portanto, necessitam de aceder à internet. Um dos fatores que pode influenciar esta utilização é a disciplina de TIC fazer parte do currículo destes ciclos e cursos e os horários da escola serem preferencialmente sob o turno da manhã. Ao longo dos restantes períodos há um aumento significativo por parte dos inquiridos da área ciências e tecnologias (34,7%) e uma diminuição por parte do 3º ciclo, enquanto as outras áreas se mantêm valores idênticos aos do período da manhã. O motivo pode ser a necessidade de consulta de informação para o estudo e realização de trabalhos por parte dos inquiridos desta área (ciências e tecnologias). A diminuição dos valores por parte do 3º ciclo no final do dia, poderá estar relacionada com o controlo parental a partir de certa hora. Estes dados são

referentes ao acesso realizado durante a semana, já que ao fim-de-semana os valores não são relevantes.

#### 4.4.3 QUE INFORMAÇÃO É COMO A “CONSOMEM”

Quanto aos conteúdos que os inquiridos procuram através da internet, verifica-se através da tabela 13 que as redes sociais (35,4%) e o desporto/jogos (33,6%) são os mais acedidos, seguidos da música/vídeo (25,3%) e de outros conteúdos, onde se incluem os conteúdos educativos (5,3%).

Tabela 13- Conteúdos acedidos pelos inquiridos (%)

NS/NR	0,5
Desporto e Jogos	33,6
Música e Vídeo	25,3
Redes Sociais	35,4
Outros	5,3
Total	100,0

Comparando com os dados do estudo de Cardoso et al., (2009), intitulado *E-Generation* 2008, há uma nova realidade que se chama redes sociais relegando os jogos, que eram a primeira escolha, para segundo lugar, assim como a música e vídeo passam para terceiro. No relatório realizado pelo CEPCEP-UCP, os inquiridos referiram que o que mais acediam com a internet era ao email, seguido do jogos e chats.

Os inquiridos do sexo masculino são os que mais procuram informação na internet sobre desporto (59,5%), seguido da música (25,2%) e das redes sociais (12,0%). Já os do sexo feminino invertem as prioridades, as redes sociais (54,8%) aparecem como a preferência de acesso, seguido da música (25,3%) e por último o desporto (12,1%). Estes resultados diferem dos obtidos em 2008 e em 2010, devido à expansão e integração das redes sociais no quotidiano.

Por escalão etário verifica-se que as prioridades são diferentes conforme vai aumentando a idade. No escalão dos 12-13 anos a prioridade é a música/vídeo, seguida do desporto/jogos e por fim as redes sociais. A partir dos 14 anos as redes sociais passam a ser a preferência de acesso dos inquiridos, seguidos do desporto/jogos e por

fim a música/vídeos. Esta diferença não está dissociada do facto de nas redes sociais só poderem ter perfil definido os utilizadores com mais de 12 anos.

Analisando por áreas de ensino, verifica-se que os inquiridos do 3º ciclo elegem como prioridade a música/vídeo seguida do desporto/jogos e por fim as redes sociais. Os inquiridos dos cursos de formação e educação, artes visuais, línguas e humanidades e ciências e tecnologias elegem as redes sociais como prioridade, seguida do desporto/música e por fim outros conteúdos. Os cursos profissionais e a área socioeconómicos elegem como prioridade o desporto/jogos seguido de outros conteúdos e por fim as redes sociais.

Analisando os dados da tabela 14, relativos à utilização das várias formas de os inquiridos comunicarem utilizando a internet, verifica-se o seguinte: uma das práticas pouco usuais por parte dos inquiridos é enviar e receber email. Só 9,3% dos inquiridos envia e recebe email várias vezes ao dia, ao contrário do estudo de *E-Generation* 2008 de Cardoso et al., (2009), em que 24,3% o fazem. Uma parte dos inquiridos da EBSO (39,3%) raramente envia e recebe emails. Uma maior percentagem dos inquiridos do sexo feminino (57,1%) afirma que não recebe nem envia emails, em comparação com o sexo masculino (42,9%). À medida que os inquiridos são mais velhos, maior a tendência para enviar e receber emails. Dos inquiridos que enviam e recebem diariamente emails, até aos 13 anos, só 9,7 % é que o faz, ao contrário dos de idade superior (90,3%).

Tabela 14- Comunicação através da internet (%)

	email	SMS	Telefonar	Videoconferência	Chats/Foruns	Redes sociais
Nunca	9,5	20,0	26,7	30,4	45,6	5,3
NS/NR	1,4	2,6	1,8	1,4	3,0	,6
Várias vezes ao dia	9,3	38,4	15,8	7,4	8,6	53,9
1 vez por dia	9,5	8,4	8,1	5,3	7,8	20,8
2 a 3 vezes por semana	15,4	7,4	11,4	8,4	4,7	9,8
1 vez por semana	10,1	4,2	7,7	10,1	4,1	3,5
15 em 15 dias	5,6	2,4	4,7	7,2	3,3	1,8
menos frequentemente	39,3	16,6	23,8	29,8	22,9	4,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No que respeita ao envio de SMS através da internet, este aumentou substancialmente em relação a 2008. Enquanto em 2008, 10% utilizava essa alternativa, na EBSO em 2013, o valor é de 38,4%. No entanto, 20% dos inquiridos da EBSO nunca utilizam esta

possibilidade de comunicação, em contraste com os resultados de 2008 (56,6%). Neste caso, também há uma maior percentagem de inquiridos do sexo feminino (56,4%) que nunca utilizaram esta possibilidade de comunicação (Anexo 3). Já o envio de SMS várias vezes ao dia cresce à medida que aumenta a idade, a partir dos 14 anos.

Ao contrário de 2008, em que 87,7% não telefonava através da internet, isto é, não utiliza serviços de Voice Over IP (VOIP), que podem constituir uma alternativa ao telefone, embora não seja uma utilização massiva, neste estudo já só 26,7 % diz que nunca utilizou. É de salientar que 15,8% dos inquiridos já utiliza esta ferramenta diariamente e várias vezes ao dia. Podem-se fazer várias leituras, uma delas é que com os meios disponíveis atualmente e a qualidade e velocidade da internet (em relação a 2008), permitem uma utilização mais eficaz. A outra tem a ver com a realidade do concelho, pois tradicionalmente é um concelho com uma grande percentagem de emigrantes, o que atualmente propicia este tipos de comunicação, devido aos custos serem mais reduzidos. São os inquiridos do sexo feminino os que mais utilizam esta alternativa e várias vezes ao dia (54,3%), mas também são, por sua vez, os que apresentam maior percentagem (61,6%) de entre os que referem que nunca utilizaram (Anexo 3). De forma idêntica ao que se registou com os outros meios de comunicação, também este é utilizado pelos escalões etários de idades superiores com mais regularidade.

As chamadas de vídeo já não são tão comuns, embora tenha havido um aumento em relação a 2008. Nessa altura os inquiridos (77,1%) nunca as tinham utilizado, enquanto atualmente na EBSO, apenas 30,4% não registam qualquer atividade com esta ferramenta. Contudo, mais uma vez a utilização de chamadas de vídeo aumenta com o aumento do escalão etário, dos 29,8% que utiliza raramente, só 7,1% são do escalão etário inferior aos 14 anos.

A participação em chats ou fóruns *online* é menos frequente que as outras formas de comunicação antes analisadas. Na EBSO, 45,6% dos inquiridos nunca utilizou este tipo de comunicação, sendo no entanto superior a 2008 (70% dos inquiridos não utilizava). Dos inquiridos que utilizam o chat, 71,8 % comunica com amigos, familiares e vizinhos e só 9,9 % o faz com pessoas que conheceu nestas plataformas, sendo os inquiridos do sexo masculino (66,7%) a maior percentagem. Os outros 18,2 % não referem ninguém. Existe a mesma tendência que nas comunicações anteriores: à medida que aumenta a

idade maior a utilização e também uma maior utilização por parte do sexo feminino. De salientar que os inquiridos confrontados com a pergunta “*como se identificam perante os outros no chat*”, 66,7 % finge sempre e só 9,3% se assume quem realmente é. Dos que escondem a sua identidade são os inquiridos do sexo feminino (56,7 %) que assumem mais essa postura.

Mais de metade dos inquiridos (53,9%) utiliza várias vezes ao dia as redes sociais, em contraste com 2008 (19,2%), e afirmam que o fazem, pelo menos uma vez por dia, na EBSO (20,8%). Enquanto em 2008 dos inquiridos 36,6% nunca acediam a redes sociais, na EBSO em 2013 só 5,3 % é que não utilizam esta ferramenta de comunicação. Há uma maior percentagem de raparigas que acede a este tipo de ferramenta de comunicação e que o faz frequentemente (Anexo 3). O acesso às redes sociais é uma prática mais comum entre os jovens acima dos 14 anos, o que pode ser justificado pelo facto de ser na adolescência que se aposta mais no alargamento e aprofundamento das relações sociais. A maioria dos inquiridos (76,8 %) revela que tem mais de 100 amigos nas redes sociais e 10,7 % não sabe quantos amigos tem registados no seu perfil. Curiosa é a resposta à pergunta sobre que tipos de amigos tinham, se eram pessoas que conhecem pessoalmente, como familiares e amigos, ou pessoas que não conhecem. A resposta com maior percentagem por parte dos inquiridos (81,2%) foi “não sei/não respondo”, seguida de 12,3% para pessoas conhecidas e 6,5 % para pessoas que não conhecem. Quanto aos dados disponibilizados no perfil das redes sociais, mais de 80,3 % revela que tem o nome, foto, data de nascimento e localidade, o que revela que em relação aos chats, as redes sociais para os inquiridos são mais seguras.

Analisando os dados recolhidos sobre se já alguma vez tinham feito algum contacto pessoal com alguém que tenham conhecido na internet, os inquiridos (52,4%) dizem que nunca tiveram contacto com ninguém, mas 25,8% admitem que conheceram pessoas na internet e posteriormente pessoalmente. De entre estes, são os inquiridos com maior percentagem do sexo feminino que admitem ter feito esse contacto pessoal (Anexo 3).

Os dados da tabela 14 revelam ainda que há dois meios de comunicação que se destacam em relação aos outros quanto à frequência de utilização (várias vezes ao dia), o SMS (38,4%) e as Redes Sociais (53,9%). O SMS porque permite uma comunicação simples e possibilita, por exemplo, combinar encontros e a comunicação com o amigo



que está com outro tipo de tecnologia. A comunicação feita através das redes sociais pode ser uma forma de apresentação da identidade através da personalização e que serve, na maior parte dos casos, para demonstrar o estado de alma ou uma causa ou ideia, para os jovens se exprimirem através de fotos ou imagens, frases pessoais, citações, músicas ou pensamentos. A utilização deste tipo de comunicação já é generalizada, embora aumente nos escalões etários superiores pois, como já foi referido, não é permitido o perfil para utilizadores com idade inferior a 12 anos.

Entre os jovens utilizadores da internet, os programas em que é permitido a socialização são, em larga medida, espaços de sociabilidade com pessoas que se conhecem em espaços físicos como a escola, a rua, as pessoas que já fazem parte da rede de sociabilidades dos jovens como amigos ou colegas da escola, familiares ou vizinhos. Os programas de mensagens instantâneas, chats e redes sociais tornam-se assim um meio de reforço dessas sociabilidades. Contrariando o que os inquiridos dizem, utilização da internet sozinhos (81,5 %), estes mesmos inquiridos utilizam massivamente as redes sociais e ferramentas que permitem a socialização substituindo os espaços físicos.

A utilização da internet por parte dos inquiridos em relação ao lazer e à sua utilização para ajudar na realização de trabalhos está refletida na tabela 15. Uma percentagem de 15,5 dos inquiridos da EBSO veem várias vezes ao dia televisão online o que é um pouco menos que a percentagem de inquiridos que vê vídeos/filmes (20,0%). Para 21,1% dos inquiridos a hipótese de ver televisão online não se coloca, enquanto para visualizar vídeo/filmes online a percentagem é já muito menor (9,2%).

Tabela 15- Utilização da internet – Lazer e Trabalho/Estudo (%)

	TV On-line	Download de jogos	Download Filmes	Ver Filmes online	Motor de Busca	Trabalhos de Casa
Nunca	21,1	33,4	19,9	9,2	6,2	8,4
NS/NR	1,2	,9	1,2	1,4	2,1	1,4
Várias vezes ao dia	15,5	9,0	13,3	20,0	32,1	14,3
1 vez por dia	8,6	5,7	8,3	14,0	16,4	19,0
2 a 3 vezes por semana	14,6	7,1	13,0	18,4	19,3	19,4
1 vez por semana	7,8	6,0	9,5	12,8	10,1	11,4
15 em 15 dias	4,2	7,8	8,4	9,5	3,0	7,8
menos frequentemente	27,0	30,0	26,5	14,8	10,8	18,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Comparando com o estudo *E-Generation* 2008 de Cardoso et al., (2009), 76,7% não via televisão online, enquanto já nessa altura era uma prática presente para os inquiridos (68,4%) ver vídeos/filmes online, não havendo muita diferença para os dias de hoje. Não se verificam diferenças nas respostas dadas pelos inquiridos dos diferentes géneros no que diz respeito aos itens em análise. Já de entre os que nunca utilizam estes dois itens, o sexo feminino tem uma maior percentagem (ver televisão online 60,7%) (Anexo 3). Tanto o visionamento de programas de televisão online, como a visualização de vídeos /filmes e o *download* de filmes, tende a aumentar e a ser mais frequente nos escalões etários mais velhos.

Utilizar a internet para descarregar conteúdos é diferente entre a opção pelos jogos e pelos filmes. Fazer *download* de filmes é habitual nos inquiridos da EBSO (80,1%) enquanto nos jogos os inquiridos que realizam essa tarefa são 66,6%. São os inquiridos do sexo masculino que realizam mais *downloads*, embora no item vídeos/filmes não haja uma grande diferença entre géneros.

A procura de informação através de um motor de busca é também uma prática regular para os inquiridos (93,2%) da EBSO, como acontecia também em 2008 (76%). Cerca de um terço (32,1%) afirma que o faz várias vezes ao dia e 16,4% afirma que o faz pelo menos uma vez por dia. Fazer pesquisas de informação ou descargas em motores de busca é outra prática *online* que têm mais adesão entre os jovens dos escalões etários mais velhos.

Quanto ao item, trabalhos de casa, 8,4% dos inquiridos afirmam que nunca estudam utilizando a internet mas, por outro lado, há 19,0% que afirma que o faz pelo menos uma vez por dia. Além disso, 15,4% dos jovens inquiridos declaram que estudam utilizando a internet várias vezes por dia. Neste âmbito, os inquiridos do sexo feminino são tendencialmente mais zelosos que os do sexo masculino visto que, dos que dizem que nunca utilizam a internet para estudar, há uma menor percentagem de raparigas que diz que nunca estuda (42,9%), em comparação com 57,1% dos rapazes (Anexo 3).

De seguida, analisa-se os dados relativos às plataformas de apoio ao ensino utilizadas pelos alunos da EBSO e expressos na tabela 16.

Estes dados refletem as plataformas que mais se utilizam normalmente nas escolas, o *moodle*, *Scribd*, *Slideshare* e *Youtube* com uma utilização por parte de 50,8% mas,

verifica-se que já começa a haver uma relativa utilização da *cloud*, na figura da *dropbox* e *googledrive*, com 19,0% dos inquiridos a admitirem a sua utilização, assim como as redes sociais com 19,1%. Só 4,4% nunca utilizou nenhuma plataforma para suporte às aulas.

Tabela 16-Plataformas utilizadas como suporte para as aulas (%)

NS/NR	2,4
Nenhuma	4,4
Dropbox,Googledrive,Wikispaces,etc	19,0
Moodle,Scribd,Slideshare e Youtube	50,8
Redes Sociais (Facebook,HI5,Ning,Twitter,..)	19,1
Outras	4,4
Total	100,0

É a partir do 9º ano até ao 12º ano que as plataformas, com função de suporte às aulas, têm mais utilização, embora as da *cloud* e redes sociais só a partir do secundário tenham mais implementação. As áreas de estudo que as utilizam mais são as ciências e tecnologias e o 9º ano.

Dos inquiridos, 20% são da opinião de que não retiraram tempo a nada para usar a internet. No entanto, 30,9% admite que retirou tempo à família, 3,8% que retirou tempo para estar com os amigos ou amigas, 14,9% que retirou tempo à televisão e 18,8% ao estudo. Comparando com o estudo *E-Generation 2008* de Cardoso et al., (2009), há uma diminuição em relação à opção “*nada*” (32,8%), um aumento em relação ao estudo (10,1%) e ao tempo que estão com a família (17,7%). A diferença entre os outros dados analisados é pouco significativa.

Analisando globalmente o tempo que os inquiridos passam com as tecnologias, quer seja para fins de trabalho ou lúdico, resultam os dados da tabela 17.

Começando por analisar o tempo que passam na internet, a maioria (21,4%) diz que passa entre uma a duas horas por dia e 19% dizem que passar mais de quatro horas. Os que utilizam mais tempo são os inquiridos de sexo masculino, verificando-se que é também entre os 14 e 17 anos os escalões etários que estão mais horas ligados à internet. A utilização da internet é menos intensa no 3º ciclo, registando-se um aumento gradual do tempo de utilização à medida que aumenta o nível de ensino, assim como em

relação aos escalões etários superiores. Relacionando este estudo com dados sobre as horas que os adolescentes devem dormir, verifica-se que os que passam entre uma e duas horas na internet por dia ocupam 13,7% do seu tempo na procura de informação e os que passam mais de 4 horas 27,5%.

Tabela 17- Tempo utilizado (%)

	Internet	TV	Telemóvel	Jogar	Ouvir musica
NS/NR	2,6	1,7	3,8	5,9	2,9
Não utilizo	2,0	3,0	3,8	31,6	2,9
15 min ou menos	7,4	9,3	13,4	17,2	14,3
de 15 a 30 min	9,5	9,8	8,3	7,2	16,0
de 30 a 1 h	14,9	21,7	10,7	11,0	18,1
de 1 h a 2 h	21,4	28,6	10,4	9,6	18,4
de 2 h a 3 h	13,6	12,5	9,8	5,9	11,7
de 3 h a 4 h	9,8	5,0	5,6	4,1	4,4
4 h ou mais	19,0	8,4	34,3	7,5	11,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No que diz respeito à televisão, a maioria dos inquiridos (28,6%) vêm entre uma a duas horas por dia, e 21,7% dizem ver televisão entre trinta minutos e uma hora. São os inquiridos do sexo feminino e de um nível de ensino mais elevado quem mais vê televisão.

Já o tempo de utilização do telemóvel pelos inquiridos é maior, registando-se um total de 34,3% que dizem passar mais de quatro horas a utilizar o telemóvel. Se compararmos com os restantes itens, só a internet se aproxima, e ainda assim um pouco distante (19%). Neste caso também é o sexo feminino quem durante mais tempo utiliza o telemóvel (64,5%) dos que estão mais de quatro horas ligados (Anexo 3).

Jogar, para os inquiridos, não parece ser importante, já que 31,6% admite que não joga e só 17,2% joga durante quinze minutos ou menos. A utilização por mais de quatro horas respeita apenas a 7,5% dos inquiridos. Destes, maioritariamente são do sexo masculino (Anexo 3) e pertencem à faixa etária dos 14 anos aos 17 anos.

Mais de 18% dos inquiridos ouve música entre trinta minutos a duas horas e 11,4% dos inquiridos ouve música mais de quatro horas por dia. Neste caso, são os inquiridos do

sexo feminino (Anexo 3) e a frequentar o nível de ensino mais alto quem ouve música durante mais tempo.

Relacionando todos os dados há um que sobressai em relação aos outros, a utilização por mais de quatro horas do telemóvel pelos inquiridos (34,3%). Segue-se a internet com 19% e o ouvir música, com 11,4%. Estes dados revelam a importância do telemóvel, como meio de comunicação, para os jovens da EBSO.

Relativamente à utilização dada pelos inquiridos ao telemóvel e a frequência, fez-se a análise como comunicam com o telemóvel e quais as plataformas que utilizam mais, conforme a tabela 18.

Dos inquiridos, 54,1% declara que recebe chamadas várias vezes ao dia, 21,1% cerca de uma vez por dia e 11,6% cerca de duas a três vezes por semana. Somente 3% dos inquiridos afirma receber chamadas uma vez por semana, 5,9% menos frequentemente ainda e uma minoria de 2,4% afirma que nunca recebe chamadas.

Tabela 18- Comunicação com o telemóvel (%)

	Receber Chamadas	Fazer Chamadas	Enviar e Receber SMS	Enviar e Receber MMS	Facebook	Email
Nunca	2,4	4,1	4,2	15,1	28,3	39,9
NS/NR	1,1	1,1	,9	,9	,8	,9
Várias vezes ao dia	54,1	48,8	73,5	25,0	35,7	9,8
1 vez por dia	21,1	22,4	7,5	44,6	13,0	9,6
2 a 3 vezes por semana	11,6	12,0	6,2	2,3	5,9	4,7
1 vez por semana	3,0	3,8	1,7	1,4	4,5	6,3
15 em 15 dias	,9	1,4	,6	2,0	1,7	4,1
menos frequentemente	5,9	6,5	5,4	8,9	10,2	24,7
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

A média de chamadas recebidas por dia é de 3,98. O sexo feminino apresenta a média mais alta de chamadas recebidas, com 4,32, enquanto o sexo masculino tem uma média de 3,58 de chamadas recebidas por dia (Anexo 3). Por escalão etário é a faixa dos 18 aos 19 anos que recebe mais chamadas, com uma média de 5,49, logo de seguida o escalão mais jovem, 12-13 anos, com uma média de 5,18 chamadas recebidas.

Analisando as chamadas efetuadas pelos inquiridos, 48,8% declara que realiza chamadas várias vezes ao dia, 22,4% cerca de uma vez por dia e 12% cerca de duas a três vezes por semana. Somente 3,8% dos inquiridos afirma realizar chamadas uma vez por semana, 6,5% ainda menos frequentemente e 4,1% afirma que nunca efetua chamadas. A média de chamadas realizadas por dia é de 3,54, sendo novamente o sexo feminino a utilizar mais o telemóvel para comunicar por iniciativa própria (3,83) (Anexo 3). O sexo masculino efetua diariamente 3,2 chamadas, em média. Analisando a média por escalão etário verifica-se que são os inquiridos mais velhos que têm uma média de chamadas efetuadas superior, destacando-se os inquiridos entre os 18-19 anos com 5,43 de média. Por ano de escolaridade, destaca-se o 10º ano com mais chamadas realizadas (média de 3,87) e com menos chamadas efetuadas o 9º ano (média de 2,53).

De um modo geral, os inquiridos recebem mais chamadas do que aquelas que fazem, uma vez que recebem em média 3,98 por dia e efetuam 3,54. O sexo feminino é o que recebe e efetua, em média, mais chamadas por dia. Comparando com os dados do estudo *E-Generation* 2008 de Cardoso et al., (2009), há uma quebra na média de chamadas recebidas (8,41), mas é muito idêntica a média de chamadas efetuadas, 3,95 por dia.

Enviar e receber mensagens SMS são atividades mais frequentes do que fazer ou receber chamadas visto que 73,3% dos inquiridos afirma que envia ou recebe mensagens SMS várias vezes ao dia. Apenas 7,5% o faz cerca de uma vez por dia, 6,2% fá-lo cerca de duas ou três vezes por semana, 1,7% declara enviar ou receber mensagens SMS uma vez por semana e 5,4% menos frequentemente ainda. Verifica-se mais uma vez que são os inquiridos do sexo feminino quem envia e recebe mensagens várias vezes ao dia (54,5%), em comparação com 45,5% dos rapazes (Anexo 3). São os inquiridos com 16 a 17 anos os que mais enviam mensagens SMS várias vezes ao dia (em 47,3% dos casos), comparando com uma fração de 6,4% dos inquiridos dos 12 aos 13 anos.

A média de SMS recebidas por dia é de 79,05, e é o sexo feminino, com 87,25 de média a utilizar mais o telemóvel para realizar este tipo de comunicação por iniciativa própria. O sexo masculino recebe diariamente uma média de 69,15 SMS. Analisando a média por escalão etário, referem-se os mais velhos com uma média superior de SMS efetuados, destacando-se os inquiridos entre os 18-19 anos com 122,15 de média e os

inquiridos entre os 12 e 13 anos com a média mais baixa, de 45,73. Por ano de escolaridade destaca-se o 12.º ano com mais SMS, 96,40 de média e com 43,07 SMS efetuados o 8.º ano.

Comparando com o estudo *E-Generation 2008* de Cardoso et al., (2009), o número médio de SMS aumentou, pois na altura a média era de 62,34. Já quanto ao género há uma inversão, em 2008 eram os inquiridos de sexo masculino quem mais enviava e recebia SMS.

Verifica-se que se trata de uma prática mais corrente entre os mais velhos devido, provavelmente, aos custos. Em média, o escalão entre 20-21 anos gasta 1,86€ por semana e o escalão anterior, entre os 18 e 19 anos, gasta 1,30€. Já o escalão mais jovem, 12-13 anos gasta, em média por semana 1,25€. A média dos gastos por semana é de 1,2€ e é o sexo masculino que despende mais, com 1,30€ por semana contra os 1,16€ gastos pelo sexo feminino.

Os valores da tabela 19 refletem que são os inquiridos do sexo feminino que realizam mais operações com o telemóvel por dia, à exceção da realização de chamadas por iniciativa própria. O mínimo não está refletido porque é zero para qualquer das operações.

Tabela 19- Máximo de operações no telemóvel por sexo e por dia

	Receber Chamadas	Fazer Chamadas	Enviar SMS	Receber SMS
Masculino	50	40	550	700
Feminio	100	25	700	750

Uma atividade menos popular, porque também é mais dispendiosa, é enviar e receber MMS. De facto, 25,0% dos inquiridos declaram que o fazem várias vezes ao dia, contudo 15,1 % afirmam que nunca o fazem. No entanto, 44,6% fá-lo cerca de uma vez por dia, 2,3% cerca de duas ou três vezes por semana, 1,4% declara enviar ou receber mensagens MMS uma vez por semana e 8,9% menos frequentemente. Comparando com o estudo *E-Generation 2008* de Cardoso et al., (2009), em que 30,9% não enviava MMS, há uma duplicação de valores, o que pode indiciar que o tipo de equipamento

utilizado atualmente e a possibilidade de utilizar a internet na escola, potencia o envio de MMS.

A utilização do facebook, uma das formas dos inquiridos comunicarem com os amigos utilizando o telemóvel, é realizado por 71,7%, ou seja, 28,3% diz que nunca o faz através deste dispositivo. Os dados refletem o tipo de dispositivo que os inquiridos possuem, pois a maioria tem possibilidade de estar ligado à internet. Ligados pelo menos uma vez por dia é admitido por 44,6% e 35,7% referem ligar-se várias vezes. Menos frequentemente são 10,2%, 2 a 3 vezes por semana 5,9% e uma vez por semana 4,5% dos inquiridos. É o sexo feminino que utiliza mais esta função através do telemóvel para comunicar com os amigos (51,1%), não havendo uma diferença significativa relativamente ao sexo masculino (48,9%) (Anexo 3). Esta prática é também mais usual entre os inquiridos com idades compreendidas entre os 14 e 17 anos (81,4%).

Ainda menos usual é a utilização do email através do telemóvel, uma vez que 39,9% nunca utilizaram essa funcionalidade. Comparando com o estudo *E-Generation 2008* de Cardoso et al., (2009), há uma subida acentuada pois na altura eram 84,8% os inquiridos que não utilizavam essa funcionalidade. Como já referido anteriormente, poderá ser o tipo de dispositivo e a facilidade, atualmente, de acesso à internet nos lugares públicos que justificam os referidos valores. Só 9,8% acedem ao email utilizando o telemóvel, várias vezes ao dia. Neste caso são os inquiridos do sexo masculino com que utilizam mais este recurso várias vezes por dia (56,9%), contra os 43,1% do sexo feminino (Anexo 3). A utilização deste recurso uma vez por dia é feita por 9,8% e 24,7% utilizam-no menos frequentemente.

Analisando estes itens no geral, verifica-se que as funções mais utilizadas pelos inquiridos, várias vezes por dia, e por ordem decrescente são: enviar e receber SMS (73,5%), receber chamadas (54,1%), fazer chamadas (48,8%), comunicar através do facebook (35,7%), enviar e receber MMS (25,0%) e por último o acesso ao email através do telemóvel (9,8%). Os dados revelam a importância que os inquiridos atribuem ao telemóvel e às operações de comunicação que permite efetuar.

Os dados da tabela 20 permitem analisar outras funcionalidades do telemóvel e a usabilidade por parte dos inquiridos, bem como a frequência com que as utilizam.



Dos inquiridos, 44,6% utiliza a função de despertador do telemóvel uma vez por dia e 25,0% utilizam-na várias vezes ao dia. Na totalidade 84,9 % dos inquiridos utiliza esta função do telemóvel. Estes dados comprovam que o telemóvel é um dispositivo que está quase sempre presente durante todo o dia e junto aos inquiridos. São os inquiridos do sexo feminino os que mais tendem a utilizar mais o despertador várias vezes ao dia (56,0%).(Anexo 3). São os inquiridos que estão entre os 14 e os 17 anos os que mais utilizam esta função, com 81,9% a fazê-lo várias vezes ao dia.

Tabela 20- Outras funcionalidades do telemóvel e frequência de utilização (%)

	Despertador	Máquina de calcular	Agenda	Acesso Internet	Tirar Fotografias	Jogar	Ouvir Música
Nunca	15,1	10,5	17,8	22,7	9,2	16,6	7,5
NS/NR	,9	1,1	,9	,9	1,4	,6	,5
Várias vezes ao dia	25,0	11,6	18,8	40,7	28,2	26,4	57,4
1 vez por dia	44,6	10,1	11,9	14,3	11,6	15,5	15,2
2 a 3 vezes por semana	2,3	12,5	10,8	5,9	15,5	7,7	8,9
1 vez por semana	1,4	9,2	5,7	3,9	8,1	6,6	2,6
15 em 15 dias	2,0	7,2	5,3	2,4	5,6	4,7	1,8
menos frequentemente	8,9	37,8	28,8	9,2	20,5	22,0	6,2
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Outra função passível de ser utilizada com o telemóvel é a máquina de calcular, embora com menos frequência por parte dos inquiridos (37,8%). Mesmo assim, 89,5% dos inquiridos utilizam-na, dos quais 11,6% fazem-no, pelo menos uma vez por dia. A utilização desta função incide mais sobre os inquiridos a frequentar o ensino secundário, com 78,2% de entre os que responderam várias vezes ao dia (11,6%). Não se registam diferenças significativas na utilização do telemóvel como máquina de calcular, entre os sexos.

A função de agenda do telemóvel é utilizada várias vezes ao dia por 18,8% dos inquiridos e 11,9% usa-a uma vez por dia. Essa função é ainda utilizada duas a três vezes por semana por 10,8% dos inquiridos e 5,7% usa-a cerca de uma vez por semana. A percentagem de jovens que usa essa função ainda com menos frequência é de 28,8% e 17,8% nunca utilizam a agenda do telemóvel. Curiosamente é uma função mais utilizada, várias vezes ao dia, pelos inquiridos do sexo feminino (56,8%) do que pelos

do sexo masculino (43,2%) (Anexo 3). É também mais utilizada pelos inquiridos mais velhos, dos 14 aos 17 anos (81,6%), do que pelos mais novos.

Navegar na internet através do telemóvel é uma atividade menos usual entre os inquiridos. Os que nunca utilizam este tipo de acesso com o telemóvel são 22,7%. Dos inquiridos que acedem (77,3%), 40,7% acede várias vezes ao dia. Comparando com 2008 (E-generation), há uma inversão total dos valores, pois 79,3% dos inquiridos não navegavam na internet através do telemóvel. As prováveis razões já foram apontadas anteriormente. A utilização desta função incide mais sobre os inquiridos do ensino secundário com 72% de entre os que responderam várias vezes ao dia (40,7%) e não há diferenças significativas entre os sexos.

A quantidade de inquiridos que não utiliza a função de fotografar através do telemóvel é somente de 9,2% o que revela que a maioria (91,8%) a utiliza. Tirar fotografias pelo telemóvel, 28,9% fá-lo várias vezes ao dia e 11,6% uma vez por dia. Entre os inquiridos, 15,5% afirma que tira fotografias pelo telemóvel duas a três vezes por semana, 8,1% diz que o faz cerca de uma vez por semana e 20,5% menos frequentemente. Tirar fotografias pelo telemóvel é mais frequente e popular entre os inquiridos dos 14 aos 17 anos e entre os do sexo feminino, várias vezes ao dia (Anexo 3).

Entre os utilizadores do telemóvel, jogar é uma prática que muitos adolescentes têm, mesmo que esporadicamente, visto que apenas uma minoria de 16,6% diz que nunca joga. No entanto, não é uma prática que maioria esteja a fazer constantemente, visto que 26,4 % diz jogar no telemóvel várias vezes por dia e 15,5 % declara que joga cerca de uma vez por dia. Para uma percentagem significativa (41 %), jogar através do telemóvel é uma prática essencialmente esporádica: 7,7 % adiantam que jogam cerca de duas a três vezes por semana, 6,6 % jogam uma vez por semana, 4,7 % jogam de quinze em quinze dias e 22,0 % jogam com menos frequência ainda. Não se verificam grandes diferenças entre géneros quanto à percentagem de jogadores no telemóvel, contudo os rapazes tendem a ser jogadores mais frequentes. Em relação aos escalões etários também não há diferenças significativas ou seja, os inquiridos podem não utilizar tanto o telemóvel para alargar e manter a sua rede de contactos privada, mas utilizam mais frequentemente o telemóvel para uma atividade menos social como jogar.

No entanto, já se verifica uma percentagem maior de inquiridos que ouve música através do telemóvel, 57,4% dos inquiridos afirma mesmo que o faz várias vezes ao dia, enquanto 15,2% declara que o faz pelo menos uma vez por dia. Uma percentagem de 8,9% dos inquiridos ouvem música através telemóvel duas a três vezes por semana, 2,6% cerca de uma vez por semana e 6,2% com menos frequência ainda. A percentagem de jovens que nunca ouvem música pelo telemóvel é só de 7,5%, minoritária portanto.

Quando se trata de falar ao telemóvel (Tabela 21), os familiares e pais são os principais destinatários das chamadas (em 17,3% e 70,2% respetivamente), seguidos do namorado/a (5,6%).

Tabela 21- Comunicação com telemóvel – Destinatários (%)

	Comunicar com SMS	Telefone
NS/NR	3,5	5,1
Com os pais	7,5	17,3
Outros familiares	26,4	70,2
Amigos/as	4,1	1,8
Namorado/a	58,6	5,6
Total	100,0	100,0

Já em relação às mensagens, aparece em primeiro lugar o namorado/a (58,6%) seguido pelos outros familiares (26,4%). Há diferenças nos destinatários no que diz respeito à comunicação dos inquiridos por SMS e telefone. São os inquiridos do sexo masculino que utilizam mais o SMS para comunicar com os pais (54%). Com o namorado/a já são os de sexo feminino com 54,8 %. Utilizando a chamada telefónica, os papéis invertem-se. Para os pais, o sexo feminino aparece à frente com 55,7% e 44,3% do sexo masculino. Com o namorado/a são os inquiridos do sexo masculino com 64,9 % que apresentam maior percentagem. Quanto à comunicação com os familiares são os inquiridos do sexo feminino quem mais utiliza as duas formas de comunicação apresentadas.

Analisando globalmente o uso do telemóvel, verifica-se um aumento de utilização deste dispositivo na função do uso da internet em relação aos dados de 2008 (Cardoso, 2009). Em geral, há um aumento da utilização deste dispositivo, independentemente de ser para comunicar ou para utilizar outras funções disponíveis. Confirma-se que é mais provável encontrar um jovem a receber ou a enviar mensagens do que a fazer chamadas, apesar

da disponibilidade de pacotes que permitem chamadas gratuitas. O envio de mensagens continua, tal como em 2008 de Cardoso et al., (2009), a ser uma prática mediática de grande relevância, tendo aumentado muito nos últimos anos. Lembrando os dados atrás analisados, verifica-se que 34,3% dos inquiridos passam mais de quatro horas a utilizar o telemóvel.

Fazendo um apanhado geral do tempo gasto diariamente no uso dos vários media pode-se dizer que os alunos da EBSO passam muito tempo a utilizar o telemóvel e o acesso à internet. De entre as funções, ressalta a socialização com os amigos tanto no telemóvel como na internet.

Verifica-se pelos dados anteriores, que o telemóvel é um dispositivo sempre presente para a maioria dos inquiridos (por exemplo, 69,1% utilizam-no como despertador), independentemente de dias de semana ou fim-de-semana.

No dia-a-dia os alunos hierarquizam os media consoante as preferências. Neste âmbito foram feitas questões sobre o que seria mais fácil deixar de utilizar e o mais difícil. Inicia-se a análise pelo que seria mais difícil de deixar de fazer e cujos resultados se apresentam na tabela 22.

Utilizar o telemóvel é a atividade mais difícil de deixar de fazer para uma maior percentagem de inquiridos (32,4%), o que é demonstrativo da centralidade que, hoje em dia, o telemóvel tem na vida quotidiana dos jovens adolescentes.

Tabela 22- O media mais difícil de deixar de utilizar (%)

	a mais difícil de deixar de fazer		
	1 <sup>a</sup>	2 <sup>a</sup>	3 <sup>a</sup>
NS/NR	1,8	2,3	2,6
Nenhuma	3,6	4,5	6,5
Ver TV	9,6	12,5	25,2
Ouvir rádio	1,7	1,7	1,5
Usar telemóvel	32,4	22,0	13,1
Usar internet	24,2	30,6	17,6
Ler	4,4	3,5	5,1
Jogar Vídeojogos	9,0	7,5	6,2
Ouvir música	13,3	15,5	22,3
Total	100,0	100,0	100,0

Deixar de utilizar a internet seria difícil para 30,6% dos inquiridos, sendo a segunda atividade mais difícil de deixar de fazer seguida de deixar de ver televisão para 25,2%. O telemóvel e a internet assumem maior significado para as raparigas. De facto, verifica-se que 39,9% dos inquiridos do sexo feminino considera que seria mais difícil deixar de utilizar o telemóvel e 21,8% assinala que seria mais difícil deixar aceder à internet, enquanto no sexo masculino, essas percentagens são de 23,3% e 27,8 %, respetivamente. A internet assume maior significado para os do sexo masculino sendo o telemóvel a segunda opção mais difícil de deixar de fazer. Observa-se que, ao contrário do sexo feminino para o sexo masculino, a terceira opção mais difícil de deixar é jogar videojogos com 18,3 %. Entre os mais novos, escalão etário entre os 12 e 13 anos, o mais difícil de deixar de fazer é jogar com 18,3 %, em segundo lugar ouvir música com 18,2 % e ver televisão aparece com 15,3 % como a terceira atividade mais difícil de deixar fazer. Os restantes escalões seguem os padrões analisados anteriormente.

Comparando com os dados do estudo *E-Generation 2008* de Cardoso et al., (2009), há uma inversão em relação às segunda e terceira atividades, pois a primeira mantém-se com 31,2% contra os 32,4% da EBSO em 2013. Na EBSO a segunda atividade é a internet, com 30,6% contra 14,9 % do estudo de 2008, e a terceira atividade na EBSO é ver televisão com 25,2 % contra os 26,5% do mesmo estudo.

Analisa-se de seguida os dados recolhidos no que respeita ao que seria mais fácil de deixar de fazer, verificando os dados da tabela 23. Ler é a atividade mais fácil de deixar de fazer para uma maior percentagem de inquiridos (40,4%).

Tabela 23- O media mais fácil de deixar de utilizar (%)

	A mais fácil de deixar de fazer		
	1ª	2ª	3ª
NS/NR	2,6	4,1	6,9
Nenhuma	3,2	6,0	15,1
Ver TV	7,2	10,2	17,3
Ouvir rádio	16,6	31,6	14,9
Usar telemóvel	3,6	4,4	6,3
Usar internet	3,2	4,8	4,1
Ler	40,4	17,9	13,1
Jogar Vídeojogos	22,1	16,6	14,5
Ouvir música	1,2	4,4	7,8
Total	100,0	100,0	100,0

Deixar de ouvir rádio seria fácil para 31,6% dos inquiridos e deixar de ver televisão seria algo mais fácil para 17,3% .

O mais fácil de deixar de fazer entre os alunos inquiridos varia com o género. Para o sexo feminino aparece o jogar videojogos, com 35,5%, seguido por deixar de ler, com 31,7 %, e ouvir música com 16,5 %. Entre o sexo masculino, a atividade ler é o mais fácil de deixar de fazer, com 50,8%, seguido de deixar de ouvir música, com 16,6%, e finalmente ver televisão, com 9,6 %. Analisando por escalão etário, os resultados seguem os padrões gerais analisados anteriormente.

Comparando com os dados do estudo *E-Generation 2008* Cardoso et al., (2009), há uma pequena diferença apenas na terceira atividade, pois a primeira, *Ler*, mantém-se, com 38,6%, contra os 40,4% da EBSO em 2013; a segunda, *Deixar de ouvir rádio*, também se mantém na EBSO com 31,6% e no estudo referido com 19,1%; já a terceira atividade na EBSO é *ver televisão*, com 17,3%, enquanto no *E-Generation 2008* é deixar de jogar jogos com 12,1% dos inquiridos.

Sobre o que os inquiridos pensam do impacto dos media no seu quotidiano, foram feitas algumas questões sobre os media que utilizam mais regularmente. O resultado em relação ao jogar videojogos está expresso na tabela 24, que se passa a analisar.

Tabela 24-O impacto no quotidiano dos jovens com a utilização dos videojogos (%)

	Tirar tempo ao estudo	Tirar tempo à família	Estou viciado num jogo	Há pessoa viciadas	Incitam a violência	Gosto de jogar sozinho
Discordo Totalmente	28,0	34,2	59,9	7,4	34,8	23,9
Discordo em grande parte	8,0	8,7	5,4	1,7	7,4	7,7
Discordo em parte	7,2	9,2	5,1	2,9	8,3	8,3
Não concordo nem discordo	14,3	15,5	10,2	5,4	13,3	19,3
Concordo em Parte	19,1	14,6	8,0	15,2	14,3	17,6
Concordo em grande parte	9,0	7,5	4,4	17,9	8,4	8,4
Concordo totalmente	14,3	10,2	6,9	49,5	13,6	14,8
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Comparando com os outros itens, existe uma percentagem bastante elevada de inquiridos que pensam que a prática de jogar videojogos não lhes tira tempo ao estudo (28,0%). No entanto, analisando todas as respostas, vemos que elas se dividem pelo discordar e o concordar, 43,2% discorda seja totalmente ou em parte, já 42,4% concorda totalmente ou em parte. Sem opinião estão 14,3% dos inquiridos. Entre os inquiridos do

sexo masculino, a percentagem daqueles que concordam totalmente ou em parte que os videojogos lhes tiram tempo de estudo (40,9%) é inferior à percentagem daqueles que discordam totalmente ou em parte (44,5%), enquanto entre as raparigas o peso daquelas que concordam totalmente ou em parte que os videojogos influenciam o seu tempo de estudo é superior (43,8%) e 42,5% que discordam totalmente ou em parte.

A maioria dos inquiridos não concorda totalmente ou em parte que os jogos tiram tempo à família (52,1%). Entre o sexo masculino são mais os que discordam totalmente ou em parte (50,5%) do que os que concordam (32,6%) sendo também a tendência no feminino, mas com uma diferença insignificante. As diferenças entre escalões etários são igualmente pouco acentuadas.

Os que concordam totalmente ou em parte estar viciados num videojogo constituem uma minoria (19,1%) em comparação com 70,5% dos inquiridos que discorda totalmente ou em parte. Verifica-se uma maior percentagem de rapazes que se considera (totalmente ou em parte) viciado num videojogo (31,3%) em comparação com 12,6% das raparigas. A percentagem de jovens inquiridos que concorda totalmente ou em parte estar viciado num videojogo situa-se no escalão mais jovem, 12 e 13 anos e o escalão com mais de 18 anos, 45,1% e 57,2% respetivamente.

Uma percentagem bem mais significativa de jovens concorda totalmente ou em parte que conhece pessoas que, quando estão em casa, não param de jogar (49,5%), em comparação com 12% de inquiridos que discordam totalmente ou em parte. Neste caso há mais inquiridos do sexo feminino que concordam que conhecem pessoas que não param de jogar (83,8%), sendo que, entre os de sexo masculino, 81,4% concorda que conhece pessoas que não param de jogar. Estas diferenças pouco acentuadas acontecem também no que respeita aos dados por escalão etário.

Quanto à concordância (total ou em parte) dos inquiridos no que diz respeito à noção de que os jogos os podem tornar violentos, ela representa 36,3%, inferior à percentagem de inquiridos que demonstram a sua discordância (total ou em parte) que é de 50,5%. Em relação ao género e escalões etários os valores seguem os padrões gerais acima descritos.

Apesar de muitos jovens jogarem sozinhos, não há grande diferença entre os que concordam totalmente ou em parte (40,8%) e os que discordam totalmente ou em parte

(39,9%) no hábito de o fazerem com ou sem companhia. Existe uma clara divisão, sendo que 19,3% não concorda nem discorda. A mesma tendência verifica-se entre os sexos e entre os diferentes escalões etários.

De seguida analisa-se o impacto da internet no quotidiano dos jovens inquiridos na EBSO, conforme refletem os dados da tabela 25.

Tabela 25- O impacto da internet no quotidiano dos jovens (%)

	Utilidade da internet	viciado na Internet	Provocar Isolamento	Comunicar com amigos	Meio de entretenimento	Perfil sempre visível
Discordo Totalmente	4,4	9,6	17,9	6,5	6,0	9,5
Discordo em grande parte	,9	2,0	4,1	1,2	2,4	3,9
Discordo em parte	2,0	2,9	6,2	2,3	3,9	4,8
Não concordo nem discordo	4,5	14,5	16,1	6,6	8,9	14,6
Concordo em Parte	9,0	17,0	19,3	13,4	18,5	16,7
Concordo em grande parte	17,2	20,2	15,8	19,7	20,3	17,0
Concordo totalmente	62,0	33,9	20,6	50,3	39,9	33,4
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

No que respeita às perceções dos jovens, a grande maioria (88,3 %) concorda totalmente ou em parte que a internet lhe é muito útil e somente 7,3 % discorda totalmente ou em parte. Há, ligeiramente, uma maior percentagem dos inquiridos do sexo feminino (90,6 %) que mostram a sua concordância total ou em parte de que a internet lhes é muito útil, sendo que entre os do sexo masculino é de 85,4 %. Em relação ao género e escalões etários os valores seguem os padrões gerais acima descritos.

Adicionalmente, 71,1% concorda totalmente ou em parte que a internet pode criar habitação, tornando-os viciados, enquanto somente cerca 14,5 % demonstra a sua discordância total ou em parte. A mesma tendência é verificada entre sexos e escalões etários. Ademais, a maioria (55,7%) concorda totalmente ou em parte que a internet pode provocar isolamento e fazer com que esteja menos com os seus amigos e familiares.

Ainda quanto à internet, uma inequívoca maioria (78,8%) concorda totalmente ou em parte que gosta da internet, pois é um meio para se entreter, e apenas 12,3% discorda totalmente ou em parte. Em ambos os sexos e em todos os escalões etários, há mais



inquiridos que concordam que gostam da internet porque é um meio de entretenimento do que aqueles que discordam com essa noção.

Também são majoritários (83,4%) os que concordam com a noção de que a internet é antes de mais uma forma de comunicar com os seus amigos, comparado com 9,9% de inquiridos que discorda totalmente ou em parte. Mais uma vez, verifica-se a mesma tendência na comparação entre sexos e entre escalões etários.

A maioria dos inquiridos concorda totalmente ou em parte que costuma manter o perfil sempre visível (67,2%), comparando com 18,2% que discorda totalmente ou em parte. Embora com pouca diferença, são mais os inquiridos do sexo feminino (com 68,5%) que concordam totalmente ou em parte em comparação com os 65,1% do sexo masculino. Os escalões etários seguem os padrões gerais analisados anteriormente.

## CAPÍTULO 5 – CONCLUSÕES FINAIS, LIMITAÇÕES AO ESTUDO E TRABALHO FUTURO

### 5.1 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Num período onde a oferta mediática é diversificada e onde se verifica um fornecimento múltiplo de informação pela rede, outro foco de interesse é perceber a forma como é organizada a utilização dos media na vida quotidiana dos jovens, tanto no tempo, como no espaço. É pertinente, nomeadamente escrutinar o impacto e a importância da mediação tecnológica nas relações e nas práticas quotidianas dos jovens para definir estratégias mais eficazes para chegarmos a eles.

Este estudo pretendeu conhecer e caracterizar os acessos, interesses, atividades e os usos da informação, que os jovens alunos, que frequentam a EBSO fazem, com destaque para o *online* e o móvel como recursos educativos, de entretenimento e de relacionamento social. Foi utilizado como instrumento de recolha de dados o método quantitativo com recurso à aplicação de um inquérito por questionário onde participaram 664 alunos do 7º ao 12º ano do ensino regular, profissional e cursos de educação e formação. Depois da recolha dos dados foi feita uma análise quantitativa dos mesmos.

O tratamento e cruzamento dos dados provenientes do inquérito aplicado, foram utilizados para responder às questões orientadoras, na procura de evidências relativamente ao objetivo da investigação: Como se caracteriza a utilização dos media na geração de alunos que frequenta a Escola Básica e Secundária de Ourém?

A primeira questão pretende compreender quais os media que os alunos utilizam no seu quotidiano. Dos resultados obtidos, verifica-se que a maioria dos jovens não só premeia o computador e a ligação à internet como seu ambiente mediático, mas também o telemóvel. Verificou-se, em relação a estudos anteriores, um aumento da proliferação de utilização de computadores quer portáteis, quer fixos, além do aumento do uso de telemóveis por parte dos adolescentes. A este facto não deve ser desassociado o programa e.escolas, a intervenção da Parque Escolar na recuperação das escolas e a oferta agressiva feita pelos operadores das comunicações implementados em Portugal.

A segunda questão pretende saber onde e quando os alunos utilizam os media que têm à sua disposição.

Os resultados obtidos revelam que os alunos elegem a casa e a escola como os locais onde acedem preferencialmente à internet, sendo uma minoria os que referem o acesso só na escola e poucos o acesso só em casa. Comparando com dados anteriores, verifica-se que os alunos deixaram de eleger a escola como um local com uma importância estratégica quanto ao desenvolvimento e promoção da info-literacia. Também se pode constatar que deixaram de procurar outros locais públicos para ter acesso à informação. As ofertas em pacotes que incluem televisão, telefone e internet ajudou a que a população em geral tenha acesso à informação a partir de casa, para além do apetrechamento das escolas através do PTE em laboratórios de informática e pontos de acesso *wireless*. Outro dado relevante é o acesso à internet em casa. Contrastando com estudos anteriores, verifica-se que não há um espaço privilegiado para o uso do computador, pois quase metade dos inquiridos refere portátil como resposta, sugerindo que não têm um espaço definido para aceder à internet em casa. Já o telemóvel é visto como um acessório dos jovens, pois a maioria revela que o utiliza como despertador até várias vezes ao dia, independentemente de ser durante a semana ou ao fim-de-semana. Estes hábitos levam a pressupor que o telemóvel está sempre presente, a qualquer hora do dia, para uma grande maioria dos alunos da EBSO, funcionando como um prolongamento de si mesmos.

Quanto ao horário da utilização do computador e acesso à internet, o período entre as vinte e as vinte e duas horas foi o resultado privilegiado pela maior parte dos inquiridos. Existe uma tendência para a utilização durante o dia todo, mas há uma alteração de hábitos de acesso, pois a escola não é atualmente o único local onde alguns poderiam ter estes recursos. A análise dos dados e cruzamento dos mesmos revela a tendência para os mais novos utilizarem preferencialmente o computador e a internet da parte de manhã e tarde, até às vinte e duas horas, e os mais velhos começarem no período da tarde, prologando-se pela noite dentro. Esta diminuição por parte dos mais novos ao longo do dia, poderá, em princípio, ter como causa o controlo parental quanto à utilização da internet a partir de certa hora. De referir que nenhum inquirido até aos 15 anos e os inquiridos do sexo feminino, que é o género com maior percentagem no estudo efetuado, admitiu a utilização da internet para além das vinte e quatro horas durante os dias de semana. O mesmo não se pode dizer ao fim-de-semana, já que tanto uma como

outra variável acedem à internet e no caso do sexo feminino, com elevada percentagem. Os dados analisados por áreas de estudo mostram que são os ciclos e cursos que têm disciplinas ligadas às TIC que acedem maioritariamente no período da manhã. Ao longo dos períodos restantes há um aumento significativo da área das ciências e tecnologias e uma diminuição do 3º ciclo que leva a pressupor a necessidade de consulta de informação para o estudo ou realização de trabalhos por parte destes alunos, pois os horários são preferencialmente no turno da manhã.

Em resposta à terceira questão, que pretendia perceber que informação os alunos da EBSO “consomem” e como comunicam, o estudo revelou que existe uma nova realidade, que são as redes sociais, que relegaram os jogos e conteúdos desportivos para segundo plano, assim como a música e vídeo que passam para o terceiro lugar comparando com estudos anteriores. A tendência não é a mesma se analisarmos o género, já que o sexo masculino privilegia a informação desportiva, a música e só depois as redes sociais, ao contrário do feminino, em que uma grande maioria as elege como prioritárias. É também este género, em grande maioria, que admite ter feito contacto pessoal com pessoas conhecidas através das redes sociais, um dado a ter em conta devido aos muitos relatos sobre problemas da segurança e abuso provocados por estas plataformas.

Há dois meios de comunicação que se destacam em relação aos outros referenciados neste estudo, o SMS e as redes sociais. O SMS porque é um meio que permite uma comunicação simples e a rede social por poder ser uma forma de apresentação da identidade que serve, na maioria dos casos, para demonstrar o estado de alma, uma causa ou ideia.

De salientar que uma boa percentagem dos inquiridos já utiliza as redes sociais como plataforma de ensino, sendo no entanto as plataformas *moodle*, *slideshare*, *youtube* as que têm a maioria da utilização, devido provavelmente à utilização por parte dos professores para disponibilizar material de apoio às disciplinas. Existe também uma percentagem importante de alunos que refere a *cloud*, na figura da *dropobox* e *googledrive*, como uma plataforma de apoio ao ensino.

No que diz respeito ao tempo despendido pelos alunos com as tecnologias, quer seja para fins lúdicos ou trabalho, o telemóvel sobressai em relação aos outros, sendo usado

mais de quatro horas por dia por uma grande parte dos inquiridos, seguindo-se o acesso à internet e depois o ouvir música. De entre as funções para as quais utilizam estas tecnologias, ressalta a socialização com os amigos tanto no telemóvel como na internet.

Um dado que corrobora a conclusão anterior é que o telemóvel seria a tecnologia mais difícil de deixar de utilizar para uma maioria dos inquiridos, o que demonstra a sua importância no dia-a-dia dos jovens, seguida da não utilização da internet e de deixar de ver televisão. Há uma diferença em relação a estudos anteriores em que a televisão aparecia como a segunda mais difícil e a internet a terceira. Já em relação à mais fácil de deixar é ler em primeiro lugar, ouvir rádio em segundo e ver televisão em terceiro, sendo esta diferente de estudos anteriores que referiram o jogar como sendo a terceira mais fácil.

Concluindo, os alunos da EBSO caracterizam-se como nativos digitais, dando preferência ao telemóvel e com alguns padrões de utilização diferentes dos referidos em estudos já realizados, nomeadamente quanto ao espaço e tempo. A escola vai ter de continuar a adaptar-se a estas tendências, quer em termos de tecnologias quer de plataformas que emergem atualmente por parte da utilização massiva destes jovens, cujos dedos funcionam como prolongamento do pensamento.

## 5.2 LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo, como qualquer outro, apresenta algumas limitações que podem indicar sugestões para futuras investigações.

A maior dificuldade neste estudo foi a implementação do inquérito através de questionário online, pois implicou uma grande organização, tendo em conta as disciplinas e laboratórios de informática disponíveis para a sua realização. A recolha de dados arrastou-se por cerca de um mês, o que levou a alguns desencontros no que estava programado com os colegas que se disponibilizaram a colaborar neste estudo, levando a que duas turmas não realizassem o inquérito.

Também a utilização do questionário como instrumento de recolha de dados pode constituir uma limitação, dadas as eventuais imprecisões inerentes ao seu preenchimento apressado e/ou menos atento.

A triangulação na recolha de dados, através de entrevistas a alunos, por classes de idades, por exemplo, seria uma mais-valia para conhecer os usos das tecnologias através do discurso direto dos jovens inquiridos.

### 5.3 TRABALHO FUTURO

Um trabalho de investigação inicia-se normalmente por uma ideia. No entanto, chegando a esta fase muitas outras ideias surgiram ao longo deste processo. O surgir de novas ideias no final deste trabalho significa que a investigação é um ciclo sem fim. A colocação de questões científicas, a formulação de hipóteses e a comprovação das hipóteses através da formulação de teorias, é um ciclo que gera sempre no final novas questões científicas.

O estudo agora desenvolvido foi centrado nos alunos. Propõe-se para investigações futuras um estudo, cujos atores centrais sejam os professores e outros agentes pertencentes à comunidade escolar e com participação na formação para recolher as perceções sobre esta temática.

De referir o interesse em cruzar os usos que os jovens fazem das tecnologias com os hábitos dos seus pais/família.

Seria também interessante realizar o trabalho com uma amostra mais representativa a nível de agrupamento, de concelho e de anos de escolaridade.

## BIBLIOGRAFIA

- A.Carvalho. (2008). *Manual de Ferramentas da web 2.0 para professores*. (M.Educação, Ed.) (Direcção-G.). Lisboa. Consultado em October 27, 2012 <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8286>,
- As dez tecnologias mais promissoras em 2013. (2013). *Público*. Consultado em November 11, 2013 <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/dez-tecnologias-emergentes-para-2013-1585260><http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/dez-tecnologias-emergentes-para-2013-1585260>,
- Cardoso, G., Espanha, R., Lapa, T., & Araújo, V. (2009). *E-Generation 2008 : Os Usos de Media pelas Crianças e Jovens em Portugal*. Consultado em September 11, 2013 <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr8.pdf>,
- Cardoso, G., Gomes, M. do C., Espanha, R., & Araújo, V. (2007). *Portugal Móvel: Utilização do Telemóvel e Transformação da Vida Social* (pp. 1–71). Consultado em October 04, 2013 <http://www.obercom.pt/client/?newsId=29&fileName=rr4.pdf>,
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação Guia para Auto-aprendizagem* (2<sup>a</sup> ed.). Aberta, Universidade.
- Castro, A. (2013). *Geração Touch – O mundo na ponta dos dedos*. Consultado em September 22, 2013 <http://www.ideiademarketing.com.br/2013/04/08/geracao-touch-o-mundo-na-ponta-dos-dedos/>,
- Coelho, C. U. F., & Haguenaeur, C. (2004). *As tecnologias da informação e da comunicação e sua influência na mudança do perfil e da postura do professor. Colabor@ Revista digital da CVA*. Consultado em December 25, 2013 <http://pead.ucpel.tche.br/revistas/index.php/colabora/article/viewFile/42/104>,
- Coelho, J. D. (2007). *Sociedade de Informação - O Percurso Português Dez Anos de Sociedade da Informação - Análise e Perspectivas*. (E. Sílabo, Ed.) (pp. 1–710).
- Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciência da Educação. (2002). *O particular e o global no virar do milénio: cruzar saberes em educação*. (C. /Sociedade P. de C. da Educação, Ed.). Lisboa.
- Costa, F. A., Peralta, H., & Viseu, S. (2008). *As TIC na Educação em Portugal: Concepções e Práticas*. (P. Editora, Ed.).
- Coutinho, C., & Lisboa, E. (2011). Sociedade da informação, do conhecimento e da aprendizagem: desafios para educação no século XXI. *Revista de Educação*, XVIII, 5–22. Consultado em January 07, 2014 <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/14854>,
- Coutinho, C. P. (2011). TPACK : Em busca de um referencial teórico para a formação de professores em tecnologia educativa, 2. Consultado em November 23, 2013

- <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/13670/3/TPACKCCoutinho.pdf>,  
f,
- Despacho n.º 299/ME/92 de 22 outubro. (1992). Consultado em April 01, 2014  
[http://www.netprof.pt/ApoioProfessor/Legislacao/Professor/Profissional/Desp\\_299ME92.htm](http://www.netprof.pt/ApoioProfessor/Legislacao/Professor/Profissional/Desp_299ME92.htm),
- Ferreira, E., & Tomé, I. (2010). Jovens , Telemóveis e Escola. *Revista Educação, Formação & Tecnologias*, 24–34. Consultado em January 07, 2014  
<http://eft.educom.pt/index.php/eft/article/viewFile/148/85>,
- Ferreira, P. (2006). *Tecnologias, Informação e Educação*. Porto: Politema, Edições.
- Freixo, M. J. V. (2010). *Metodologia científica: fundamentos, métodos e técnicas* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Gabinete do Coordenador Nacional da Estratégia de Lisboa e do Plano Tecnológico. (2009). *Relatório de progresso do plano tecnológico* (pp. 1–217). Consultado em June 16, 2014 <http://www.cnel.gov.pt/document/RelatorioCCPT9Julho09.pdf>,
- Giddens, A. (2006). *O mundo na era da globalização* (6ª Edição., p. 91). Lisboa: Editorial Presença.
- Glutz, P., Bertschi, S., & Locke, C. (2005). Thumb Culture: The Meaning of Mobile Phones for Society (pp. 1–19). Consultado em May 25, 2014  
[http://www.loginb.com/pdf/thumbculture\\_introduction.pdf](http://www.loginb.com/pdf/thumbculture_introduction.pdf),
- Goggin, G. (2006). Cell phone culture: mobile technology in everyday life (pp. 1–11). Routledge. Consultado em March 18, 2014  
[https://www.academia.edu/417650/Cell\\_Phone\\_Culture](https://www.academia.edu/417650/Cell_Phone_Culture),
- Goulão, M. de F. (2011). *Ensinar a aprender na sociedade do conhecimento: o que significa ser Professor?*
- Grawtiz. (1986). *Methodes des sciences sociales* (p. 610). Paris.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2005). *Investigação Por Questionário* (2ª edição.). Lisboa: Edições Sílabo.
- ICP-Anacom. (2010). *Estudo sobre a adesão e o impacto das e . iniciativas*. Consultado em January 07, 2014 <http://www.anacom.pt/render.jsp?contentId=1000836>,
- Koehler, M. (2011). *TPACK – Technological Pedagogical Content Knowledge. TPACK Image*. Consultado em May 10, 2014 <http://mkoehler.educ.msu.edu/tpack/using-the-tpack-image/>,
- Livingstone, S., & Das, R. (2010). *Media, Communication and Information Technologies in the European Family*. Consultado em January 19, 2014  
[http://eprints.lse.ac.uk/29788/1/EF8\\_LSE\\_MediaFamily\\_Education.pdf](http://eprints.lse.ac.uk/29788/1/EF8_LSE_MediaFamily_Education.pdf),



- Mansur, A. F., Gomes, S. S., Lopes, A. M. de A., & Biazus, M. C. V. (2010). Novos rumos para a informática na educação pelo uso da computação em nuvem ( Cloud Education ) : um estudo de caso do google apps. Consultado em November 03, 2013 <http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/252010112729.pdf>,
- Martins, M. A. P. (2012). *A investigação em tecnologia educativa entre 2000 e 2010 em Portugal*. Consultado em October 31, 2013 <http://bibliotecadigital.ipb.pt/handle/10198/7678>,
- MEID. (2010). *Agenda Digital 2015 - Novas tecnologias. Melhor economia* (pp. 1–23). Consultado em November 03, 2013 [http://www.unic.pt/images/stories/noticias/PWP\\_AgendaDigital2015.pdf](http://www.unic.pt/images/stories/noticias/PWP_AgendaDigital2015.pdf),
- Ministério da Educação. (2008a). *Competências TIC*. Consultado em November 12, 2013 <http://www.pte.gov.pt/pte/PT/Projectos/Projecto/index.htm?proj=47>,
- Ministério da Educação. (2008b). Plano Tecnológico da Educação. Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação. Ministério da Educação. Consultado em June 16, 2014 [http://www.pte.gov.pt/idc/idcplg?IdcService=GET\\_FILE&dID=13429&dDocName=002386](http://www.pte.gov.pt/idc/idcplg?IdcService=GET_FILE&dID=13429&dDocName=002386),
- Miranda, G. L. (2007). Limites e possibilidades das TIC na educação. *Revista de Ciências Da Educação*, 3, 41–50.
- Mishra, P., & Koehler, M. J. (2008). Introducing Technological Pedagogical Content Knowledge. *Punya Mishra* 1, 1–16. Consultado em November 23, 2013 [http://punya.educ.msu.edu/presentations/AERA2008/MishraKoehler\\_AERA2008.pdf](http://punya.educ.msu.edu/presentations/AERA2008/MishraKoehler_AERA2008.pdf),
- Moran, J. M. (2011). Tablets para todos conseguirão mudar a escola? Consultado em January 07, 2014 [www.eca.usp.br/moran/tablet.pdf](http://www.eca.usp.br/moran/tablet.pdf),
- Moura, A. M. C. (2011, January 5). *Apropriação do telemóvel como ferramenta de mediação em mobile learning : estudos de caso em contexto educativo*. Consultado em July 14, 2013 <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/13183>,
- NMC. (2013). *Horizon Report - Edição Ensino Superior 2013*. Consultado em November 03, 2013 <http://www.nmc.org/publications/2013-horizon-report-higher-ed>,
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e técnicas de investigação social*. Porto: Areal.
- Parque Escolar. (2014). *Programação e Faseamento do Investimento*. Consultado em July 03, 2014 <http://www.parque-escolar.pt/pt/programa/faseamento-do-investimento.aspx>,
- Pereira, L. M. G. (2011). *Conceções de literacia digital nas políticas públicas – estudo a partir do Plano Tecnológico da Educação*. Consultado em May 20, 2014

- [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19825/1/Luís Miguel Gonçalves Pereira.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/19825/1/Luís%20Miguel%20Gonçalves%20Pereira.pdf),
- Petronilho, A. (2014). Parque Escolar retoma obras em 14 escolas. *Economico*. Consultado em May 03, 2014 [http://economico.sapo.pt/noticias/parque-escolar-retoma-obras-em-14-escolas\\_192623.html](http://economico.sapo.pt/noticias/parque-escolar-retoma-obras-em-14-escolas_192623.html),
- Pinto, M. (2008). Formar para um mundo? que já não existe. *A Página Da Educação*, 174, 2. Consultado em May 20, 2014 <http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=174&doc=12982&mid=2>,
- Plano Tecnológico da Educação em Portugal.pdf*. (n.d.). Consultado em November 03, 2013 [http://www.netprof.pt/ApoioProfessor/Legislacao/Professor/Profissional/Desp\\_299ME92.htm](http://www.netprof.pt/ApoioProfessor/Legislacao/Professor/Profissional/Desp_299ME92.htm),
- Ponte, C. (2011). Uma geração digital? A influência familiar na experiência mediática dos adolescentes. Consultado em July 14, 2013 <http://repositorio-iul.iscte.pt/handle/10071/2968>,
- Portaria n.º 731/2009 de 7 de Julho. (2009). Lisboa: Diário da República, 1.ª série — N.º 129 — Ministério da Educação.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*, 9(5), 1–6. Consultado em August 11, 2013 <http://www.emeraldinsight.com/10.1108/10748120110424816>,
- Prensky, M. (2011). From Digital Natives to Digital Wisdom. *From Digital Natives to Digital Wisdom: Hopeful Essays for 21st Century Education* (Corwin 2012). Consultado em June 17, 2014 [http://marcprensky.com/writing/Prensky-Intro\\_to\\_From\\_DN\\_to\\_DW.pdf](http://marcprensky.com/writing/Prensky-Intro_to_From_DN_to_DW.pdf),
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (5ª edição.). Lisboa: Edições Gradiva.
- Ribeiro, S. A. (2009). *O que é a Web 3.0? Tecnologia- Público*. Consultado em June 10, 2014 <http://www.publico.pt/tecnologia/noticia/o-que-e-a-web-30-1389325>,
- Santos, D. dos. (2014). *A escola que conhecemos vai desaparecer*. *Educar*. Consultado em May 20, 2014 <http://www.educar.editorasegmento.com.br/materia/9303/%E2%80%9Ca-escola-que-conhecemos-vai-desaparecer%E2%80%9D>,
- Sharples, M., Taylor, J., & Vavoula, G. (2005). Towards a Theory of Mobile Learning. In *Mobile technology: The future of learning in your hands* (pp. 1–9). Consultado em February 03, 2014 [http://www.mlearn.org/mlearn2005/CD/papers/Sharples-Theory of Mobile.pdf](http://www.mlearn.org/mlearn2005/CD/papers/Sharples-Theory%20of%20Mobile.pdf),
- Silva, B. D. da. (2001). As tecnologias de informação e comunicação nas reformas educativas em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 14 : 2, 111–153.

Consultado em June 18, 2014  
<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/491>,

Sunkel, G. (2010). TIC para la Educación en América Latina. In *Congreso Iberoamericano de Educación* (pp. 1–7). Consultado em March 03, 2013  
<http://www.oei.es/tic/Sunkel.pdf>,

Tuckman, B. (2005). *Manual de investigação em educação* (3<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Unidade de coordenação do plano tecnológico. (2005). *Plano Tecnológico: Uma estratégia de crescimento com base no Conhecimento, Tecnologia e Inovação*. Consultado em June 16, 2014  
<http://www.cnel.gov.pt/document/OPlanoTecnologico.pdf>,

Universidade Católica Portuguesa, C. (2010). Relatório de resultados do inquérito aos Alunos sobre O Plano Tecnológico da Educação. Consultado em November 03, 2013  
[http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0CEIQFjAD&url=http%3A%2F%2Fwww.pte.gov.pt%2Fidc%2Fidcplg%3FIdcService%3DGET\\_FILE%26dID%3D22992%26dDocName%3D022005924&ei=84XNU7rvLLOM7Aat5oCwDw&usg=AFQjCNF0gKVhyl\\_\\_qFjfGZbqSLHdz33f1A&sig2=mrBESDPU6WY-01MyCncJLA&bvm=bv.71198958,d.ZGU](http://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=4&cad=rja&uact=8&ved=0CEIQFjAD&url=http%3A%2F%2Fwww.pte.gov.pt%2Fidc%2Fidcplg%3FIdcService%3DGET_FILE%26dID%3D22992%26dDocName%3D022005924&ei=84XNU7rvLLOM7Aat5oCwDw&usg=AFQjCNF0gKVhyl__qFjfGZbqSLHdz33f1A&sig2=mrBESDPU6WY-01MyCncJLA&bvm=bv.71198958,d.ZGU),

*What is AECT?* (n.d.). *Association for educational communications and technology*. Consultado em February 21, 2014 <http://www.aect.org/newsite/>,

## ANEXOS

# ANEXO 1

## E-Generation na EBSO

Caro aluno

Com este questionário pretendemos conhecer o uso que os jovens fazem das tecnologias e dos meios de comunicação no seu dia-a-dia. Pretende-se assim, conhecer os usos e atitudes dos alunos da nossa escola em relação à internet, telemóveis, jogos de consola e de computador/televisão/conteúdos audiovisuais e música.

Ao responder ao questionário, solicitamos que clique na resposta que julgar mais correta ou apropriada em relação a cada uma das perguntas. Note que não existem respostas certas ou erradas e a informação fornecida é estritamente confidencial e anónima.

Prevê-se que a resposta à totalidade do questionário ocupe, no máximo, 20 minutos do seu tempo.

O sucesso deste estudo depende muito da sua colaboração, que desde já agradecemos.

### 1 - Dados Pessoais

Solicitamos-lhe alguma informação para podermos efetuar uma caracterização do perfil dos entrevistados:

#### 1 - Sexo\*

- ☐ Masculino  
☐ Feminino

#### 2 - Escalão etário\*

- ☐ 10 aos 11 anos  
☐ 12 aos 13 anos  
☐ 14 aos 15 anos  
☐ 16 aos 17 anos  
☐ 18 aos 19 anos  
☐ 20 aos 21 anos  
☐ >21 anos

#### 3 - Ano de frequência\*

- ☐ 7º ano (ou equivalente)  
☐ 8º ano (ou equivalente)  
☐ 9º ano (ou equivalente)  
☐ 10º ano (ou equivalente)  
☐ 11º ano (ou equivalente)  
☐ 12º ano (ou equivalente)

#### 4 - Área de estudo

- ☐ 3º Ciclo regular  
☐ 3º Curso de Educação e Formação  
☐ Ciências e Tecnologias  
☐ Línguas e Humanidades  
☐ Ciências Sócioeconómicas  
☐ Curso Profissional  
☐ Artes Visuais

#### 5 - Pessoas com quem vive?\*

- ☐ Pai  
☐ Mãe  
☐ Irmão(s)  
☐ Avós  
☐ Outros familiares  
☐ Outras pessoas

#### 6 - Quantos irmãos tem?

#### 7 - Habilitações dos Pais\*

	<= 4ª Classe	1º Cido	2º Cido	3º Cido	Ensino Secundário	Curso Superior	Não Sei
Mãe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pai	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

#### 8 - Emprego/Trabalho dos Pais\*

	Tem Emprego/Trabalho	Está Desempregada/o	Está Reformada/o	Não Sei
Mãe	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pai	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Adicionar item ▼

Após a página 1 Continuar para a página seguinte >

Página 2 de 4

### 2 - Internet

#### 9 - Quantos computadores há em sua casa e de que tipo?\*

	Nenhum	Um	Dois	Três	Mais de três
Portátil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fixo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

10 - Onde se encontra o computador pessoal que costuma utilizar com maior frequência?<sup>24</sup>

- ☐ No meu quarto  
☐ No quarto de familiar  
☐ Na sala de estar  
☐ É portátil  
☐ Outro:

11 - Que tipo de ligação à internet existe em sua casa?<sup>25</sup>

(NS - Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Cabo  
☐ ADSL  
☐ USB de operadores móveis  
☐ Wireless  
☐ Não há ligação à net em minha casa  
☐ NS/NR  
☐ Outro:

12 - Onde é que costuma utilizar a internet?<sup>26</sup>

- ☐ Não utilizo a Internet  
☐ Em casa  
☐ Na escola  
☐ Num cybercafé  
☐ Em deslocações (Acesso móvel)  
☐ Junta Freguesia/Câmara Municipal  
☐ Biblioteca  
☐ Outro:

13 - Em que momento do dia costuma utilizar a internet?<sup>27</sup>

	de manhã	de tarde, até às 20 h	das 20 h às 22 h	das 22 h às 24 h	depois das 24 h	o dia todo
Fim de semana	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
De segunda a sexta-feira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

14 - Quando visita páginas Web, quais dos seguintes conteúdos costuma consultar?<sup>28</sup>

(NS - Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Desporto  
☐ Jogos  
☐ Música  
☐ Software e Informática  
☐ Notícias  
☐ Educativos  
☐ Hobbies  
☐ Culturais  
☐ Vídeos  
☐ Blog  
☐ Sites de Redes Sociais  
☐ NS/NR  
☐ Outro:

15 (A) - Com que frequência costuma utilizar a internet para:<sup>29</sup>

(NS - Não sei NR - Não respondo)

	várias vezes ao dia	1 vez por dia	2 a 3 vezes por semana	1 vez por semana	15 em 15 dias	menos frequentemente	nunca	NS/NR
Enviar e receber mails	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enviar SMS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Telefonar (Ex:Skype)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Chamadas de vídeo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar IMS (Messenger e o Google Talk)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar em Chats ou Fóruns online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Aceder às redes sociais (Hi5, Facebook, Twitter)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ver programas de televisão online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir rádio online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer download de jogos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogar videojogos online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Construir/manter um blog	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Construir/manter um site	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comentar blogs	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**15 (B)- Com que frequência costuma utilizar a internet para:\***  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

	várias vezes ao dia	1 vez por dia	2 a 3 vezes por semana	1 vez por semana	15 em 15 dias	menos frequentemente	nunca	NS/NR
Navegar na blogosfera	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer upload de fotos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer upload de música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer upload de vídeos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer download de fotos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer download de música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer download de vídeo/filmes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ver vídeos/filmes online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Procurar informação através de um motor de busca	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estudar e fazer trabalhos de casa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Realizar compras online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Visitar páginas com conteúdos para adultos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Sites de ambientes virtuais(Ex:Second Life)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Participar em votações online	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**16 - Quando utiliza os programas de mensagens instantâneas tais como messenger, comunica mais: \***

- ☐ Com pessoas de outros locais (amigos da escola, familiares, vizinhos, etc.)
- ☐ Com pessoas que conhecesse em chats
- ☐ Não utilizo este tipo de programas

**17 - Quando utiliza os programas de mensagens instantâneas tais como messenger, costuma aparecer tal como é ou finge ser outra pessoa?\***

(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Mostro-me sempre como sou
- ☐ Às vezes finjo
- ☐ Finjo sempre
- ☐ NS/NR

**18 - Quando participa em chats, comunicas mais:\***

- ☐ Com pessoas de outros locais (amigos da escola, familiares, vizinhos, etc.)
- ☐ Com pessoas que conhecesse em chats
- ☐ Não utilizo este tipo de programas

**19 - Quando participa num chat, costuma aparecer tal como é ou finge ser outra tipo de pessoa?\***

(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Mostro-me sempre como sou
- ☐ Às vezes finjo
- ☐ Finjo sempre
- ☐ NS/NR

**20 - No seu perfil em sites de redes sociais (Ex:Facebook, Hi5, Twitter, etc.), quais destes itens tem preenchidos?\***

- ☐ Não tenho conta neste tipo de sites
- ☐ Nome
- ☐ Data de nascimento
- ☐ Fotografia pessoal
- ☐ Localidade
- ☐ Interesses
- ☐ Vídeos
- ☐ Música
- ☐ N° de telemóvel
- ☐ Outro:

**21 - Mais ou menos quantos amigos tem na sua área de amigos nos sites das redes sociais?\***

(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ menos de 10
- ☐ entre 10 e 19
- ☐ entre 20 e 49
- ☐ entre 50 e 99
- ☐ entre 70 e 99
- ☐ mais de 100
- ☐ NS/NR

**22 - Os amigos que tem na sua área de amigos nestes sites das redes sociais são maioritariamente:**

- ☐ Pessoas que conhece (amigos, familiares, etc.)
- ☐ Pessoas que não conhece pessoalmente

**23 - Já teve contacto pessoal com alguém que tenha conhecido através da internet?**

- ☐ Nunca conheci ninguém através da internet
- ☐ Já fiz amigos através da internet, mas nunca conheci nenhum pessoalmente
- ☐ Já fiz amigos através da internet, e já conheci alguns
- ☐ Tenho e conheci quase todos os amigos que fiz na internet

24 - Com quem costuma estar quando utiliza a internet?  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Sozinho
- ☐ Com um amigo ou amiga
- ☐ Com vários amigos ou amigas
- ☐ Com um irmão ou irmã
- ☐ Com o meu pai
- ☐ Com a minha mãe
- ☐ Com o meu namorado/namorada
- ☐ NS/NR

25 - Quem o ensinou a usar a internet?  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Ninguém, aprendi sozinho
- ☐ Um irmão/irmã
- ☐ O meu namorado/namorada
- ☐ Os meus amigos(as)
- ☐ O meu pai
- ☐ A minha mãe
- ☐ Um professor(a) da escola
- ☐ Outras pessoas
- ☐ NS/NR

26 - Tem algum sistema de proteção instalado quando navega na internet (anti-vírus, filtro de conteúdos)  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ NS/NR

27 - Quando utiliza a internet, como se considera?  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Um principiante
- ☐ Tenho um nível médio
- ☐ O meu nível é avançado
- ☐ Sou um especialista
- ☐ NS/NR

---

28 - A quê, ou a quem, retirou tempo desde que utiliza a internet?  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Família
- ☐ Amigos/as
- ☐ Namorado/a
- ☐ Estudo
- ☐ Televisão
- ☐ Consola de jogos
- ☐ Leitura
- ☐ Lazer/tempos livres
- ☐ Desporto
- ☐ Dormir
- ☐ A nada
- ☐ NS/NR
- ☐ Outro:

29 - Para além de si, quem mais utiliza a internet em sua casa?  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Os meus pais
- ☐ Os meus irmãos/irmãs
- ☐ Outros familiares
- ☐ Mais ninguém
- ☐ Outras pessoas
- ☐ NS/NR

30 - Selecione as plataformas que já utilizou na escola como suporte para as aulas.  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Moodle
- ☐ Redes sociais (Facebook, Hi5, Ning, Twitter,...)
- ☐ Dropbox
- ☐ Skype
- ☐ Escola virtual
- ☐ Partilha de conteúdos (Scribd, Slideshare, Youtube,...)
- ☐ Edição colaborativa (Wikispaces, Googledrive,...)
- ☐ Nenhuma
- ☐ NS/NR

### 3 - Telemóveis

31 - Tem telemóvel?

- ☐ Sim, com carregamento
- ☐ Sim, com assinatura
- ☐ Não

32 - Quem paga as suas despesas do telemóvel?  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Eu próprio
- ☐ Os meus pais
- ☐ Outros familiares
- ☐ NS/NR
- ☐ Outro:

33 - Quanto gasta por semana em telemóvel?

- ☐ Menos de 3 euros
- ☐ Entre 3 e 6 euros
- ☐ Entre 7 e 12 euros
- ☐ Mais de 12 euros
- ☐ Não sei



34 - (A) Em relação ao uso que dá ao seu telemóvel, com que frequência costuma:  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

	várias vezes ao dia	1 vez por dia	2 a 3 vezes por semana	1 vez por semana	15 em 15 dias	menos frequentemente	nunca	NS/NR
Receber chamadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer chamadas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enviar e receber SMS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Enviar e receber MMS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar o despertador	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar a máquina de calcular	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ouvir música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Usar agenda	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Tirar fotografias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

34 - (B) Em relação ao uso que dá ao seu telemóvel, com que frequência costuma:  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

	várias vezes ao dia	1 vez por dia	1 vez por semana	2 a 3 vezes por semana	15 em 15 dias	menos frequentemente	nunca	NS/NR
Ver programas de TV ou vídeos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar Messenger	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar Facebook	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Fazer pequenos filmes	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Jogar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Navegar na internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Utilizar o email	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comprar/fazer download de jogos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Receber alertas por SMS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Comprar/fazer download de toques	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

35 - Quantas chamadas faz em média por dia do seu telemóvel?

36 - Quantas chamadas recebe em média por dia do seu telemóvel?

37 - Quantos SMS envia em média por dia do seu telemóvel?

38 - Quantos SMS recebe em média por dia do seu telemóvel?

39 - Com que pessoa costuma comunicar mais com o telemóvel através de :  
(NS -Não sei NR - Não respondo)

	Com a minha mãe ou pai	Outros familiares	Amigos/as	Namorado/a	NS/NR
Telefonemas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
SMS	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

40 - Com que idade teve o primeiro telemóvel?

**41 - Quem comprou o seu 1º telemóvel?\***

(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Eu próprio
- ☐ O meu pai
- ☐ A minha mãe
- ☐ Um irmão/irmã
- ☐ Outro familiar
- ☐ Um amigo/a
- ☐ Outras pessoas
- ☐ NS/NR

**42 - Quantos telemóveis há em sua casa para além do seu?\***

(NS -Não sei NR - Não respondo)

- ☐ Nenhum
- ☐ Um
- ☐ Dois
- ☐ Três
- ☐ Quatro
- ☐ Mais de quatro
- ☐ NS/NR

#### 4 - Os Media no Quotidiano

**43 - Por dia, quanto tempo passa:**

(NS -Não sei NR - Não respondo)

	Não utilizo	15 min ou menos	de 15 a 30 min	de 30 min a 1 h	de 1 a 2 h	de 2 a 3 h	de 3 a 4 h	4 h ou mais	NS/NR
Na internet	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ver televisão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ouvir rádio	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A ouvir música	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A usar o telemóvel	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A jogar videojogos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**44 - Destas atividades, qual seria, para si...(Difícil)**

(NS -Não sei NR - Não respondo)

	ver TV	ouvir rádio	usar telemóvel	usar internet	ler	jogar videojogos	ouvir música	nenhuma	NS/NR
A mais difícil de deixar de fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A 2ª mais difícil de deixar de fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A 3ª mais difícil de deixar de fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

**45 - Destas atividades, qual seria, para si...(Fácil)**

(NS -Não sei NR - Não respondo)

	ver TV	ouvir rádio	usar telemóvel	usar internet	ler	jogar videojogos	ouvir música	nenhuma	NS/NR
A mais fácil de deixar de fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A 2ª mais fácil de deixar de fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A 3ª mais fácil de deixar de fazer	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

46 - Até que ponto está de acordo com as seguintes frases:

	Discordo totalmente	Discordo em grande parte	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo em grande parte	Concordo totalmente
Os videojogos tiram-me tempo de estudo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os videojogos tiram-me tempo para a família	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os videojogos tiram-me tempo para os amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Estou viciado num videojogo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Há pessoas que não param de jogar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Os videojogos podem tornar-me violento	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto de jogar sozinho	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Costumo enviar SMS de parabéns ou boas festas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A internet é-me muito útil	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A internet pode provocar habitação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A internet pode provocar isolamento e/ou solidão	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Gosto da internet, pois esta é um meio de entreter	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
A internet é um meio de comunicar com amigos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Quando estou online mantenho o meu perfil visível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Obrigado pela sua colaboração

Adicionar item

## ANEXO 2

Ex.ma Subdiretora do Agrupamento de Escolas de Ourém

No âmbito do mestrado Ciências da Educação- Especialização em Utilização Pedagógica das TIC, do Instituto Politécnico de Leiria, estou a realizar um estudo em que pretendo conhecer o uso que os jovens fazem das tecnologias e dos meios de comunicação no seu dia-a-dia. Pretende-se assim, conhecer os usos e atitudes dos alunos da nossa escola em relação à internet, telemóveis, jogos de consola e de computador, televisão/conteúdos audiovisuais e música. Este estudo será realizado a alunos do 3.º ciclo e ensino secundário/profissional.

Numa altura em que os meios de acesso aos dados está em constante evolução, devemos estar preparados para acompanharmos as tendências dos jovens que frequentam ou possam vir a frequentar e caso tenham interesse, terei todo o prazer em partilhar convosco os resultados deste estudo, que considero relevante para a reflexão acerca das tecnologias a utilizar num futuro muito próximo.

Envio o inquérito em formato PDF no sentido de poderem verificar o que irá ser questionado aos alunos.

Encontro-me ao vosso dispor para qualquer esclarecimento,

Cumprimentos  
José Martins

*Autorizado*

*6 novembro 2013*

*S. Fagundes*

## ANEXO 3

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
@10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	NS/NR	Count	3	3	6
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	50,0%	50,0%	100,0%
Quarto		Count	98	99	195
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	49,2%	50,8%	100,0%
Quarto de familiar		Count	8	14	22
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	3,64%	6,36%	100,0%
Sala de estar		Count	62	55	117
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	53,0%	47,0%	100,0%
É portátil		Count	114	177	291
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	39,2%	60,8%	100,0%
Outra(es critério,eto)		Count	18	15	33
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	54,5%	45,5%	100,0%
Total		Count	301	363	664
		% within @10__Onde_se_encontra_o_computador_pessoal_que_costuma_utilizar	45,3%	54,7%	100,0%

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Enviar e receber mails	Nunca	Count	27	36	63
		% within Enviar e receber mails	42,9%	57,1%	100,0%
	NS/NR	Count	7	2	9
		% within Enviar e receber mails	77,8%	22,2%	100,0%
	Várias vezes ao dia	Count	33	29	62
		% within Enviar e receber mails	53,2%	46,8%	100,0%
	1 vez por dia	Count	26	37	63
		% within Enviar e receber mails	41,3%	58,7%	100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count	53	49	102
		% within Enviar e receber mails	52,0%	48,0%	100,0%
	1 vez por semana	Count	30	37	67
		% within Enviar e receber mails	44,8%	55,2%	100,0%
	15 em 15 dias	Count	16	21	37
		% within Enviar e receber mails	43,2%	56,8%	100,0%
	menos frequentemente	Count	109	152	261
		% within Enviar e receber mails	41,8%	58,2%	100,0%
Total		Count	301	363	664
		% within Enviar e receber mails	45,3%	54,7%	100,0%

**@14\_ Quando visita páginas Web quais dos seguintes conteúdos\_c \* @1\_ Sexo Crosstabulation**

		@1_ Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
@14_ Quando visita páginas Web quais dos seguintes conteúdos_c	NS/NR	0	3	3
		0,0%	0,8%	0,5%
	Desporto e Jogos	179	44	223
		59,5%	12,1%	33,6%
	Música e Vídeo	76	92	168
		25,2%	25,3%	25,3%
	Redes Sociais	36	199	235
		12,0%	54,8%	35,4%
	Outros	10	25	35
		3,3%	6,9%	5,3%
Total		301	363	664
		100,0%	100,0%	100,0%

**Enviar SMS na internet ^ @1\_ Sexo Crosstabulation**

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Enviar SMS na internet	Nunca	Count % within Enviar SMS na internet	58 43,6%	75 56,4%	133 100,0%
	NS/NR	Count % within Enviar SMS na internet	10 58,8%	7 41,2%	17 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Enviar SMS na internet	119 46,7%	136 53,3%	255 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Enviar SMS na internet	27 48,2%	29 51,8%	56 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Enviar SMS na internet	16 32,7%	33 67,3%	49 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Enviar SMS na internet	14 50,0%	14 50,0%	28 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Enviar SMS na internet	4 25,0%	12 75,0%	16 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Enviar SMS na internet	53 48,2%	57 51,8%	110 100,0%
	Total	Count % within Enviar SMS na internet	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

**Telefonar (Ex.Skype) \* @1\_\_Sexo Crosstabulation**

			@1__Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Telefonar (Ex.Skype)	Nunca	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	68 38,4%	109 61,6%	177 100,0%
	NS/NR	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	8 66,7%	4 33,3%	12 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	48 45,7%	57 54,3%	105 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	29 53,7%	25 46,3%	54 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	36 47,4%	40 52,6%	76 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	28 54,9%	23 45,1%	51 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	11 35,5%	20 64,5%	31 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	73 46,2%	85 53,8%	158 100,0%
	Total	Count % within Telefonar (Ex. Skype)	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

**Redes sociais(HI5,Facebbok,Twitter) \* @1\_\_Sexo Crosstabulation**

			@1__Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Redes sociais(HI5, Facebbok,Twitter)	Nunca	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	14 40,0%	21 60,0%	35 100,0%
	NS/NR	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	2 50,0%	2 50,0%	4 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	173 48,3%	185 51,7%	358 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	59 42,8%	79 57,2%	138 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	27 41,5%	38 58,5%	65 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	9 39,1%	14 60,9%	23 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	6 50,0%	6 50,0%	12 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	11 37,9%	18 62,1%	29 100,0%
	Total	Count % within Redes sociais (HI5,Facebbok,Twitter)	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

**Ver programas de televisão online \* @1\_Sexo Crosstabulation**

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Ver programas de televisão online	Nunca	Count % within Ver programas de televisão online	55 39,3%	85 60,7%	140 100,0%
	NS/NR	Count % within Ver programas de televisão online	5 62,5%	3 37,5%	8 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Ver programas de televisão online	55 53,4%	48 46,6%	103 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Ver programas de televisão online	28 49,1%	29 50,9%	57 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Ver programas de televisão online	44 45,4%	53 54,6%	97 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Ver programas de televisão online	20 38,5%	32 61,5%	52 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Ver programas de televisão online	14 50,0%	14 50,0%	28 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Ver programas de televisão online	80 44,7%	99 55,3%	179 100,0%
Total		Count % within Ver programas de televisão online	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

**Estudar/fazer trabalhos d ecasa \* @1\_Sexo Crosstabulation**

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Estudar/fazer trabalhos d ecasa	Nunca	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	32 57,1%	24 42,9%	56 100,0%
	NS/NR	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	5 55,6%	4 44,4%	9 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	39 41,1%	56 58,9%	95 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	50 39,7%	76 60,3%	126 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	56 43,4%	73 56,6%	129 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	37 48,7%	39 51,3%	76 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	22 42,3%	30 57,7%	52 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	60 49,6%	61 50,4%	121 100,0%
Total		Count % within Estudar/fazer trabalhos d ecasa	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%



@43\_Por\_dia\_quanto\_tempo\_passa\_A\_usar\_o\_tele móvel \* @1\_Sexo Crosstabulation

		@1_Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
@43_Por_dia_quanto_tem po_passa_A_usar_o_tele mó vel	NS/NR	6	19	25
		24,0%	76,0%	100,0%
	Não utilizo	17	8	25
		68,0%	32,0%	100,0%
	15 min ou menos	45	44	89
		50,6%	49,4%	100,0%
	de 15 a 30 min	29	26	55
		52,7%	47,3%	100,0%
	de 30 a 1 h	41	30	71
		57,7%	42,3%	100,0%
	de 1 h a 2 h	30	39	69
		43,5%	56,5%	100,0%
	de 2 h a 3 h	33	32	65
		50,8%	49,2%	100,0%
	de 3 h a 4 h	19	18	37
		51,4%	48,6%	100,0%
	4 h ou mais	81	147	228
		35,5%	64,5%	100,0%
Total		301	363	664
		45,3%	54,7%	100,0%

@43\_Por\_dia\_quanto\_tempo\_passa\_A\_jogar\_videojogos \* @1\_Sexo Crosstabulation

		@1_Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
@43_Por_dia_quanto_tem po_passa_A_jogar_videojog os	NS/NR	6	33	39
		15,4%	84,6%	100,0%
	Não utilizo	34	176	210
		16,2%	83,8%	100,0%
	15 min ou menos	41	73	114
		36,0%	64,0%	100,0%
	de 15 a 30 min	24	24	48
		50,0%	50,0%	100,0%
	de 30 a 1 h	44	29	73
		60,3%	39,7%	100,0%
	de 1 h a 2 h	51	13	64
		79,7%	20,3%	100,0%
	de 2 h a 3 h	30	9	39
		76,9%	23,1%	100,0%
	de 3 h a 4 h	22	5	27
		81,5%	18,5%	100,0%
	4 h ou mais	49	1	50
		98,0%	2,0%	100,0%
Total		301	363	664
		45,3%	54,7%	100,0%

@43\_Por\_dia\_quanto\_tempo\_passa\_A\_ouvir\_música \* @1\_Sexo Crosstabulation

		@1_Sexo		Total
		Masculino	Feminino	
@43_Por_dia_quanto_tem po_passa_A_ouvir_música	NS/NR	7 36,8%	12 63,2%	19 100,0%
	Não utilizo	9 47,4%	10 52,6%	19 100,0%
	15 min ou menos	51 53,7%	44 46,3%	95 100,0%
	de 15 a 30 min	48 45,3%	58 54,7%	106 100,0%
	de 30 a 1 h	56 46,7%	64 53,3%	120 100,0%
	de 1 h a 2 h	50 41,0%	72 59,0%	122 100,0%
	de 2 h a 3 h	38 48,7%	40 51,3%	78 100,0%
	de 3 h a 4 h	9 31,0%	20 69,0%	29 100,0%
	4 h ou mais	33 43,4%	43 56,6%	76 100,0%
	Total	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

@1_Sexo		@36_Quantas _chamadas_rec ebe_em_média _por_dia_do_se u telemóvel	@35_Quantas _chamadas_faz _em_média_por _dia_do_seu_tel emóvel	@37_Quantos _SMS_envia_e _em_média_por_d ia_do_seu_tele móvel	@38_Quantos _SMS_recebe_ _em_média_por_ dia_do_seu_tel emóvel
Masculino	Mean	3,58	3,20	66,23	69,15
	% of Total N	45,3%	45,3%	45,3%	45,3%
	Minimum	0	0	0	0
	Maximum	50	40	550	700
Feminino	Mean	4,32	3,83	84,67	87,25
	% of Total N	54,7%	54,7%	54,7%	54,7%
	Minimum	0	0	0	0
	Maximum	100	25	700	750
Total	Mean	3,98	3,54	76,31	79,05
	% of Total N	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
	Minimum	0	0	0	0
	Maximum	100	40	700	750

Enviar e receber SMS \* @1\_Sexo Crosstabulation

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Enviar e receber SMS	Nunca	Count % within Enviar e receber SMS	14 50,0%	14 50,0%	28 100,0%
	NS/NR	Count % within Enviar e receber SMS	1 16,7%	5 83,3%	6 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Enviar e receber SMS	222 45,5%	266 54,5%	488 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Enviar e receber SMS	22 44,0%	28 56,0%	50 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Enviar e receber SMS	19 46,3%	22 53,7%	41 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Enviar e receber SMS	3 27,3%	8 72,7%	11 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Enviar e receber SMS	1 25,0%	3 75,0%	4 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Enviar e receber SMS	19 52,8%	17 47,2%	36 100,0%
	Total	Count % within Enviar e receber SMS	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

Utilizar Facebook \* @1\_Sexo Crosstabulation

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Utilizar Facebook	Nunca	Count % within Utilizar Facebook	81 43,1%	107 56,9%	188 100,0%
	NS/NR	Count % within Utilizar Facebook	1 20,0%	4 80,0%	5 100,0%
	Várias vezes ao dia	Count % within Utilizar Facebook	116 48,9%	121 51,1%	237 100,0%
	1 vez por dia	Count % within Utilizar Facebook	35 40,7%	51 59,3%	86 100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count % within Utilizar Facebook	16 41,0%	23 59,0%	39 100,0%
	1 vez por semana	Count % within Utilizar Facebook	13 43,3%	17 56,7%	30 100,0%
	15 em 15 dias	Count % within Utilizar Facebook	7 63,6%	4 36,4%	11 100,0%
	menos frequentemente	Count % within Utilizar Facebook	32 47,1%	36 52,9%	68 100,0%
	Total	Count % within Utilizar Facebook	301 45,3%	363 54,7%	664 100,0%

**Utilizar o email \* @1\_\_Sexo Crosstabulation**

			@1__Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Utilizar o email	Nunca	Count	114	151	265
		% within Utilizar o email	43,0%	57,0%	100,0%
	NS/NR	Count	2	4	6
		% within Utilizar o email	33,3%	66,7%	100,0%
	Várias vezes ao dia	Count	37	28	65
		% within Utilizar o email	56,9%	43,1%	100,0%
	1 vez por dia	Count	32	32	64
		% within Utilizar o email	50,0%	50,0%	100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count	9	22	31
		% within Utilizar o email	29,0%	71,0%	100,0%
	1 vez por semana	Count	17	25	42
		% within Utilizar o email	40,5%	59,5%	100,0%
	15 em 15 dias	Count	12	15	27
		% within Utilizar o email	44,4%	55,6%	100,0%
	menos frequentemente	Count	78	86	164
		% within Utilizar o email	47,6%	52,4%	100,0%
	Total	Count	301	363	664
		% within Utilizar o email	45,3%	54,7%	100,0%

**Utilizar o despertador \* @1\_\_Sexo Crosstabulation**

			@1__Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Utilizar o despertador	Nunca	Count	43	57	100
		% within Utilizar o despertador	43,0%	57,0%	100,0%
	NS/NR	Count	2	4	6
		% within Utilizar o despertador	33,3%	66,7%	100,0%
	Várias vezes ao dia	Count	73	93	166
		% within Utilizar o despertador	44,0%	56,0%	100,0%
	1 vez por dia	Count	138	158	296
		% within Utilizar o despertador	46,6%	53,4%	100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count	7	8	15
		% within Utilizar o despertador	46,7%	53,3%	100,0%
	1 vez por semana	Count	3	6	9
		% within Utilizar o despertador	33,3%	66,7%	100,0%
	15 em 15 dias	Count	3	10	13
		% within Utilizar o despertador	23,1%	76,9%	100,0%
	menos frequentemente	Count	32	27	59
		% within Utilizar o despertador	54,2%	45,8%	100,0%
	Total	Count	301	363	664
		% within Utilizar o despertador	45,3%	54,7%	100,0%

Usar agenda \* @1\_\_Sexo Crosstabulation

			@1_Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Usar agenda	Nunca	Count	51	67	118
		% within Usar agenda	43,2%	56,8%	100,0%
	NS/NR	Count	2	4	6
		% within Usar agenda	33,3%	66,7%	100,0%
	Várias vezes ao dia	Count	54	71	125
		% within Usar agenda	43,2%	56,8%	100,0%
	1 vez por dia	Count	39	40	79
		% within Usar agenda	49,4%	50,6%	100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count	29	43	72
		% within Usar agenda	40,3%	59,7%	100,0%
	1 vez por semana	Count	18	20	38
		% within Usar agenda	47,4%	52,6%	100,0%
	15 em 15 dias	Count	16	19	35
		% within Usar agenda	45,7%	54,3%	100,0%
	menos frequentemente	Count	92	99	191
		% within Usar agenda	48,2%	51,8%	100,0%
Total	Count	301	363	664	
	% within Usar agenda	45,3%	54,7%	100,0%	

Tirar fotografias \* @1\_\_Sexo Crosstabulation

			@1__Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
Tirar fotografias	Nunca	Count	29	32	61
		% within Tirar fotografias	47,5%	52,5%	100,0%
	NS/NR	Count	3	6	9
		% within Tirar fotografias	33,3%	66,7%	100,0%
	Várias vezes ao dia	Count	87	100	187
		% within Tirar fotografias	46,5%	53,5%	100,0%
	1 vez por dia	Count	30	47	77
		% within Tirar fotografias	39,0%	61,0%	100,0%
	2 a 3 vezes por semana	Count	46	57	103
		% within Tirar fotografias	44,7%	55,3%	100,0%
	1 vez por semana	Count	21	33	54
		% within Tirar fotografias	38,9%	61,1%	100,0%
	15 em 15 dias	Count	20	17	37
		% within Tirar fotografias	54,1%	45,9%	100,0%
	menos frequentemente	Count	65	71	136
		% within Tirar fotografias	47,8%	52,2%	100,0%
Total	Count	301	363	664	
	% within Tirar fotografias	45,3%	54,7%	100,0%	

**@23\_\_Já teve contacto pessoal com alguém que tenha conhecido\_at ' @1\_\_Sexo Crosstabulation**

			@1__Sexo		Total
			Masculino	Feminino	
@23__Já teve contacto pessoal com alguém que tenha conhecido_at	Nunca conheci ninguém na internet	Count	148	200	348
		% within @1__Sexo	49,2%	55,1%	52,4%
	Fiz amigos através da internet, mas nunca conheci nenhum	Count	64	61	125
		% within @1__Sexo	21,3%	16,8%	18,8%
	Fiz amigos através da internet, mas já conheci alguns	Count	81	90	171
		% within @1__Sexo	26,9%	24,8%	25,8%
	Tenho e conheci quase todos os amigos que fiz na internet	Count	8	12	20
		% within @1__Sexo	2,7%	3,3%	3,0%
Total	Count	301	363	664	
	% within @1__Sexo	100,0%	100,0%	100,0%	